



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Aline da Silva Fernandes Dias

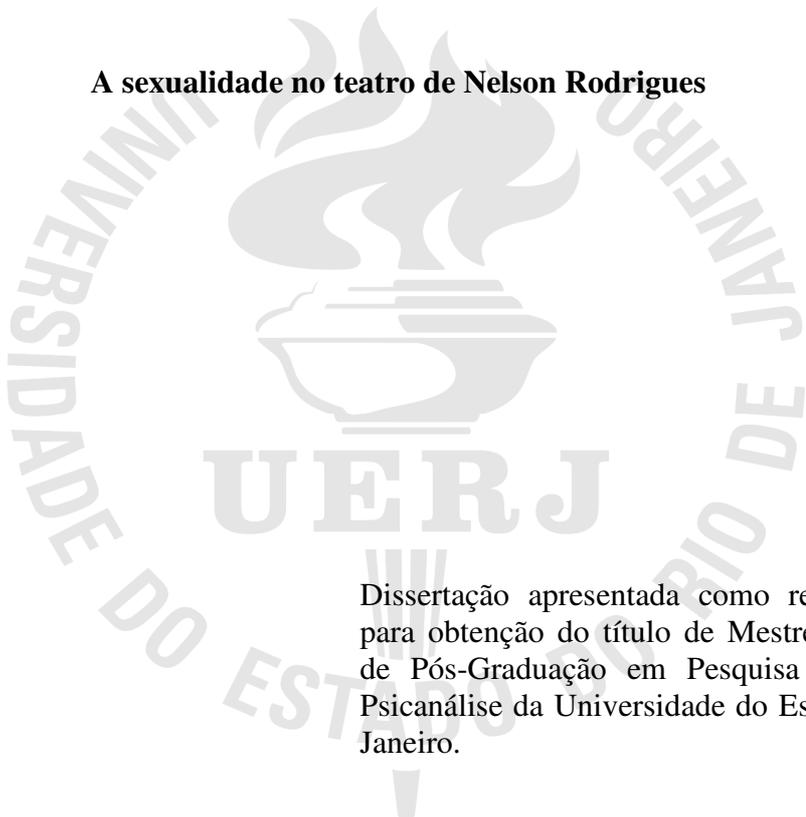
A sexualidade no teatro de Nelson Rodrigues

Rio de Janeiro

2016

Aline da Silva Fernandes Dias

A sexualidade no teatro de Nelson Rodrigues



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nadiá Paulo Ferreira

Rio de Janeiro

2016

Assinatura

Data

Aline da Silva Fernandes Dias

A sexualidade no teatro de Nelson Rodrigues

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 20 de dezembro de 2016.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Nadiá Paulo Ferreira (orientadora)
Instituto de Literatura Portuguesa - UERJ

Prof.^a Dr.^a Elizabeth da Rocha Miranda
Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marco Antônio Coutinho Jorge
Instituto de Psicologia - UERJ

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha orientadora Nadiá Paulo Ferreira com suas contribuições que me ajudaram na evolução da minha escrita durante o desenvolvimento deste texto e ao programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Uerj por ter me dado essa oportunidade.

Sou grata a todos os professores do mestrado pelas aulas dadas e textos sugeridos que enriqueceram a minha pesquisa e me levaram a um aprofundamento no campo da psicanálise. E, em especial, Marco Antônio Coutinho Jorge e Elizabeth da Rocha Miranda que aceitaram fazer parte da banca examinadora dessa dissertação.

Também quero deixar claro meu agradecimento à minha família que me ajudou e me apoiou durante a execução desse mestrado. E meus amigos que confiaram em mim e me incentivaram a ingressar nesse projeto.

Acredito que a maior tragédia do homem ocorreu quando ele separou o amor do sexo. A partir de então, o ser humano passou a fazer muito sexo e pouco amor. Não passamos do desejo, eis a verdade. Todo desejo, como tal, se frustra com a posse. A única coisa que dura para além da vida e da morte é o amor.

RESUMO

DIAS, Aline da Silva Fernandes. **A sexualidade no teatro de Nelson Rodrigues**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A presente dissertação aborda a questão da sexualidade na psicanálise e nas peças de Nelson Rodrigues, articulando a teoria da sexualidade de Freud e Lacan e também as idéias de outros psicanalistas que escrevem sobre o assunto. Para esse objetivo, no primeiro capítulo conheceremos um pouco da vida e obra do dramaturgo Nelson Rodrigues, considerado por muitos um gênio da literatura brasileira, com suas características peculiares e irreverentes em sua obra. O segundo capítulo constitui um estudo teórico sobre o tema da sexualidade na psicanálise, relevando os aspectos principais desse tema polêmico por apresentar uma sexualidade humana da ordem pulsional, do prazer e não instintiva. Para isso, será apresentada a teoria da sexualidade infantil e perverso polimorfa e a teoria das pulsões. Também faremos um recorte sobre o recalque e sintoma como destino pulsional. Explicaremos os conceitos de amor, desejo e gozo, já que estes conceitos se referem às três grandes vertentes das manifestações sexuais na vida das pessoas. E, por fim, no terceiro capítulo, buscamos confirmar e ilustrar esses pressupostos teóricos através da interação desses conceitos com as falas, atitudes e características das personagens do teatro de Nelson. Também abordaremos os conceitos sobre degradação e devastação, Complexo de Édipo e mostraremos uma parte do esquema R de Lacan para apresentar uma rivalidade e delírio de ciúmes nas personagens. Selecionamos a peça *Álbum de Família* para apresentar essas idéias por conter os aspectos destacados nessa pesquisa sobre a sexualidade, mas utilizaremos também personagens de outras peças para que haja uma melhor compreensão do tema. O trabalho se caracteriza como uma pesquisa de cunho psicanalítico e de forma a realizar uma interlocução entre a psicanálise e a literatura.

Palavras-chave: Psicanálise. Sexualidade. Pulsão.

RÉSUMÉ

DIAS, Aline da Silva Fernandes. **La sexualité dans le théâtre de Nelson Rodrigues**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Cette recherche porte sur la question de la sexualité dans la psychanalyse et dans les pièces de Nelson Rodrigues, rendant l'articulation de la théorie de la sexualité de Freud et Lacan et d'autres psychanalystes que traite cette question. A cet effet, dans le premier chapitre nous allons connaître un peu de vie et du travail de cet dramaturge Nelson Rodrigues, considéré par beaucoup comme un génie de la littérature brésilienne, avec ses caractéristiques originales et irrévérencieux dans son travail. Le deuxième chapitre est une étude théorique sur le thème de la sexualité dans la psychanalyse, mettant en évidence les principaux aspects de cette question controversée en présentant une sexualité humaine de l'ordre pulsionnel, du plaisir et non instinctive. Pour cela, nous allons présenter la sexualité infantile et pervers polymorphe et la théorie de las pulsions. Nous allons aussi faire une coupe sur la répression et des symptômes comme destination de la pulsion. Nous expliquons les concepts de l'amour, le désir et le plaisir, car ces concepts portent sur les trois principaux domaines de manifestations sexuelles dans la vie des gens. Et enfin, dans le troisième chapitre, nous cherchons à confirmer et illustrer ces hypothèses théoriques grâce à l'interaction de ces concepts avec les mots, les attitudes et les caractéristiques des personnages de Nelson. Aussi, nous discutons les concepts de la dégradation et de la dévastation, complexe d'Edipe et nous allons montrer une partie du schéma R Lacan pour présenter une rivalité et la jalousie délire des personnages. Nous avons sélectionné le jeu *Álbum de Família* pour présenter ces idées pour contenir les questions soulevées dans cette recherche sur la sexualité, mais aussi nous utiliserons des caractères provenant d'autres jeu afin qu'il y ait une meilleure compréhension du sujet. Le travail se caractérise comme une recherche psychanalytique et dans le but de mener un dialogue entre la psychanalyse et la littérature.

Mots-clés: Psychanalyse. Sexualité. Pulsión.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	CONHECENDO NELSON	11
1.1	Início da vida: infância, juventude e família	11
1.2	A tragédia	14
1.3	A crise na família e a doença de Nelson	16
1.4	A vida amorosa	18
1.5	O Fim	20
1.6	A obra	21
2	A SEXUALIDADE HUMANA NA TEORIA PSICANALÍTICA	26
2.1	A sexualidade infantil	29
2.2	As pulsões	34
2.3	As relações do recalque e do sintoma com as pulsões	42
2.4	Eis a questão: amor, desejo ou gozo?	47
3	O TEATRO DESAGRADÁVEL E A PSICANÁLISE	55
3.1	Degradação e devastação das mulheres	57
3.2	Complexo de Édipo e Nome-do-Pai	63
3.3	Desejo	71
3.4	Gozo	78
3.5	Amor	80
3.6	Rivalidade imaginária e delírio de ciúmes	85
	CONCLUSÃO	89
	REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

A psicanálise se interessa por tudo que escapa a intencionalidade do discurso. Ou, seja, a psicanálise trata daquilo que, de certo modo, todo mundo sabe, mas ninguém quer saber. Um dos vínculos que poderíamos estabelecer entre a psicanálise e a arte é o interesse por isso que *ninguém quer saber*.

Sigmund Freud, o pai da psicanálise, descobriu o inconsciente revelando a terceira ferida narcísica da humanidade. A primeira ferida narcísica da humanidade se refere ao fato de que nos foi revelado por Copérnico que a terra não é o centro do universo mas sim o sol, ele que é o centro do nosso sistema planetário. Enquanto a segunda ocorreu quando Darwin revelou que o homem é uma evolução do macaco.

A terceira ferida narcísica se refere ao fato de que o homem é movido por razões das quais ele não tem consciência e nem controle, pois as ações das pessoas são governadas pelo inconsciente, sem elas perceberem. E Jacques Lacan reafirma o que Freud havia dito que a realidade do inconsciente é sexual.

Portanto, a presente dissertação se dedica a abordar a complexidade da sexualidade humana e fazer uma interação entre a psicanálise e a literatura, a partir de uma estudo de uma parte da obra do autor brasileiro Nelson Rodrigues, que foi estigmatizado como escritor maldito e foi acusado de tarado e imoral por conta de tantas questões sobre a sexualidade que aparecem em sua obra.

Nelson Rodrigues, que criticava a psicanálise, mostrou com seu teatro não só a existência desse lugar excêntrico descoberto por Freud, o inconsciente, mas também ilustra com o drama dos seus personagens diversos conceitos psicanalíticos. O *Teatro Completo de Nelson Rodrigues*, que contém dezessete peças, relewa a força da sexualidade que impera nessas personagens apontando para o caráter indomável das pulsões, através dos conflitos das personagens e dos desfechos dos dramas encenados.

A força da sexualidade que aparece no teatro de Nelson nos remete a teoria da sexualidade na psicanálise. Freud revela que a sexualidade humana é da ordem pulsional, sempre exercendo pressão para se satisfazer e que essa satisfação é sempre parcial. A teoria freudiana também associa a formação de sintomas ao recalque das forças pulsionais.

Todas as personagens do teatro de Nelson Rodrigues sucumbem as forças pulsionais. É nesse sentido que podemos afirmar que o destino dessas personagens é a degradação e um fim trágico.

Lacan, lembrando os ditos de Freud, diz que o artista sempre precede o psicanalista. Então, em vez de psicanalisar o autor, deve-se abrir os olhos para o caminho desbravado pelo artista. Justamente por isto, este trabalho não pretende fazer uma análise do escritor, mas sim uma leitura dos dramas engendrados pelo recalque das pulsões.

Nelson Rodrigues foi também um exímio frasista. Como exemplo podemos destacar a tão conhecida frase *Toda Mulher Gosta de Apanhar*, que teve uma repercussão horrível. Perguntavam muito a seus filhos na escola “sua mãe já apanhou hoje?”. A própria Elsa (esposa de Nelson) também sofreu com esse tipo de pergunta e pediu ao Nelson para esclarecer as pessoas. Mas ele, que não era um homem violento e nunca agrediu nenhuma mulher, disse simplesmente: “Meu anjo, eu não tenho de explicar nada. Se a pessoa é burra e não entende, o problema é dela. Burro nasce que nem capim.” (CASTRO, 1992, p. 241)

Essa frase foi escrita por ele em *A vida como ela é...* após presenciar um episódio na rua onde morava naquele momento no bairro do Andaraí. O fato é que a grande fonte de Nelson era a realidade.

O acontecimento foi o seguinte: um marido, que era tido como banana e que sempre foi muito humilhado e maltratado pela esposa, um dia deu-lhe uma surra de cinto no meio da rua. A vizinhança toda viu e as mulheres torciam por ele. Mas, após cansar de bater, parou e a sua mulher atirou-se sobre ele aos beijos. E, a partir disso, começou a andar de braços dados com ele e com nariz empinado. Diante disso, saiu a polêmica frase que segundo Castro, estava mais para *Que mulher pode gostar de um banana?*

Também ressaltamos outra frase escrita após acontecer um suicídio na época de um casal que foi impedido de ficar juntos: *Quem nunca desejou morrer com o ser amado, não amou, nem sabe o que é amar.*

Quando o romance de uma jovem de dezenove anos com seu professor de violino com 49 anos (casado e com dois filhos) foi descoberto, a mãe da menina fez de tudo para separá-los. Enviou-a para Salvador, mas ele foi atrás dela e a trouxe de volta, e eles se esconderam em um hotel. A polícia os encontrou e a família a internou em um sanatório.

A história vazou para os jornais e as pessoas ficaram a favor do casal e contra a mãe. A família da menina correu na vizinhança um abaixo-assinado de “desagravo à mãe” que chegou as mãos de Nelson que profetizou: “não assino nada! Vocês vão acabar matando essa menina!”. (CASTRO, 1992, p. 268) Dois dias depois, permitiram a visita do professor à menina. Eles tomaram formicida com guaraná em um quatinho e foram encontrados mortos lado a lado.

Portanto, a aproximação entre o teatro de Nelson Rodrigues e a teoria psicanalítica se dá pela importância que o sexual adquire na vida do homem. E, para fazer essa interseção entre a teoria da sexualidade na psicanálise e as personagens rodrigueanas, essa dissertação se divide em 3 capítulos, que estão citados abaixo, visando uma compreensão abrangente desse tema.

O primeiro capítulo trata da vida e da obra do escritor Nelson Rodrigues, no que se refere aos pontos mais importantes para a leitura de seu teatro, pois, considera-se fundamental conhecer aspectos da vida pessoal do Nelson, marcadas por tragédias e acontecimentos que se assemelham à seus escritos.

O segundo capítulo discorre sobre a questão da sexualidade humana na teoria psicanalítica. Neste momento, serão expostos alguns dos principais conceitos sobre essa questão, incluindo a teoria da sexualidade como infantil e perverso polimorfa, a teoria das pulsões e os seus desdobramentos na vida sexual como o recalque e o sintoma e uma articulação entre os conceitos de desejo, amor e gozo.

E o terceiro capítulo aborda conceitos da psicanálise a partir da peça selecionada *Álbum de Família* (1945) e de algumas outras personagens das peças de Nelson. A partir de uma leitura comentada dessa peça em especial, pretende-se investigar questões da sexualidade, articulando os pressupostos psicanalíticos com as falas, atitudes e características das personagens rodrigueanas, de forma a realizar uma interação entre a psicanálise e o teatro desagradável de Nelson Rodrigues.

1 CONHECENDO NELSON

Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico.

Nelson Rodrigues

Este primeiro capítulo é dedicado à biografia de Nelson Rodrigues. Com 13 anos, ele começou a trabalhar, no jornal do seu pai, *A Manhã*, como repórter policial. Com 16 anos, no mesmo jornal, ele passou a fazer parte da equipe dos editorialistas. Abandonou a escola na terceira série do ginásio e nunca mais parou de escrever crônicas, folhetins, romances e teatro... Foi consagrado pela crítica como gênio e escritor maldito.

Sábato Magaldi, que organizou o *Teatro Completo* de Nelson, escreveu que “poucos dramaturgos revelam, como Nelson Rodrigues, um imaginário tão coeso e original, e com um espectro tão amplo de preocupações psicológicas, existenciais, sociais e estilísticas.” (MAGALDI, 1993, p. 12).

Ele precisou escrever muito para sustentar a si mesmo e a sua família. Quando faleceu aos 68 anos, ele parecia bem mais velho. Talvez esse semblante envelhecido seja a marca de todos os dramas e tragédias que envolveram sua vida.

1.1 Início da vida: infância, juventude e família

Nelson nasceu no dia 23 de agosto de 1912 em Recife, quinto filho num total de irmãos que chegariam a quatorze. Em 1916, a família foi viver no Rio de Janeiro, onde seu pai exerceu a função de jornalista e foi eleito deputado.

Aos 7 anos, Nelson pediu à sua mãe para ir para a escola. Ela o matriculou na escola Prudente de Moraes, a dois quarteirões de sua casa. Quando tinha 8 anos, aconteceu uma história que depois se tornaria uma de suas favoritas.

Ele participou de um concurso de redação em sua escola, onde a melhor redação seria lida em voz alta. A redação de Nelson não tinha como não ser premiada porque era a melhor, mas, por causa do conteúdo, não pôde ser lida em voz alta e uma outra redação então foi eleita e lida. Mas, no fundo, ele sabia que havia sido o único vencedor.

O tema da redação era sobre adultério. Mesmo em idade tão precoce, Nelson já escrevia sobre um assunto polêmico, sempre presente em toda sua carreira de autor. A redação contava a seguinte história: “um marido chega de surpresa em casa, entra no quarto, vê a mulher nua na cama e o vulto de um homem pulando pela janela e sumindo na madrugada. O marido pega a faca e liquida a mulher. Depois ajoelha-se e pede perdão.” (CASTRO, 1992, p.24).

Os temas de adultério e assassinato são os preferidos de suas peças. Como ilustração, podemos citar a peça *Valsa nº6* (1951), que é um monólogo sobre a vida da personagem Sônia, que foi esfaqueada por seu amante Paulo, que era um homem mais velho e casado. A peça começa com Sônia, já morta, lembrando o caso que teve com seu amante e assassino.

Sônia e Paulo sucumbem a força da sexualidade que os impulsiona a tragédia. Paulo era médico, casado e com filhos. Sônia tinha 14 anos. O médico a mata. A peça termina com os seguintes dizeres:

É que, mesmo ferida, mesmo com o punhal enterrado nas costas...
 A vítima ainda queria estar tocando.
 Vocação, ora essa!
 Nessas ocasiões, eu tenho muita pena de quem fica!
 E eu de quem morre.
 Mas não tem comparação.
 Eu hem.
 Claro!Porque quem fica chora...
 E o defunto?
 O defunto nem sabe que morreu! (RODRIGUES, 1993, p. 229-230).

Essa peça ilustra a visão rodrigueana da sexualidade. A força das pulsões dominam as personagens que só se libertam delas através da morte. No teatro, a presença constante de assassinatos, suicídios e parricídios indicam a visão de Nelson sobre a sexualidade do homem. Ou seja, homens e mulheres, por não resistirem às forças das pulsões, têm um fim trágico.

Na adolescência, Nelson sofria de paixões não-correspondidas. É dessa época a frase que gostava de repetir “eu sou um triste”. Aos 14 anos, iniciou sua vida sexual com uma prostituta. A partir daí, virou freguês de prostíbulos. Inicialmente, tentou, em vão, converter as profissionais do sexo. Tentativas que, segundo seu biógrafo Ruy Castro, só as faziam rir.

Existem várias personagens nas peças de Nelson que são prostitutas como *Dorotéia* (1949). As mulheres da família de Dorotéia têm um defeito de visão que as impedem de ver homens e se casam com maridos invisíveis. Desde que a bisavó sentiu uma náusea na noite de seu casamento, porque amava um homem e se casou com outro, todas as mulheres na família também sentem a náusea. Dorotéia, muito bonita, sempre enxergou os homens e fugiu com um que morreu porque tinha medo de não sentir a tal indisposição. Ela se tornou prostituta e teve um filho com um de seus amantes. Após a morte desse filho, Dorotéia retorna para sua família para ser salva. Assim, a peça se inicia.

Em *Bonitinha, mas ordinária* (1962), a personagem *Ritinha* finge que leciona mas se prostitui para salvar a mãe e as irmãs. Também podemos destacar a personagem Geni em *Toda nudez, será castigada* (1956) que se casa com Herculano e sai da zona mas vira amante do filho dele que se chama Serginho.

Nelson disse a seguinte frase anos após suas aventuras em prostíbulos: *toda prostituta é vocacional, assim como o pintor, o violinista ou o chofer de táxi*. Para ele, nenhuma mulher, mesmo com grandes dificuldades financeiras, poder-se-ia tornar prostituta, sem que houvesse uma vocação nata.

Durante sua juventude, Nelson foi um ávido leitor. Lia tudo o que aparecia pela frente. Leu *Crime e Castigo* de Dostoiévski, pela primeira vez, aos 13 anos. Segundo Castro,

variavam os autores, mas no fundo era uma coisa só: a morte punindo o sexo ou o sexo punindo a morte – ou as duas coisas de uma vez, no caso de amantes que resolviam morrer juntos. A forma é que era sensacional: tramas intrincadas envolvendo amores impossíveis, pactos de sangue, pais sinistros, purezas inalcançáveis, vinganças tenebrosas e cadáveres a granel. Um ou outro autor dava uma pitada a mais de perversidade condenado a heroína à lepra ou a tuberculose, males tão vulgares nesses romances quanto corizas. (CASTRO, 1992, p. 29-30).

Seu pai, Mário Rodrigues, depois de estar residindo alguns anos no Rio de Janeiro, se tornou editorialista no jornal em que trabalhava *O Correio da Manhã*. Este jornal, que chegou a vender muito, foi fechado em 1922, devido a um artigo que foi considerado de incitamento à revolta. Mário Rodrigues foi condenado a um ano de prisão e uma multa.

Quando saiu da prisão, brigou com seu patrão, Edmundo Bittencourt, e fundou seu próprio jornal, *A Manhã*, que foi lançado pela primeira vez em 29 de dezembro de 1925, dia em que Nelson Rodrigues entrou pela primeira vez na redação desse jornal.

Seu pai despejava fagulhas em seus oponentes e *A Manhã* foi alvo de muitos processos. No ano de 1928, Mário Rodrigues perdeu o título de proprietário do jornal para seu sócio Antônio Faustino Porto por conta de dívidas. Mas, apenas 49 dias depois de perder *A Manhã*,

no dia de seu 43º aniversário, Mário Rodrigues lançou seu novo jornal *Crítica*, “o de mais escandaloso sucesso” (CASTRO, 1992, p. 68).

O jornal *Crítica* possuía 8 páginas, a primeira quase sempre política e a última sempre policial. Nelson Rodrigues e Jofre, seu irmão mais novo, trabalhavam na parte dos esportes. A sensação do jornal era a última página, dedicada aos crimes. Segundo Castro,

ninguém vira nada igual. Diariamente a ‘caravana’ de ‘Crítica’ descobria um caso aterrador do submundo carioca e o explorava até o último pingo de sangue ou esperma: casais que se esquetejavam por ciúme, filhos que torturavam pais entrevados, mães que seduziam filhos, irmãs que se matavam pelo mesmo homem, padres estupradores e toda sorte de adultérios (CASTRO, 1992, p. 69).

A *caravana da Crítica*, como eram conhecidos os trabalhadores que estavam envolvidos em buscar sempre novas reportagens, estava sempre atrás de um furo. Os jornalistas de outras redações viviam comentando que um dia alguém em *Crítica* ainda levaria um tiro. O jornal, que publicava principalmente notícias políticas e reportagens policiais, provocou uma tragédia que abalou Nelson e toda a sua família.

1.2 A tragédia

Na manhã do dia 26 de dezembro de 1929, o jornal publicou uma reportagem sobre o desquite da madame Sylvia Thibau, insinuando uma traição, o que era completamente desmoralizante na época.

Nesse mesmo dia, Mário Rodrigues não foi trabalhar. Mas ele leu, como era de hábito, na cama, antes de descer para o café, a matéria da primeira página, a qual dizia: *Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso caso de desquite* (CASTRO, 1992, p.84).

Mário achou a matéria infeliz e não fazia a mínima ideia do que o esperava. Ao chegar da tarde deste mesmo dia, Sylvia Seraphim, ex-Thibau, que já havia pedido ao jornal para não publicar a reportagem e negava as acusações, arrumou-se, comprou o revólver *Gallant* com balas calibre 22, enfiou-o na bolsa e foi para a redação de *Crítica*.

Sylvia entrou na redação, onde estavam Roberto e Nelson Rodrigues, entre outros. Como Mário Rodrigues estava ausente e a sala do diretor vazia, a madame, que era mãe de dois filhos e uma mulher atraente e bonita, chamou Roberto para conversar. Ele se levantou e

caminhou até a sala do diretor, onde entraram. Nesse momento, Nelson tomou o rumo da escada, pois pretendia ir ao café da esquina.

A conversa durou apenas um minuto: todos ouviram uns sons inteligíveis, um tiro e um grito. Nelson que ouviu o tiro quando estava no fim da escada, voltou correndo de quatro em quatro degraus e chegou à sala “no momento em que Roberto largava a mão de Sylvia e acabava de tombar no assoalho ensanguentado.” (CASTRO, 1992, p. 90)

Sylvia, aos 27 anos, não reagiu, apenas disse: “podem me largar. Eu não faço mais nada. Queria apenas matar o doutor Mário Rodrigues ou o seu filho. Estou satisfeita.” (CASTRO, 1992, p. 90) E foi o fim de Roberto Rodrigues naquele dia, deixando a mulher Elsa grávida e dois filhos. E também deixou todos os Rodrigues abalados, em especial o pai que não se consolou.

Mário Rodrigues passou a beber muito, se descuidou, envelheceu, emagreceu e, no dia 05 de março de 1930, 67 dias após a morte de Roberto, teve uma trombose cerebral e morreu 10 dias depois.

Nelson presenciou toda aquela cena de violência brutal aos dezessete anos e quatro meses, e, o seu biógrafo Ruy Castro alerta para o fato de que ninguém conseguirá penetrar no teatro de Nelson sem entender essa tragédia. (CASTRO, 1992, p. 94)

É importante destacar que na madrugada do dia 23 de agosto, Nelson ouviu pelo seu rádio sem acreditar a absolvição de Sylvia Seraphim pelo assassinato de seu irmão, dia em que completou 18 anos. O fato é que a cidade estava maciçamente a favor dela, mesmo com todas as acusações de Mário Rodrigues, que foram realizadas todos os dias durante seu restante de vida.

Foi uma grande tragédia na vida de Nelson, que achava que todo autor era autobiográfico e que se utilizou de aspectos de sua realidade para escrever. Magaldi destaca:

Afirmando que todo autor é autobiográfico, Nelson Rodrigues explica a incidência de episódios por ele vividos ou testemunhados em sua obra. O principal deles foi o assassinio do irmão Roberto, que o romancista Lúcio Costa identificou em *Vestido de Noiva*. (MAGALDI, 1993, p. 75)

Em *Vestido de Noiva* (1943), uma tragédia em três atos, tem a personagem Mme. Clessi, uma prostituta com fama e dinheiro. Mme. Clessi foi brutalmente assassinada, com uma navalhada no rosto, pelo seu namorado, que tinha dezessete anos e que usava uniforme colegial cáqui. Ela é uma personagem do plano da alucinação de Alaíde.

Nessa peça, Alaíde rouba o namorado de sua irmã, Pedro, e se casa com ele. Mas Lúcia [a irmã] continua gostando dele e adverte: “Você roubou meus namorados. Mas eu vou lhe roubar o marido. (...)” (RODRIGUES, 1993, p.369).

Após o casamento de Pedro e Alaíde, os amantes Lúcia e Pedro tramam a morte dela. No fim da peça, com o esclarecimento da morte de Alaíde, Lúcia se casa com Pedro.

1.3 A crise na família e a doença de Nelson

A família Rodrigues entrou em crise a partir de 1931 e começou “a pular de casa em casa – cada qual menor, mais pobre e com mais pervejo.” (CASTRO, 1992, p. 110) Mário Filho, irmão de Nelson e também jornalista, conseguiu emprego no jornal *O Globo*, por ser amigo de Roberto Marinho e conseguiu levar os irmãos Nelson e Jofre para tentar conseguir descolar uma grana em algum bico.

Mas Nelson e toda a sua família passaram grandes dificuldades financeiras nessa época. Acrescenta-se a ocorrência de uma situação constrangedora para Nelson, que não tinha dinheiro para comprar roupas. Após usar todos os ternos do falecido irmão Roberto até acabar, só sobrou um, o qual ia trabalhar todo dia e não tirava nem para lavar. Um dia Roberto Marinho chamou Mário Filho e disse que Nelson estava cheirando mal. Mário Filho contou ao irmão, que não se incomodou e nem se sentiu humilhado, pois sabia que era o terno que cheirava mal e não ele. Escreveu Castro:

Nelson conheceu muitas fomes, inclusive a de amor. Esta última lhe provocou rombos na alma, tantas foram as paixões vãs que ele alimentou. Mas eram curáveis. A fome propriamente dita – que o obrigava à ir a pé de Ipanema ao Centro para economizar tostões – fez-lhe buracos no pulmão. Em 1934 estava tuberculoso. (CASTRO, 1992, p. 122).

Podemos ressaltar que existem muitos personagens e tramas nas peças de Nelson envolvidos com questões financeiras: desde pessoas que se vendem ou grã-finos que pensam que podem comprar tudo e todos com dinheiro. Na peça *Anti-Nelson Rodrigues* (1974) tem o personagem Gastão, que é milionário e infeliz. Sua esposa Tereza e seu filho Oswaldinho não o suportam. Gastão, que pensa que vai morrer em breve, quer dar a sua herança em vida à sua família em troca do amor deles:

Quer dizer que dinheiro compra até amor verdadeiro. Tereza, quero que, ao morrer, meu cadáver tenha de você e do meu filho uma coisa parecida com amor. Dou tudo em vida e só quero para viver um salário de contínuo. Serei contínuo, ouviu, Tereza? (*batendo no peito*) Com ordenado para não morrer de fome e basta! Contínuo, mil vezes contínuo! E você e Oswaldo terão pena de mim, porque dinheiro também compra misericórdia. (*gritando*) Eu, o pederasta gagá, quero ser chorado pelo meu filho! (RODRIGUES, 1993, p. 512)

O fato é que a vida financeira de Nelson sempre foi uma grande preocupação. Ele sempre trabalhou muito e não tinha tempo para se cuidar. Com apenas 21 anos, Nelson teve de arrancar todos os dentes e colocar dentadura, pois essa era uma solução tenebrosa e costumeira da época para qualquer febre persistente.

A tuberculose de Nelson foi sua companheira durante quase quinze anos, rendeu algumas internações, um tratamento doloroso e o fez perder 30% de sua visão.

O seu irmão mais novo, Jofre, também contraiu tuberculose e morreu aos 21 anos no Sanatorinho, em Correias. Nelson estava internado com ele e o acompanhou em todos os últimos meses da vida de seu irmão. Quando ele piorou, mandou chamar toda a família. Jofre foi enterrado em 1936 no Rio de Janeiro com o túmulo dado pelo flamengo.

Nelson nunca se perdoou pela morte do irmão, pois se sentia culpado em ter lhe transmitido a tuberculose. E quando sua esposa estava grávida de seu primeiro filho, não teve dúvidas, o nome escolhido foi Jofre.

Ele também sofreu de úlceras que lhe renderam muitos analgésicos durante a vida e também o uso de suspensório, pois segurar as calças com o cinto lhe causava uma dor insuportável. Ele era sedentário e passou a vida fumando. Mas nunca gostou de bebida alcoólica.

Nelson também sofreu uma operação de apendicite em 1958, onde contraiu uma infecção urinária e quase morreu.

Mário Filho, com o passar dos anos virou uma potência jornalística, criador da apuração da escola de samba, de diversos campeonatos de futebol e torneio de esportes, etc. Casou-se e teve um filho, que se tornou alcóolatra.

Mário Filho faleceu em 1966, após um jantar em família e foi uma outra grande perda para Nelson. Ele estava dando um jantar na sua casa para parentes e amigos quando se sentiu mal e foi para o hospital. O médico o examinou e disse que não tinha nada errado e ele voltou para casa. Nelson ficou na casa do irmão até uma hora da manhã, depois se despediu e foi para casa dormir. Mário Filho também foi dormir mas acordou três horas da manhã sentindo-se muito mal e ligou para seu médico particular que estava fora do Rio. O telefone caiu de suas mãos, ele estava morto.

O estádio do Maracanã tem o nome de Mário Filho em sua homenagem, pois ele transformou o futebol em algo comercial.

1.4 A vida amorosa

Nelson se casou com Elza, a qual havia ido trabalhar como secretária em *O Globo Juvenil*, onde ele também trabalhava.

Quando Nelson retornou de sua segunda temporada no Santorinho, ele conheceu Elza, a quem nunca escondeu sua situação financeira precária e seus problemas de saúde. A mãe de Elza sempre foi contra o casamento deles. Eles se casaram escondidos, no cartório, em 29 de abril de 1940. A sogra acabou sabendo do casamento no civil e acabou permitindo o casamento religioso, que se realizou no dia 17 de maio.

Ele era um homem ciumento e, como o seu pai, não admitia ginecologistas. O ciúme também aparece muito nas suas peças de teatro. Como, exemplo, na primeira peça que escreveu, que se chama *A mulher sem pecado* (1941). Nesta peça, o protagonista Olegário é um marido muito ciumento, se mete numa cadeira de rodas e se finge de paralítico para testar a fidelidade da mulher.

Olegário controla e persegue Lídia o tempo todo, sempre sondando para ver se sua mulher deseja outro homem. Podemos destacar algumas falas de Otávio para Lídia para a compreensão do tamanho de seu ciúme:

Você olha para mim com um olhar de mártir! Pois bem. Agora mesmo, nesse minuto, você pode estar se lembrando de um amigo, de um conhecido ou desconhecido. Até de um transeunte. Pode estar desejando uma aventura na vida. A vida da mulher honesta é tão vazia! E eu sei disso! Sei!

(...)

Quando um homem vê uma mulher no meio da rua, beija essa mulher em pensamento, põe nua, viola. Isso tudo num segundo, numa fração de segundo – sei lá! Mas seja como for – a imaginação do homem faz o diabo!

(...)

Esses rapazes de praia que as mulheres vêem na rua. Você vai-me convencer que nunca viu um que impressionasse? Vai? Um rapaz moreno, forte, de costas grandes, assim. (*faz respectivamente o gesto*) Você nunca beijou em pensamento um homem desses? Hem? Beijou, claro! Não tem ninguém – ninguém – tomando conta de sua imaginação. (RODRIGUES, 1993, p. 307 - 308).

Otávio, que não acredita na fidelidade de ninguém, perturba tanto sua mulher que no fim da peça ela foge com o motorista Umberto, que espiava Lídia a seu pedido. O fato é que o

ciúme excessivo de Olegário contamina a sua esposa, que acaba cometendo a tão temida traição. Além dos ciúmes, a questão da fidelidade e traição também estão sempre presentes na peça. Afinal, como diz o protagonista: “A única coisa que me interessa é ser ou não ser traído!” (RODRIGUES, 1993, p. 339)

Nelson e Elza tiveram dois filhos: Jofre e Nelson. Jofre teve duas filhas e Nelsinho, uma.

O segundo filho do Nelson Rodrigues, Nelsinho, como era conhecido, entrou para uma organização na época da ditadura militar, foi preso e torturado. *Prancha*, como passou a ser chamado, “foi submetido a sessões de “afogamentos”, choques elétricos nas partes genitais e a especial predileção de um dos torturadores, a de chutar-lhe o tornozelo com o batibute”. (CASTRO, 1992, p. 402)

Nelsinho ficou muitos anos preso. Quando conseguiu liberdade condicional, já estava com 34 anos e seu pai agonizava no hospital.

Nelson, que se considerava reacionário abertamente, não acreditava que torturas existissem no Brasil, pois Médici, o presidente da época, havia-lhe garantido que não se torturava nesse país. Mas caiu em si quando seu filho confirmou que havia sido muito torturado.

Nelson Rodrigues conseguiu encontrar alguns presos políticos de parentes de amigos que desapareceram na época, mas não conseguiu fazer muito pelo seu filho. Ele escreveu e deu entrevistas em jornais dizendo-se a favor da liberdade e pediu várias vezes na mídia anistia geral para os presos políticos.

Nelson teve algumas paixões. E, enquanto casado, conheceu Lúcia, que era mais nova, bonita, fina e o deixou deslumbrado. Mas Lúcia também era casada e tinha uma filha e mesmo assim os dois se apaixonaram. Com quase 49 anos e 21 de casamento, Nelson resolveu ser sincero, contou tudo à mulher e saiu de casa.

Nelson foi morar com Lúcia que também havia se separado e agora estava grávida dele. Os pais de Lúcia não apoiavam o seu relacionamento e não gostavam de Nelson.

Daniela, a filha desse casal, nasceu prematura e com paralisia cerebral, passou todo o primeiro ano de vida numa tenda de oxigênio, com crises respiratórias horríveis e câimbras que provocavam muitas dores. Daniela jamais andou e ficou muda e cega.

Oito anos depois, o casamento com Lúcia chegou ao fim, por diversos motivos. A separação ocorreu amigavelmente. Nelson estava apaixonado e ia morar com Helena Maria, a Heleninha como a chamavam, que tinha 22 anos, 35 a menos do que Nelson.

Mas Nelson sentia um desconforto em ser visto com uma mulher tão mais nova e ela também sentia-se envergonhada em algumas situações com seus amigos. Em pouco tempo o casal se separou. Quando Nelson estava na UTI, conversou com seu filho Jofre. Ele falou para Heleninha arrumar as coisas e ir embora, pois seu pai também estava de acordo com essa decisão. Ela aceitou e foi embora, obedeceu.

Nelson teve duas úlceras perfuradas, uma operação, muitas complicações de saúde, um enfarte. Teve de se acostumar com enfermeira 24 horas por dia e nunca respeitou a proibição de fumar.

Nelson teve um caso com uma mulher chamada Yolanda quando ainda estava casado com Elsa, sua primeira esposa nos anos 50. Yolanda dizia que os seus três filhos eram dele. Em 1967, Maria Lúcia, que se dizia sua filha, foi procurá-lo no jornal, pois precisava que ele lhe desse uma pensão para os três filhos.

Nelson descobriu com um advogado que Yolanda estava cumprindo pena por estelionato em uma penitenciária e que as certidões dos filhos eram falsas. Resolveu dar uma pensão somente a Paulo Cesar porque achava que só ele era seu filho. Quanto às meninas, ele não acreditava que fossem suas filhas. E, com 20 anos, Paulo Cesar começou a trabalhar, dispensou a ajuda de Nelson e não se viram nunca mais.

Mas, nos anos 90, a justiça reconheceu Sônia, Maria Lúcia e Paulo César como filhos de Nelson Rodrigues.

E, como escreve seu biógrafo Castro:

para quem, como se disse, precisava viver num permanente estado de paixão, nem sempre uma mulher foi suficiente para a carga amorosa de Nelson. Ele jurou amor eterno a inúmeras mulheres, várias ao mesmo tempo, e provavelmente estava dizendo a verdade para todas. Tinha uma explicação para isso: *o amoroso é sincero até quando mente.*” (CASTRO, 1992, p. 419).

1.5 O Fim

Em meados de 1971, Nelson mudou-se para um pequeno apartamento em Copacabana e levou a enfermeira Leonor, uma espécie de governanta que resolvia tudo para Nelson.

A tuberculose devastara a saúde de Nelson na juventude e na maturidade, e só a custo tinha sido posta em sossego. Mas legara-lhe, para a velhice, uma antologia de mazelas. A pior delas era uma fibrose que lhe dava uma área de ventilação pulmonar

menor que a normal e causava uma bronquite crônica. Sua própria insônia era provocada por insuficiência respiratória. Nelson queria usar bombinha, no que era proibido pelo cardiologista Stans Murad. O que doutor Murad exigia era que emagrecesse dez quilos e deixasse de fumar – conselhos que Nelson não seguiu. A partir de 1974, seu organismo foi um campo de combate entre a medicina e a morte. (CASTRO, 1992, p. 414)

Em 1973, quando escreveu a peça *Anti-Nelson Rodrigues*, o autor alcançou a estabilidade financeira. Com 61 anos, comprou um apartamento que ficava no Leme, na avenida Atlântica, de frente para o mar, onde ficou até o fim de sua vida.

A sua primeira mulher, Elsa, voltou a morar com Nelson no fim do ano de 1977. Haviam passado quatorze anos separados mas voltaram a ficar juntos no fim.

Nelson morreu na manhã de 21 de dezembro de 1980 de trombose e insuficiência cardíaca. Ele tinha 68 anos e, “por tudo que passara, parecia velho de séculos.” (CASTRO, 1992, p. 420). Milhares de pessoas foram prestar as últimas homenagens na capelinha do cemitério São João Batista. A seleção brasileira fez um minuto de silêncio, durante uma partida de futebol contra Suíça em sua homenagem.

O reconhecimento da obra, antes de sua morte, foi quase unânime. Seu biógrafo Ruy Castro disse que “mesmo os seus piores inimigos nunca lhe negaram o talento – e não fora poucos os que o chamavam de gênio”. (CASTRO, 1992, p.8).

1.6 A obra

A diversidade da produção de Nelson é surpreendente. Escreveu alguns folhetins: *Meu destino é pecar* assinado como Suzana Flag, que fez muito sucesso, *Escravas do Amor*, *A vida como ela é...* e *Asfalto Selvagem*.

Escreveu colunas no jornal com o heterônimo de Myrna, em que respondia cartas dos leitores de jornal.

A vida como ela é..., ele conta histórias tristes. Nessas histórias quase todos os adultérios terminam em morte.

Asfalto Selvagem, talvez mais forte ainda do que *A vida como ela é...* há uma personagem que se chamava *Engraçadinha*, que é considerada uma das personagens mais eróticas da literatura brasileira. Em os 112 capítulos desse folhetim, tínhamos três defloramentos, uma mutilação genital, dois suicídios, uma curra, um assassinato, agressões

lésbicas, dois exames ginecológicos, vários adultérios e uma cena de sexo debaixo de uma chuva torrencial.

Esses dois folhetins se tornaram mini-séries da Globo com enorme sucesso. Nelson também escreveu a primeira novela brasileira de todos os tempos: *A morta sem espelho*, que foi ao ar em 1963. Essa novela tinha uma série de adultérios. Na época, o juizado de menores mandou transferir o horário de oito e meia para onze horas.

A vida financeira de Nelson sempre foi preocupante, além de ganhar mal como jornalista, como todos na época, pois os salários eram muito baixos, ele cobrava mal, levava “canos” e às vezes parava de pagar contas. Com sua primeira esposa grávida do primeiro filho, começou a escrever suas peças em 1941 para conseguir um dinheiro extra.

O auto-intitulado anjo pornográfico possui dezessete peças escritas que estão listadas abaixo, inseridas em ordem cronológica e apresentadas em 3 grandes blocos, como nos mostra seu amigo *Sábato Magaldi*, que a pedido do próprio autor foi o organizador de seu *Teatro Completo*:

Peças Psicológicas:

A mulher sem pecado (1941)
 Vestido de Noiva (1943)
 Valsa nº6 (1951)
 Viúva, porém honesta (1957)
 Anti-Nelson Rodrigues (1973)

Peças Míticas:

Álbum de família (1945)
 Anjo Negro (1946)
 Senhora dos Afogados (1947)
 Dorotéia (1949)

Tragédias Cariocas:

A falecida (1953)
 Perdoa-me por me traíres (1957)
 Os sete gatinhos (1958)
 Boca de Ouro (1959)
 O Beijo no asfalto (1961)
 Bonitinha, mas ordinária (1962)
 Toda nudez será castigada (1956)
 A serpente (1978)

Sábato Magaldi explica que é uma divisão didática para facilitar a compreensão do autor, embora essas características não se mostrem isoladas, pois “as peças psicológicas absorvem elementos míticos e da tragédia carioca. As peças míticas não esquecem o psicológico e afloram a tragédia carioca. Essa tragédia carioca assimilou o mundo psicológico e o mítico das obras anteriores.” (MAGALDI, 1993, p. 12).

Muitas dessas peças sofreram censura na época, como *Álbum de Família*, que foi escrita no final de 1945, interdita em fevereiro de 1946 e só foi liberada em dezembro de 1965 e levada pela primeira vez ao teatro em julho de 1967. *Anjo negro*, *Senhora dos Afogados*, *Perdoa-me por me traíres* e *Boca de ouro* também foram censuradas.

Nelson causava uma grande polêmica a cada peça lançada e os críticos se dividiam entre os que o admiravam e os que o odiavam, acusavam-no de imoral, tarado, maldito...

Destaca-se o fato de Sábato Magaldi ter sido o único crítico que Nelson manteve amizade durante a vida. A cada peça encenada, a cada peça censurada, muitos críticos abominavam Nelson Rodrigues, que:

Durante vinte anos ele fora o “único autor obscuro do Brasil”, sofrera a mais massacrante campanha que um teatrólogo podia suportar, tivera quatro peças interditas, fora vaiado duas vezes no Municipal (com “Senhora dos Afogados” e “Perdoa-me por me traíres”) e despertara um motim de maridos na plateia em “Beijo no Asfalto”. (CASTRO, 1922, p. 369).

Mas também há críticos que o consideram um gênio do teatro brasileiro, como por exemplo Pompeu de Sousa que foi citado no *Teatro Completo* que escreveu que:

a contribuição do sr. Nelson Rodrigues ao teatro brasileiro foi, a rigor, a da criação total do gênero em termos estéticos universais. E abrangeu, por via de uma prodigiosa dotação natural do autor para o gênero, a totalidade de seus componentes de concepção, de construção e de composição. Concepção criadora, construção única e composição literária.

Pela primeira vez, com ele, o teatro elevou-se, no Brasil, do plano das comediazinhas de circunstância ou dos dramalhões da pior tradição lusitana, para o nível das obras de arte que enterram suas raízes no chão universal da sobrevivência, o dos temas eternos, que nasceram com o homem e viverão até o fim. (RODRIGUES, 1993, p. 135).

Diversos atores conhecidos encenaram as peças de Nelson como José Wilker, Jece Valadão, Fernanda Montenegro, Nathalia Timberg, Nicette Bruno, Dercy Gonçalves, entre outros. A sua irmã Dulce Rodrigues interpretou a personagem Sônia no monólogo *Valsa nº 6*.

O próprio Nelson atuou em *Perdoa-me por me traíres* como Raul a convite do ator Glauco Gil. Ninguém acreditou a princípio que Nelson havia topado fazer a personagem que cometia suicídio no fim da peça: na cena final, o tio Raul toma um copo de veneno, estrebucha, rola três ou quatro degraus da escada e morre espetacularmente.

A atuação durou somente um dia, pois no dia de estréia a peça causou um escândalo com vaias e xingamentos feitos pela platéia e a censura a proibiu no dia seguinte. Mas Nelson

recorreu e a peça foi liberada novamente, com mais de dois meses de sucesso no teatro Carlos Gomes e com um outro ator como tio Raul.

Em suas próprias palavras, Nelson publicou nos jornais da época uma narrativa sobre os acontecimentos no dia da peça e Magaldi copiou o comentário no prefácio do *Teatro Completo*:

Embora sendo o pior autor do mundo, representei, imaginem, eu representei. Era a maneira de unir minha sorte à de uma peça que me parecia polêmica. Muito bem. Os dois primeiros atos foram aplaudidos. Nos bastidores, imaginei: “Sucesso.” Mas ao baixar o pano, no terceiro ato, o teatro veio abaixo. Explodiu uma vaia jamais concebida. Senhoras grã-finérrimas subiam nas cadeiras e assoviavam como apaches. Meu texto não tinha um mísero palavrão. Quem dizia os palavrões era a platéia. No camarote, o então vereador Wilson Leite Passos puxou um revólver. E, como um Tom Mix, queria, decerto fuzilar o meu texto. Em suma: eu, simples autor dramático, fui tratado como no filme de banguê-banguê se trata ladrão de cavalos. A platéia só faltou me enforcar num galho de árvore.

(...)

E, então, comecei a ver tudo maravilhosamente claro. Ali, não se tratava de gostar ou não gostar. Quem não gosta, simplesmente não gosta, vai para casa mais cedo, sai no primeiro intervalo. Mas se as damas subiam pela parede como lagartixas profissionais; se outras sapateavam como bailarinas espanholas; e se cavalheiros queriam invadir a cena – aquilo tinha de ser algo de mais profundo, inexorável e vital. Perdoa-me por me traíres forçara na platéia um pavoroso fluxo de consciência. E eu posso dizer, sem nenhuma pose, que, para a minha sensibilidade autoral, a verdadeira apoteose é a vaia. (RODRIGUES, 1993, p. 75-76)

Boca de Ouro virou filme dirigido por seu amigo Nelson Pereira dos Santos, produzido e estrelado por Jece Valadão, com sucesso. *Meu destino é pecar* também virou filme. Nelson também participou de outros filmes como dialoguista.

Detaca-se um trecho de um depoimento de Nelson dado a *Manchete* para apresentar uma de suas peças, que é definido por Castro como sendo provavelmente a melhor explicação sobre seu teatro:

Morbidez? Sensacionalismo? Não. E explico: a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil, para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No Crime e Castigo, Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado. Ele matou por todos. E, no teatro, que é mais plástico, direto, e de um impacto tão mais puro, esse fenômeno de transferência torna-se mais válido. Para salvar a platéia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los. (CASTRO, 1992, P. 273).

Nelson escreveu um romance em 1966 que se chamou *O casamento* a pedido de Carlos Lacerda, que fez do romance o primeiro livro de sua editora chamada Nova Fronteira. O livro fez bastante sucesso, mas foi proibido pelo ministro da justiça.

Em 1975, houve uma retomada de Nelson pelo cinema brasileiro com o filme *O casamento*. Em 1978, o filme *A dama da lotação*, uma história adaptada de *A vida como ela é...*, com Sônia Braga no papel de protagonista, fez um enorme sucesso.

Ele também escreveu as *Memórias de Nelson Rodrigues* quando estava com 54 anos. Mesmo com uma idade aparentemente precoce para escrever sua biografia, o fato é que Nelson havia passado quarenta anos em redações e fizera parte de muitos jornais e revistas. *Memórias* também teve sucesso e os primeiros capítulos viraram livro mas foi interrompida no capítulo 80 porque Nelson queria um aumento de salário, o qual lhe foi negado.

Enfim, a história pessoal de Nelson, marcada por tragédias, foi abordada nesse capítulo para seguir com a leitura de suas peças, conhecidas como teatro desagradável. Como ressalta Magaldi:

O teatro completo configura a imagem do renovador da dramaturgia brasileira moderna ou, se quiser, do maior autor teatral brasileiro de todos os tempos, do dramaturgo que deu dimensão universal à nossa literatura dramática. Há um teatro no Brasil antes e outro depois de Nelson Rodrigues. (RODRIGUES, 1993, p. 130)

2 A SEXUALIDADE HUMANA NA TEORIA PSICANALÍTICA

Em toda história que escrevo, desde os seis, sete anos, há sempre alguém traindo alguém. E por que essa insistência? Porque, a rigor, só existe para o ser humano uma questão: – ser ou não ser traído.

Nelson Rodrigues

Vamos partir da seguinte afirmação de Freud: as “psiconeuroses (...) baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual” (FREUD, 2006, p. 154, v. VII) e, assim, na maioria dos neuróticos, a doença só aparece depois da puberdade, a partir das solicitações da vida sexual. Podemos, por conseguinte, compreender que, a princípio, o sujeito neurótico adocece por forças provocadas pelo recalque das pulsões – o que será explicado ao longo da presente discussão.

No artigo *A verdade que não se quer saber apesar de*, a psicanalista Nadiá Paulo Ferreira afirma: “Tudo começou com Freud, que descobre a importância decisiva da sexualidade na vida do homem.” (FERREIRA, 2008, p. 193). Antes, a sexualidade era vinculada à finalidade biológica de reprodução, ocorrendo a partir da puberdade.

Com a publicação de alguns dos textos de Sigmund Freud, especialmente *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *A Pulsão e suas vicissitudes* (1915), a sexualidade humana foi abordada de uma forma inédita e revolucionária. “Lacan, por sua vez, valorizou enormemente os “Três Ensaios”, que constitui, em seu seminário, a sétima obra mais citada em geral, e a quarta obra freudiana em particular.” (JORGE, 2010, p. 23) A teoria sobre a sexualidade aparece, portanto, pela primeira vez, em 1905, nesse texto tão importante. Segundo a nota do editor inglês desse texto,

Os Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, juntamente com a *Interpretação dos Sonhos*, figuram sem dúvida como as contribuições mais significativas e originais de Freud para o conhecimento humano. Não obstante, na forma em que costumamos ler esses ensaios, é difícil avaliar a natureza exata de seu impacto quando da primeira publicação. É que, no decorrer de edições sucessivas num período de vinte anos, eles foram submetidos por seu autor a mais modificações e acréscimos do que qualquer outro de seus escritos, salvo, talvez, pela própria *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 2006, p. 120, v. VII).

No texto *Moral sexual civilizada e doença nervosa* (1908), Freud destaca o fato de que a severidade das exigências da civilização prejudica a satisfação pulsional dos sujeitos, pois estes são obrigados a renunciarem à força das pulsões sexuais em prol da civilização, o que não é sem custo para uma pessoa.

Freud, então, insiste que a psicanálise revela a natureza de complexos inconscientes na neurose mostrando que, de maneira geral, possuem um conteúdo sexual e que esses complexos derivam da insatisfação das necessidades sexuais dos indivíduos. “Portanto, todos os fatores que prejudicam a vida sexual, suprimem sua atividade ou distorcem seus fins devem também ser visto como fatores patogênicos das psiconeuroses.” (FREUD, 2006, p. 173, v. XI) Ele transmite que:

a libido represada torna-se capaz de perceber os pontos fracos raramente ausentes da estrutura da vida sexual, e por ali abre caminho obtendo uma satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas patológicos. Quem penetrar nos determinantes das doenças nervosas cedo ficará convencido de que o incremento dessas doenças em nossa sociedade provém da intensificação das restrições sexuais. (FREUD, 2006, p. 173, v. IX).

Freud escreve que “justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos.” (FREUD, 2006, p. 152, v. VII).

A teoria freudiana da psicanálise inaugura a sexualidade como infantil e a classifica como perversa e polimorfa. Ao tratar da sexualidade humana, Freud escreve que certas transgressões ditas perversas estão presentes na vida de todas as pessoas e que essa universalidade mostra o quão é impróprio o uso da palavra perversão. Ademais, muitas pessoas consideradas normais podem colocar-se como doentes apenas no campo sexual, sob o domínio irrefreável das pulsões.

Freud escreve no texto já citado “*Três Ensaio*” que:

a doença se instaura mais tardiamente, quando a libido fica privada de satisfações pelas vias normais. Em ambos os casos a libido se comporta como uma corrente cujo leito principal foi bloqueado; ela inunda então as vias colaterais que até ali talvez tivessem permanecido vazias. Assim, também o que parece ser uma enorme tendência à perversão (apesar de negativa) nos psiconeuróticos pode estar colateralmente condicionado, e, em todo caso, deve ser colateralmente intensificado. O fato é que se tem de alinhar o recalçamento sexual, enquanto fator intenso, com os fatores externos que, como a restrição da liberdade, a inacessibilidade do objeto sexual normal, os riscos do ato sexual etc., permitem que surjam perversões em indivíduos que, de outro modo, talvez permanecessem normais (FREUD, 2006, p.161, v. VII).

Jacques Lacan afirma, no Seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, que a pulsão não é perversão, pois:

o que constitui o caráter enigmático da apresentação de Freud se prende precisamente a que ele quer nos dar uma estrutura radical – na qual o sujeito ainda não está de modo algum colocado. Ao contrário, o que define a perversão é justamente o modo pelo qual o sujeito aí se coloca. (LACAN, 2008, p. 178)

A psicanálise, de tal modo, nos alerta para esse tênue caminho entre um sujeito dito normal e um sujeito neuroticamente adoecido, sustentando a universalidade dessas pulsões ditas perversas. E Lacan orienta seus leitores para que não façam confusão entre perversões sexuais e a estrutura perversa.

Freud cita algumas vezes que a neurose é o negativo da perversão e explica que os sintomas dos sujeitos neuróticos podem se relacionar com pulsões perversas recalcadas. Ele escreve que “a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, e de que a partir dela, em consequências de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação, desenvolve-se o comportamento sexual normal” (FREUD, 2006, p. 218, v. VII). Por isso, a sexualidade tem essa característica de perverso polimorfa, pois esses fatores são comuns a todos e Freud valoriza o ponto de vista quantitativo ao invés do qualitativo.

Ele também defende uma predisposição originariamente bissexual na sexualidade humana, pois “em nenhum indivíduo masculino ou feminino de conformação normal faltam vestígios do aparelho do sexo oposto, que persistiram sem nenhuma função como órgãos rudimentares, ou que se modificaram para tomar a seu encargo outras funções.” (FREUD, 2006, p. 134, v. VII). A bissexualidade é uma condição que ocorre para todos no início da vida.

Sobre essa questão, Marco Antônio Coutinho Jorge escreve no seu livro *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan vol. 2* que “a bissexualidade é uma disposição psicológica responsável pelas diferentes escolhas de objeto – homossexual e heterossexual – e em todo sujeito haveria ambas as formas de escolha de objeto, só que em quantidades diversas” (JORGE, 2010, p. 29).

Freud esclarece, em uma nota de rodapé que acrescentou alguns anos depois no texto *Três Ensaio*s, que “a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico.” (FREUD, 2006, p. 208, v. VII) No prefácio à quarta edição desse texto, Freud acrescenta o seguinte:

Mas convém lembrar ainda que parte do conteúdo deste escrito – a saber, sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise. (FREUD, 2006, p. 126-127, v. VII)

Freud, assim sendo, trás essa nova concepção da sexualidade humana, complexa e polêmica, vinculada ao prazer e não à reprodução, que está sendo apresentada neste capítulo, com destaque para os pontos principais dessa questão.

2.1 A sexualidade infantil

No texto *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]), Freud revela que a psicanálise provocou espanto e oposição por contradizer as opiniões populares sobre a sexualidade. Pois ele ampliou o conceito de sexualidade “de modo a abranger muitas coisas que não podiam ser classificadas sob a função reprodutora, e isso provocou não pouco alarido num mundo austero, respeitável, ou simplesmente hipócrita.” (FREUD, 2006, p. 62, v. XVIII)

Ele resume os principais pontos dessa questão em três, destacando que os dois primeiros são os mais importantes:

- 1) A vida sexual das crianças não começa na puberdade, mas, sim, se inicia logo após o nascimento;
- 2) É necessário fazer uma distinção entre o conceito de genital e o sexual; esse último conceito é muito mais amplo e inclui muitas atividades que não tem haver com o genital;
- 3) A vida sexual inclui a função de obter prazer em partes do corpo que, muitas vezes, não coincidem com a reprodução.

Esse tema polêmico provocou fortes resistências e o autor sofreu duras críticas por revelar que a sexualidade aparece mais cedo do que se pensa.

A partir de sua clínica, Freud revela essa nova concepção sobre a sexualidade com a sua teoria psicanalítica: de que os neuróticos preservam o estado infantil de sua sexualidade, pois é essa sexualidade infantil que aparece na análise. Ele sustenta que:

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado de puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal

culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes (FREUD, 2006, p. 163, v. VII).

Freud escreve em *Além do princípio do prazer* (1920/2006) que a psicanálise sempre foi de opinião de que os destinos dos neuróticos são, na maior parte, arranjados por eles próprios e determinados por influências infantis. Essas influências infantis fazem parte da sexualidade humana. A sexualidade como infantil não se coloca como anterior a uma sexualidade dita madura após a puberdade, esse caráter infantil se coloca como próprio da sexualidade desde a infância nos seres falantes.

Destaca-se o fato de que existe uma diferenciação entre o prazer infantil autoerótico e o de satisfação da atividade sexual após a puberdade. Na infância, os órgãos genitais ainda estão prematuros e não preparados para a atividade sexual. A psicanálise se refere à sexualidade como prazer, além do âmbito biológico do ato sexual.

Outro ponto importante na sexualidade refere-se às zonas erógenas que Lacan nomeia como *bordas*. Uma zona erógena trata de uma parte do corpo em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa. Freud menciona algumas zonas erógenas pré-determinadas, mas explica que todo o corpo pode ser uma zona erógena. Para Lacan,

Essas zonas erógenas, que se pode bem considerar, até a mais ampla explicação do pensamento de Freud, como genéricas e que se limitam a pontos eleitos, a pontos de hiância, a um número limitado de bocas na superfície do corpo, são os pontos de onde Eros terá de extrair sua fonte. (LACAN, 2008, p. 116)

A teoria freudiana esclarece que a sexualidade possui 3 fontes: ela pode nascer a partir da vivência com processos orgânicos, pela estimulação das zonas erógenas ou a partir das pulsões.

Nesse momento, Freud inicia a formulação da teoria pulsional com o conceito de libido como manifestação dinâmica das pulsões sexuais na vida psíquica. A libido é a energia sexual e está ligada ao princípio econômico do aparelho psíquico. Ele desenvolve o conceito de libido em 1905 como “uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual.” (FREUD, 2006, p. 205, v. VII).

Essa energia sexual aparece primeiramente no eu, por isso também é denominada de libido narcísica. E, posteriormente, é empregada para investir em objetos externos. A libido pode se fixar num objeto, perdê-lo ou abandoná-lo.

No texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud desenvolve a ideia de que “há um investimento libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com os investimentos objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz.” (FREUD, 2006, p. 83, v. XIV).

A libido do *eu*, portanto, é um grande reservatório de onde partem esses investimentos pulsionais nos objetos e depois retornam ao *eu*. É importante ressaltar que Freud faz uma modificação quando percebe que o *isso* é anterior ao *eu* e que o *isso* é o verdadeiro reservatório da libido, a partir da elaboração da segunda tópica do aparelho psíquico.

No texto sobre o narcisismo, Freud faz pela primeira vez uma distinção entre a libido do eu e a libido objetal. Nesse momento, ele faz uma antítese entre essas duas libidos e escreve que “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de um investimento objetal.” (FREUD, 2006, p. 83, v. XIV).

Lacan, no Seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, sustenta que para Freud a libido é o elemento central do processo primário. Como a sexualidade é a realidade do inconsciente, assevera Lacan:

a libido, eu a inscrevi no ponto em que o lobo definido como campo do desenvolvimento do inconsciente vem recobrir e ocultar o outro lobo, o da realidade sexual. A libido seria assim o que pertence aos dois – o ponto de interseção, como se diz lógica. Mas é justamente o que isto não quer dizer. Pois este setor em que os campos parecem recobrirem-se é, se vocês virem o perfil verdadeiro da superfície, um vazio (LACAN, 2008, p. 153).

Lacan retoma e amplia o conceito freudiano de libido. Para ele, a libido é a presença efetiva do desejo, que está no nível do processo primário e que comanda a abordagem psicanalítica.

Ele também se refere à libido como um órgão: órgão-parte do organismo e órgão instrumento, criando a metáfora da lâmina para se referir a ela. Lacan transmite que, das membranas que rompem o ovo, pode se fazer tanto um homem como um omelete, ou a lâmina. “Essa lâmina, esse órgão, que tem por característica não existir, mas que não é por isso menos um órgão (...) é a libido.” (LACAN, 2008, p. 193)

A lâmina tem relação com o que o ser sexuado perde na sexualidade, com a relação com o Outro e com a relação do sujeito vivo com aquilo que ele perde por ter que passar pelo ciclo sexual.

Para Nadiá Paulo Ferreira, em seu livro *Amor, ódio e ignorância*,

a libido como órgão se constitui nessa conjunção do ser com o campo do Outro. O efeito simultâneo dessa operação é o surgimento de um sujeito e a presentificação de sua sexualidade no inconsciente sob a forma de morte. Ao ligar as pulsões ao inconsciente, a libido como lâmina recorta esse corpo sexuado em zonas erógenas, fazendo com que se realize a separação entre corpo e gozo (FERREIRA, 2005, p. 27).

Essa questão será retomada no próximo ponto do capítulo – no qual discutiremos a teoria das pulsões. Nesse subcapítulo, o importante é explicitar a questão da sexualidade infantil na psicanálise.

Na medida em que prestam alguma atenção à sexualidade infantil, os educadores portam-se como se compartilhassem nossas opiniões sobre a construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, e como se soubessem que a atividade sexual torna a criança ineducável, pois perseguem como “vícios” todas as manifestações sexuais, mesmo que não possam fazer muita coisa contra elas. Nós, porém, temos todos os motivos para voltar nosso interesse para esses fenômenos temidos pela educação, pois deles esperamos o esclarecimento da configuração originária da pulsão sexual (FREUD, 2006, p. 168-169, v. VII).

Após esse período de efervescência sexual na infância, ocorre um período chamado de latência, cuja sexualidade diminui bastante e surgem as forças anímicas que servem como entraves no caminho da pulsão sexual que são conhecidos como diques psíquicos como asco, vergonha e moral.

A teoria de Lacan se refere ao inconsciente como estruturado pela linguagem, uma vez que se coloca em relevo os efeitos da fala sobre o sujeito e, ademais, a realidade do inconsciente é a realidade sexual na medida em que o núcleo real do inconsciente se constitui pelo objeto *a*, mesmo objeto da pulsão. Nas palavras do autor:

o que tornaria legítimo sustentar que é pela realidade sexual que o significante entrou no mundo – o que quer dizer que o homem aprendeu a pensar – é o campo recente das descobertas que começam com um estudo mais correto da mitose. Agora são revelados os modos pelos quais se opera a maturação das células sexuais, isto é, o duplo processo de redução. O de que se trata, nessa redução é da perda, que se vê, de um certo número de elementos do organismo vivo, de uma combinatória – que opera em alguns de seus tempos pela expulsão de restos (LACAN, 2008, p. 149).

Sobre a questão da sexualidade na psicanálise, o autor Pierre Kaufmann escreve no *Dicionário Enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan* que:

ao inscrever o sexual ali onde até então ele era impensável – na infância e no inconsciente – Freud afirmou a influência determinante, no ser humano, de uma ordem libidinal inconsciente, e isso não só na instauração e no exercício da sexualidade no sentido corrente do termo, como também nos diversos aspectos do que ele definiu como sexual: um conjunto de atividades, de representações, de sintomas, sem relações com a sexualidade tal como ainda é comumente concebida (KAUFMANN, 1996, p. 467).

a vida sexual é parte de todos os processos importantes do organismo, como é parte de todos os aspectos da vida de um sujeito (vida corporal, portanto, mas também vida afetiva, de relações) e de suas realizações, como das mais grandiosas obras culturais (...). As fantasias que agenciam a vida libidinal (inconsciente) desdobram e mostram as modalidades inconscientes segundo as quais se veem ordenadas, na verdade, não somente as condutas sexuais de um sujeito, mas sua posição, sua existência, suas escolhas de objeto e atividades (KAUFMANN, 1996, p. 470).

Para o psicanalista Marco Antônio Coutinho Jorge, o caráter infantil da sexualidade se relaciona com o fato de ela ser sempre traumática, pois está presente na infância, de modo que a criança não tem meios de lidar com ela. Ele escreve que:

Lacan veio a nomear essa passagem fundamental da obra freudiana como sendo a concepção do trauma como contingência, isto é, não se trata de que tenha havido trauma sexual na infância do sujeito, mas sim de que a estrutura da sexualidade é, ela própria, sejam quais forem os acontecimentos históricos, essencialmente traumática (JORGE, 2011, p. 21).

A teoria da sexualidade ocupa um lugar de destaque na psicanálise. Segundo Luciano Elia, “Freud batizou de infantil a sexualidade que conceitualizou a partir da clínica, afirmando, em contrapartida, a sua exclusividade: não há outra, só existe, do ponto de vista psicanalítico, a sexualidade infantil, a sexualidade própria ao saber psicanalítico, a sexualidade do falante”. (ELIA, 1995, p. 57). Ademais, Elia escreve que “infantil é a sexualidade a partir da qual o sujeito advém, por ser falante: conjugação, portanto, das duas dimensões da Alteridade de que tratamos (...): a Pulsão e a Linguagem.” (ELIA, 1995, p. 57)

O sujeito da psicanálise é, por conseguinte, constituído por uma divisão produzida pela introdução do inconsciente no campo subjetivo. Para ele, o sujeito dividido da psicanálise é constituído por duas formas de alteridade radical: pulsão, de um lado, e a linguagem, do outro. Lacan elabora, portanto, que a sexualidade para a psicanálise tem relação com a constituição do sujeito do inconsciente no encontro com a linguagem.

No Seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964) se refere à sexualidade como situada no intervalo entre o recalcado e o sintoma (reduzíveis à

função significante) de um lado e a interpretação de outro. A sexualidade entra em jogo em forma de pulsões parciais. O psicanalista explica que:

a legibilidade do sexo na interpretação do mecanismo inconsciente é sempre retroativa. Ela seria apenas da natureza da interpretação se, a cada instante da história não pudéssemos estar seguros de que as pulsões parciais intervieram eficazmente em tempo e lugar. E isto, não, como se pôde crer no começo da experiência analítica, em forma errática. Que a sexualidade infantil não é um bloco de gelo errante arrancado do grande banco da sexualidade do adulto, intervindo como sedução sobre um sujeito imaturo (...) (LACAN, 2008, p. 173).

2.2 As pulsões

A teoria da pulsão é um conceito-limite da psicanálise. Essa palavra foi utilizada pela primeira vez como um conceito psicanalítico no texto de Freud já citado anteriormente *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, como um conceito “de delimitação entre o anímico e o físico.” (FREUD, 2006, p. 159, v. VII).

O termo pulsão sexual aparece como conceito fundamental pela primeira vez em 1905. E, no texto *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910), aparece pela primeira vez o termo pulsão do eu. Nesse texto, há uma nota introdutória do editor que escreve que “foi nele que pela primeira vez [Freud] empregou o termo “pulsões do eu”, identificou-as, explicitamente, com as pulsões de autopreservação e atribui-lhes papel vital na função do recalque”. (FREUD, 2006, p. 219, v. XI)

No início de suas elaborações, Freud distingue duas pulsões primordiais: as pulsões do eu - ou autopreservativas - e a pulsão sexual. Nesse momento, as pulsões do eu se referiam à conservação da espécie enquanto a pulsão sexual era vista como disruptiva. Em 1910, ele escreve que a oposição das ideias é uma expressão da luta entre essas pulsões, pois há uma oposição inegável entre as pulsões que favorecem a sexualidade e as pulsões que visam a autopreservação.

A partir do reformulação de sua obra, contudo, com a teoria da segunda tópica e com a introdução do conceito de narcisismo, Freud percebe que a libido investida nos objetos é a libido do eu e que essa energia pode ser usada também para a união e a preservação da espécie e ele modifica esse primeiro dualismo pulsional.

A teoria freudiana é uma teoria dualista. Freud sempre distingue duas pulsões básicas ao longo de sua obra, que são construídas com a teoria da psicanálise após alguns erros e

vacilos. Freud inclusive acrescenta uma nota de rodapé em 1924 no texto *Três Ensaio*s que diz que “a doutrina das pulsões é a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica” (FREUD, 2006, p. 159, v. VII), pois ela sofre essas modificações ao longo de sua obra e Freud desenvolve outras contribuições para tal.

O conceito de pulsão foi destacado por Lacan no Seminário número 11 *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, no que ele pretendeu retomar os principais conceitos da psicanálise, tecendo um retorno à obra freudiana, juntamente com outros três (inconsciente, repetição e transferência). E, nos seminários 7 e 20, Lacan se refere ao termo pulsão como deriva.

Marco Antônio Coutinho Jorge (2011) escreve em seu livro *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan v. 1* que “surgida a partir de sua experiência clínica de escuta de seus pacientes neuróticos em análise, a teoria freudiana das pulsões é o resultado da ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática e súbdita a uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais.” (JORGE, 2011, p. 21). Assim, “com a pulsão, na verdade, Freud introduz um conceito radicalmente novo para abordar a sexualidade humana e sem o qual esta restaria inteiramente enigmática.” (JORGE, 2011, p. 20), ou seja, a sexualidade para os seres humanos é de ordem pulsional.

E, no livro *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan v.2*, Marco Antônio destaca o fato de que o conceito de pulsão “tem uma característica central: *toda*, absolutamente *toda* a teoria da sexualidade de Freud vai girar em torno deste conceito.” (JORGE, 2010, p. 119-120) E ele também escreve que “a fundação da psicanálise parece se consolidar com o advento da pulsão e sua articulação com o inconsciente. Pode-se dizer, inclusive, que o conceito de pulção torna o inconsciente uma conquista freudiana definitiva e dá a ele seu verdadeiro alcance.” (JORGE, 2010, p. 24). Por isso estamos explicando a teoria das pulsões nessa dissertação, por ser um conceito importante na teoria psicanalítica.

O termo em alemão *Trieb* é uma palavra antiga e de uso coloquial que significa impulsão e o verbo *Trieben* é traduzido como uma ação de impelir. Há uma confusão da tradução que é feita do termo em alemão para o inglês e para o português, pois, muitas vezes, essa palavra é traduzida erroneamente por instinto. Em língua alemã, contudo, existe as duas palavras e elas não significam a mesma coisa.

No *Dicionário comentado do alemão de Freud*, do autor Luiz Hanns, podemos encontrar muitos significados para *Trieb*. Esse termo refere-se à força interna que impele ininterruptamente para a ação, tendência, inclinação, instinto como força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades, ânsia, impulso no sentido de algo que toma o homem,

vontade intensa. O autor explica que o termo *Trieb* pode designar quatro níveis de manifestação da natureza: “da Natureza em geral, do Biológico nas Espécies, *no* Indivíduo da Espécie e *para* o Indivíduo.” (HANNIS, 1996, P. 350). O termo se refere também a princípios universais que regem todo vivente, uma escala que conduz do mais geral ao mais específico e manifestação no indivíduo como fenômeno fisiológico e somático.

Devido à polissemia do termo em alemão, considera-se a palavra *pulsão* mais adequada para a tradução de *Trieb*. Principalmente para que não se confunda esse conceito psicanalítico com o instinto, já que os dois termos são diferentes.

Freud define a pulsão “a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora.” (FREUD, 2006, p. 159, v. VII)

No texto *As pulsões e suas vicissitudes* (1915), Freud faz uma distinção entre o conceito de pulsão e o conceito de instinto, introduzindo o conceito de pulsão para tratar especificamente a sexualidade humana:

os estímulos externos impõem uma única tarefa: a de afastamento; isto é realizado por movimentos musculares, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária. Não podemos aplicar esse mecanismo as pulsões que se originam de dentro do organismo. Estas exigem muito mais do seu sistema nervoso, fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação. Acima de tudo, obrigam o sistema nervoso a renunciar à sua intenção ideal de afastar os estímulos, pois mantém um fluxo incessante e inevitável de estimulação (FREUD, 2006, p. 126, v. XIV).

Ainda neste mesmo texto, ele segue explicando que a pulsão é um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que chegam à mente e como uma exigência de trabalho à mente em sua relação ao corpo.

Para Freud, a pulsão contém quatro elementos: Pressão [*Drang*], finalidade [*Ziel*], objeto [*Objekt*] e fonte [*Quelle*]. E também quatro vicissitudes (reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, recalque e sublimação). Freud destaca três pulsões: oral, anal e genital cujos objetos são respectivamente: o seio, as fezes e os órgãos sexuais. Ele também nomeia a pulsão invocante e Lacan acrescenta a pulsão escópica, cujos objetos são a voz e o olhar. Freud cita a pulsão olfativa que se liga aos odores e o psicanalista Coutinho Jorge desenvolve essa temática.

Lacan, seguindo o pensamento de Freud, nomeia esses objetos como objetos *a* enquanto substitutos do Outro que são reclamados e se fazem causa do desejo. Enquanto as pulsões oral

e anal referem-se à fases da libido marcada pela demanda do Outro, as pulsões escópica e invocante se ligam ao desejo do Outro. O seio é um objeto *a* na medida que a função do desmame indica a castração, enquanto o excremento é o objeto que o sujeito perde por natureza. O olhar e a voz são suportes que presentificam tal perdas. Esses objetos indicam a presença de um vazio, de um objeto perdido, logo, passível de ser representado por qualquer objeto.

Quanto à pulsão olfativa, Marco Antônio Coutinho Jorge revela que ela não é muito valorizada mas que

o poder do olfato pode ser medido por ele ser um sentido intrinsecamente ligado à própria manutenção da vida, pois a respiração faz com que o ar passe continuamente pelos órgãos do olfato. Viver e sentir odores, parecem estar intimamente relacionados, fato que não se dá com nenhum outro sentido. (JORGE, 2011, P. 54)

Os odores estão ligados aos orifícios corporais e, para serem sentidos, exigem a proximidade do objeto. Mas, a partir do desenvolvimento filogenético do homem produzindo o advento da postura ereta dele, o funcionamento instintivo do animal ligado ao olfato passou para um funcionamento pulsional baseado na visão. Marco Antônio se refere à esse momento como *recalque orgânico*, que seria esse momento zero do recalçamento. O autor explica que:

A psicanálise, por sua vez, permite-nos fazer uma conjectura curiosa, de que a estrutura do órgão nasal humano decorreria da necessidade de manter o vínculo mais proximal possível entre o órgão do olfato e os órgãos sexuais que dele se distanciaram a partir do momento em que a postura ereta impôs-se à espécie. (JORGE, 2011, p. 57)

Pois, a adoção gradativa da bipedia liga-se ao decréscimo gradual da importância do olfato nas trocas sexuais entre indivíduos, se distanciando de uma sexualidade instintiva como os animais para uma sexualidade pulsional.

Em relação aos elementos das pulsões, a *pressão* diz respeito ao seu aspecto motor, a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho. A essência da pulsão é a sua característica de exercer pressão. Nesse ponto, também podemos fazer uma grande distinção com o conceito de instinto, no qual a pressão é exercida no momento da necessidade e quando esta é satisfeita como a fome, o estímulo cessa a sua pressão temporariamente. A pressão da pulsão é constante e nós não podemos escapar dela. Por esse viés, Lacan ressalta no Seminário 11:

a constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é (...) que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante (LACAN, 2008, p. 163).

A finalidade da pulsão é sempre a satisfação, mas como a pulsão nunca se satisfaz completamente, essa satisfação é sempre parcial. As pulsões são parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade. Aqui entra em jogo a característica da pulsão como impossível de ser satisfeita.

Lacan se remete à satisfação pulsional como um paradoxo, pois ela é atingida sim mas também nos aponta para o impossível, para o real, pois não há objeto certo para a pulsão. E define o real como impossível, pois diz que ele é seguramente o oposto do possível e, portanto, obstáculo ao princípio do prazer. O psicanalista completa: “o real se distingue (...) por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível.” (LACAN, 2008, p. 165)

O objeto da pulsão é o que há de mais variável nela, o que significa que é contingente. Nas palavras de Freud: “somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste.” (FREUD, 2006, p. 140, v. VII).

Para Lacan,

a pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente aí que ela se satisfaz. Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão (LACAN, 2008, p. 165).

Freud também distingue o termo *fixação* que se refere a uma ligação estreita que a pulsão pode estabelecer com um objeto, o que geralmente ocorre em períodos iniciais do desenvolvimento.

A *fonte* tem relação com o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, cujo estímulo é representado na vida mental. Freud assume que a questão da fonte das pulsões foge do âmbito da psicologia e que isso não tem tanta importância, pois da vida mental nós conhecemos apenas suas finalidades. Quanto a essa questão, Lacan acrescenta que:

(...) Freud marca, no nível do que podemos chamar de fonte dos *Triebe*, um ponto de inserção, um ponto de limite, um ponto irreduzível. E é justamente isso que a experiência encontra no caráter irreduzível – encontramos aqui mais uma vez a ambiguidade – desses resíduos das formas arcaicas da libido. (LACAN, 2008, p. 116)

No texto *Além do Princípio do Prazer* (1920/2006), depois de muito investigar, Freud denomina as duas pulsões básicas de *Pulsão de Vida* e *Pulsão de Morte*. E ele escreve que a multiplicidade dos fenômenos da vida só podem ser explicada pela ação concorrente ou mutuamente oposta dessas duas pulsões. Freud esclarece, também, que ambas as pulsões são causadas pelas necessidades do isso. Ou seja, o isso é o reservatório pulsional, de onde o eu retira esse energia.

No texto *Esboço de Psicanálise* (1940[1938]/2006), Freud escreve que o objetivo da pulsão de vida é de união, de estabelecer unidades cada vez maiores e preservá-las enquanto a pulsão de morte é desfazer conexões, destruir as coisas e levar o que é vivo a um estado anterior, inorgânico.

Para Freud, a pulsão de vida também se denomina de *Eros*, já a pulsão de morte é conhecida como pulsão destrutiva. Ele escreve que a pulsão de morte opera de forma silenciosa e que só nos chama atenção quando é desviada para fora, como pulsão destrutiva, ocorrendo uma defusão pulsional.

Em uma carta em que Freud respondeu a Einstein em relação à questão da guerra que foi publicada em suas obras completas com o título *Por que a guerra?* (1933[1932]/2006), ele retoma a teoria das pulsões e escreve novamente que as pulsões são de dois tipos: aqueles que tendem a preservar e unir que são chamadas de eróticas e aqueles que tendem a destruir e matar, que são conhecidas como pulsão agressiva ou destrutiva. Vale ressaltar que:

nenhuma dessas duas pulsões é menos essencial do que a outra; os fenômenos da vida surgem da ação confluyente ou mutuamente contrária de ambas. Ora, é como se uma pulsão de um tipo dificilmente pudesse operar isolada; está sempre acompanhada – ou, como dizemos amalgamada – por determinada quantidade do outro lado, que modifica seu objetivo, ou, em determinados casos, possibilita a consecução desse objetivo. Assim, por exemplo, a pulsão de autopreservação certamente é de natureza erótica; não obstante, deve ter à sua disposição a agressividade para atingir seu propósito. Dessa forma, também a pulsão de amor, quando dirigida a um objeto, necessita de uma contribuição da pulsão de domínio, para que obtenha a posse desse objeto. A dificuldade de isolar as duas espécies de pulsão em suas manifestações reais, é, na verdade, o que até agora nos impedia de reconhecê-las. (FREUD, 2006, p. 203, v. XXII).

As ações humanas são motivadas, portanto, por uma combinação das pulsões e muito raramente por uma só pulsão. Freud cita que as incontáveis crueldades que ocorreram na

história certamente foram facilitadas por uma mistura com outros motivos de natureza erótica e idealista. Ainda nesse texto, ele chama a sua teoria das pulsões de mitológica e ele insiste na importância da pulsão de morte, pois:

essa pulsão está em atividade em toda criatura viva e procura levá-la ao aniquilamento, reduzir a vida à condição original de matéria inanimada. Portanto, merece, com toda seriedade, ser denominada pulsão de morte, ao passo que as pulsões eróticas representam o esforço de viver. A pulsão de morte torna-se pulsão destrutiva quando, com o auxílio de órgãos especiais, é dirigida para fora, para objetos. O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia. Uma parte da pulsão de morte, contudo, continua atuante *dentro* do organismo, e temos procurado atribuir numerosos fenômenos normais e patológicos a essa internalização da pulsão de destruição (FREUD, 2006, p. 204, v. XXII).

No livro *Vocabulário de Psicanálise*, os autores Laplanche e Pontalis se referem à pulsão de morte escrevendo que:

na realidade, o que Freud procura explicitamente destacar pela expressão “pulsão de morte” é o que há de mais fundamental na noção de pulsão, o retorno a um estado anterior e, em última análise, o retorno ao repouso absoluto do anorgânico. Além de um tipo especial de pulsão, o que ele assim designa é o que estaria no *princípio* de qualquer pulsão (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, p. 412).

Para Lacan, a pulsão é como uma montagem. Sua estrutura está ligada ao fator econômico, pois funciona para garantir uma certa homeostase das tensões internas. Ele sustenta que:

é em razão da realidade do sistema homeostático que a sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais. A pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente (LACAN, 2008, p. 173).

Como a pulsão é satisfeita somente de forma parcial, o seu *alvo*, portanto, se refere a um retorno em circuito. E o objeto *a*, que é a presença de um cavo, de um vazio, é introduzido pelo fato de que nenhum objeto satisfará completamente a pulsão, “senão contornando-se o objeto eternamente faltante.” (LACAN, 2008, p. 177).

No Seminário 7: *A ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan escreve que:

Os *Triebe* foram descobertos e explorados por Freud no interior de uma experiência fundada na confiança no jogo dos significantes, em seu jogo de substituição, de tal maneira que não podemos absolutamente confundir o domínio dos *Triebe* com uma reclassificação, por mais nova que se supunha, das familiaridades do ser humano com seu meio natural. O *Trieb* deve ser traduzido o mais próximo possível do equívoco e comparamo-nos, às vezes, em dizer – *a deriva*. (LACAN, 2008, p. 112-113)

Por isso, para Lacan, *Triebe* também poderia ser traduzido por derivas. Neste seminário, Lacan apresenta a teoria dos vasos comunicantes, a partir da teoria freudiana da plasticidade das pulsões. Pois Freud revela que as pulsões são plásticas, podem entrar em jogo uma com as outras, podem pegar para si a intensidade de outra e se comportam como uma rede, como canais comunicantes preenchidos por um líquido.

Lacan também ressalta que a complexidade da pulsão não é somente redutível à tendência no sentido energético, como Freud esclareceu, mas também comporta uma dimensão histórica que “se marca pela insistência que ela se apresenta, uma vez que ela se refere a algo memorável porque memorizado. A rememoração, a historização, é coextensiva ao funcionamento da pulsão no que se chama psiquismo humano.” (LACAN, 2008, p. 251)

A dimensão histórica das pulsões é situada na pulsão de morte, pois ela é definida como algo para além da tendência geral de retorno ao equilíbrio, já que é pulsão de destruição. A teoria de Lacan articula a pulsão de morte como: “Vontade de destruição. Vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante.” (LACAN, 2008, p. 254).

Segundo Lacan, há “a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão – que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte” (LACAN, 2008, p. 194).

Lacan explica que o que está em causa nesse ponto da teoria freudiana é que a pulsão de destruição põe em causa tudo o que existe, mas, também, é uma vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeçar. Nadiá Paulo Ferreira sintetiza em seu livro *Amor, ódio e ignorância* que:

um corpo vivo, pura substância gozante, transforma-se em corpo partido no qual o gozo se localiza em algumas partes. Essa perda de gozo causada pela intervenção significante é descrita por Lacan como uma experiência de morte, correspondendo em Freud ao instinto de morte. É nesse sentido que Lacan afirma que toda pulsão [*Trieb*] é pulsão de morte [*Todestrieb*] e, como tal, é criacionista.” (FERREIRA, 2005, p. 27).

Podemos averiguar que a pulsão de morte é anterior à de vida. E, segundo o psicanalista Marco Antônio, através da pulsão de morte, podemos conceber o caráter restituivo da pulsão, já que elas tendem à restauração de um estado anterior, e o caráter repetitivo dela. Ele destaca em seu livro *Fundamentos da psicanálise vol 1* que:

A rigor, é ao introduzir a pulsão de morte que Freud destaca o estatuto conceitual da pulsão em sua radicalidade. Somente nesse momento ele consegue evidenciar a

dimensão de sua teoria das pulsões na íntegra, ainda que esta possa ser surpreendida em cada uma das transformações que ela sofreu. (JORGE, 2011, p. 63)

Ele também explica no seu outro livro que se chama *Fundamentos da psicanálise vol 2* que, por trás da pulsão de vida, há sempre a pulsão de morte, pois “a pulsão sexual representa o segmento da pulsão de morte que foi sexualizado pela linguagem” (JORGE, 2010, p. 160)

A teoria de Freud ressalta a concepção que, no processo de análise, ocorre uma mudança no indivíduo em relação às forças de suas pulsões. E Lacan, em relação à terapia psicanalítica, acredita que o sujeito pode reconhecer e acolher a singularidade do seu gozo. Coutinho Jorge reflete da seguinte maneira:

O que acontece com a pulsão? Oferecemos a ela pequenos objetos e ela se satisfaz, ainda que parcialmente. Mas, então, ela joga esses objetos fora e nós lhe damos outro, e ela se satisfaz de novo de modo parcial com esse objeto, mas joga-o fora novamente e diz: “Quero outro, quero outra coisa” O que a pulsão quer é das Ding, mas o que ela recebe é o objeto a. E a nossa vida cotidiana é feita disso, a vida humana é regida por esse vetor, tendendo a obter a absoluta satisfação, impossível de ser obtida. Esse é o dramático, se não o trágico, da existência humana. (JORGE, 2010, p. 134)

2.3 As relações do recalque e do sintoma com as pulsões

A partir da psicanálise freudiana, o estudo dos processos neuróticos se iniciou com o recalque. Este mecanismo de defesa é bastante peculiar, sendo o mais nitidamente diferenciado dos demais, como: deslocamento, introversão, projeção, entre outros.

Nenhum indivíduo faz uso de todos os mecanismos de defesa, cada pessoa utiliza alguma seleção deles de uma forma singular, fazendo com que se tornam modalidades regulares de reação de seu caráter e que são repetidos durante toda a vida.

Freud ratifica em seu artigo *A história do movimento psicanalítico* (1914/2006) que “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise.” (FREUD, 2006, p. 26, v. XIV). Portanto, esse subcapítulo aborda a questão do recalque e do sintoma, sempre presentes na estrutura dos indivíduos neuróticos.

No texto *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica* (1910/2006), Freud declara que:

a psicanálise também aceita as hipóteses da dissociação e do inconsciente, porém as relacionamos de modo mutuamente diferente. O conceito psicanalítico é dinâmico e

atribui a origem da vida psíquica a uma interação entre forças que favorecem ou inibem uma à outra. Se, em qualquer circunstância, um grupo de ideias permanece no inconsciente, a psicanálise não infere desse fato, de que há uma incapacidade constitucional para a síntese que se evidencia nessa determinada dissociação, mas sustenta que o isolamento e o estado de inconsciência desse grupo de ideias foram causados por uma oposição ativa de parte de outros grupos. O processo, devido ao qual teve esse destino, é conhecido como *recalque* (FREUD, 2006, p. 222-223, v. XI).

Ainda nesse texto, o autor relata que a evolução da civilização se origina principalmente à custa das pulsões sexuais, que tem que ser suprimidas, restringidas e dirigidas a objetivos mais elevados para que se possam estabelecer as construções psíquicas da civilização. Talvez seja por isso que Freud destaca o recalque entre os mecanismos de defesa, pois as exigências da civilização entram em conflito com a satisfação das pulsões sexuais, ocasionando o recalçamento delas.

Freud inicia o seu texto *Recalque* (1915/2016) discutindo que uma das vicissitudes que a pulsão pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-la inoperante. Nesse caso, a pulsão passa para o estado de *Verdrangung*, o que é melhor traduzido como Recalque. No livro *Dicionário comentado do alemão de Freud*, o verbo *Verdrangung* genericamente significa desalojar ou empurrar para o lado. Também se remete a uma sensação de sufoco, incômodo, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda.

Como não podemos escapar da força pulsional, sempre exercendo pressão, “a rejeição baseada no julgamento (condenação) constituirá um bom método a ser adotado contra a pulsão.” (FREUD, 2006, p. 151).

O recalque é uma etapa preliminar da condenação, algo entre a fuga e a condenação. Ele se efetua na primeira infância, são medidas de defesa do eu que servem para manter afastados os perigos. No artigo *Análise Terminável e Interminável* lê-se:

O aparelho psíquico não tolera o desprazer; tem de desviá-lo a todo custo, e se a percepção da realidade acarreta desprazer, essa percepção – isto é, a verdade – deve ser sacrificada. No que se refere à perigos externos, o indivíduo pode ajudar-se durante algum tempo através da fuga e evitando a situação de perigo, até ficar suficientemente forte, mais tarde, para afastar a ameaça alterando ativamente a realidade. Mas não é possível fugir de si próprio; a fuga não constitui auxílio contra perigos internos. E, por essa razão, os mecanismos defensivos do eu estão condenados a falsificar nossa percepção interna e a nos dar somente uma representação imperfeita e deformada de nosso próprio isso. Em suas relações com o isso, portanto, o eu é paralisado por suas restrições ou cegado por seus erros, e o resultado disso, na esfera dos eventos psíquicos, só pode ser comparado a caminhar num país que não se conhece, sem dispor de um bom par de pernas.” (FREUD, 2006, p. 253, v. XXIII).

Apoiados em Freud, podemos afirmar que isso ocorre porque a satisfação pulsional causa prazer num lugar, mas gera desprazer em outro. Portanto, o recalque aparece inicialmente como um mecanismo de defesa das pulsões do eu e ocorre sobre os representantes representativos da pulsão que se referem a uma ideia ou grupo de ideias investidas por essa energia psíquica proveniente da pulsão.

Quando ocorre o recalque sobre o representante representativo da pulsão, o afeto ligado à representação não é recalado, ele se afasta da ideia original e encontra expressão proporcional à sua quantidade em três vicissitudes: ou a pulsão é recalada inteiramente do qual nós não podemos encontrar qualquer vestígio dela, ou aparece como um outro afeto ou se transforma em angústia.

Freud conclui que o recalque não é um mecanismo que está presente desde o início, mas que surge após uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente. E formula o *recalque originário* que seria essa primeira fase desse mecanismo de impedir o representante da pulsão entrar no consciente. A segunda fase, denominada *recalque propriamente dito*, corresponde aos derivados do material recalado que entram em uma certa relação associativa e sofrem o mesmo destino do que foi recalado. De tal modo, o recalque propriamente dito, exerce uma pressão partindo do consciente para o material recalado e também uma atração exercida pelo que foi recalado sobre tudo aquilo que possa ter ligação com ele.

Freud destaca o fato de que o recalque não impede que o representante pulsional continue a existir no inconsciente, pois ele pode se ligar a outras representações, se organizar e originar derivados. Ele também pode ser efetuado dividindo o representante da pulsão em duas partes, uma que sofre a ação desse mecanismo e outra que pode passar por outra vicissitude.

Por isso, o recalque é individual em seu funcionamento e também é móbil, pois ele não ocorre somente uma vez, o recalque envolve um dispêndio persistente de força que, se não existisse, o material recalado voltaria à consciência. Então, o material recalado exerce uma pressão em direção ao consciente enquanto o eu exerce uma contrapressão incessante em relação a esse material. Desta forma, podemos compreender que o recalque exige um ininterrupto dispêndio de força.

O recalque é efetuado somente pela consciência, no inconsciente diz-se que ele prolifera no escuro. Ele pode criar formações substitutivas e sintomas que indicam o retorno do recalado.

No Seminário 3: *As psicoses* (1955-1956) de Lacan, encontra-se a seguinte explicação: “o que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos.” (LACAN, 2008, p. 21-22).

A teoria lacaniana avança na teoria freudiana a partir do conhecimento da linguística que foi desenvolvida paralelamente à teoria do Freud. E, com a contribuição lacaniana de que *o inconsciente é estruturado pela linguagem*, que inclui a cadeia significante, conclui-se que o que é recalado no inconsciente são os significantes.

Quanto ao sintoma, Freud esclarece:

(...) repetindo o que já disse em outras publicações, que essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. Não quero dizer com isso apenas que a energia da pulsão sexual faz uma contribuição para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), e sim asseverar expressamente que essa contribuição é a única fonte enérgica constante da neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominantemente, ou apenas parcial, nesses sintomas. Como exprimi em outro lugar [no pós-fácio do texto *Fragmento da análise de um caso de histeria*] os sintomas são a atividade sexual dos doentes. (FREUD, 2006, p. 154-155, v. VII)

Lacan relata no Seminário 5: *as formações do inconsciente* que:

se o sujeito reconhecesse o recalado, ele seria forçado a reconhecer, ao mesmo tempo, uma série de outras coisas, as quais lhe são propriamente intoleráveis, o que constitui a fonte do recalado. O recalque só pode ser concebido como ligado a uma cadeia significante articulada. Toda vez que vocês têm um recalque na neurose, é na medida em que o sujeito não quer reconhecer alguma coisa que necessitaria ser reconhecida, e esse termo, necessitaria, sempre comporta um elemento de articulação significante que não é concebível senão numa coerência discursiva. (LACAN, 1999, p. 242).

No Seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* Lacan aproxima o recalque ao sintoma justamente porque eles se constituem pela função significante:

o recalado primordial é um significante, e o que se edifica por cima para construir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significantes. Recalado e sintoma são homogêneos, e redutíveis a função de significantes. Sua estrutura, embora ela se edifique por sucessão como todo o edifício, é contudo, no fim, inscritível em termos sincrônicos (LACAN, 2008, p. 173).

O sintoma se situa no nível da significação, pois é a significação de um significado e “está longe de concernir unicamente ao sujeito, mas a sua história, toda a sua anamnese está

implicada nele.” (LACAN, 1999, p. 477) Por isso, Lacan explica que a teoria de Freud nos ensinou que o sintoma nunca é simples, mas sobredeterminado. E que o sintoma se situa no nível onde se trata do que foi recalcado.

No Seminário 7 Lacan explica que:

O sintoma é o retorno, por via de substituição significativa, do que se encontra na ponta da pulsão como o seu alvo. É aqui que a função significativa adquire toda sua importância, pois é impossível, sem colocá-la em jogo, distinguir o retorno do recalcado da sublimação como modo de satisfação possível da pulsão. É um paradoxo – a pulsão pode encontrar seu alvo, sem que se trate aí da substituição significativa que constitui a estrutura sobredeterminada, a ambiguidade, a dupla causalidade, do que se chama compromisso sintomático. (LACAN, 2008, p. 135)

Como resume Elizabeth da Rocha Miranda no seu artigo *Sintoma ao sinthome: o que não faz sintoma*,

O sintoma é, para Freud, uma solução de compromisso (Kompromissbildung) entre o desejo inconsciente e as exigências defensivas do eu. É um sinal e o substituto de uma satisfação pulsional que não pode alcançar seu alvo de forma direta. É uma mensagem cifrada que pede interpretação. (MIRANDA, 2008, p. 149).

Para Lacan, o sintoma se refere ao que é analisável e ele cita Freud para esclarecer que o sintoma fala na sessão e que ele se articula no sentido do reconhecimento do desejo. Portanto, para Lacan, o *isso* fala. E, no Seminário 5 ele relata que o sintoma apresenta-se sob uma máscara e de forma paradoxal.

A ideia de máscara significa que o desejo se apresenta sob uma forma ambígua, que justamente não nos permite orientar o sujeito em relação a esse ou aquele objeto da situação. Há um interesse do sujeito na situação como tal, isto é, na relação desejante. É precisamente isso que é expresso pelo sintoma que aparece, e é isso que chamo de elemento de máscara do sintoma (LACAN, 1999, p. 337).

O inconsciente é, até certo ponto, uma coisa que fala. Mas o sintoma se manifesta como uma coisa fechada para o outro, como uma máscara. Por isso Lacan caracteriza o sintoma como um paradoxo, pois “esse caráter duplo do desejo inconsciente, que, ao identificá-lo com sua máscara, faz dele algo diferente do que quer que se dirija para um objeto.” (LACAN, 1999, p. 338).

Elizabeth da Rocha Miranda explica que:

(...) A estrutura do sintoma não se limita à estrutura da metáfora, já que o sintoma não se resolve de todo em uma análise da linguagem. O sintoma está enraizado em algo de uma natureza distinta do significante, o que se comprova com a teoria das pulsões. (...)

A compulsão à repetição levou Freud a deduzir a existência da pulsão de morte para dar conta da profunda inércia de alguns fenômenos inconscientes, em particular o sintoma. A partir desse conceito, Lacan cria o campo do gozo. O gozo participa da estruturação do sintoma tanto quanto a metáfora significante surgida do discurso do Outro. (MIRANDA, 2008, p. 149).

A teoria lacaniana sobre o gozo será exposta no próximo subcapítulo, assim como os conceitos de desejo e amor, no que estes conceitos se entrecruzam com a questão da relação sexual.

2.4 Eis a questão: amor, desejo ou gozo?

A vida sexual dos adultos se origina na infância, pois, como escreve Freud “os resultados da escolha objetal infantil, prolongam-se pelas épocas posteriores; ou se conservam como tal ou passam por uma renovação na época da puberdade” (FREUD, 2006, p. 189, v. VII). Isso quer dizer que as primeiras relações amorosas sempre deixam traços em relacionamentos posteriores.

Freud relata que a escolha de objeto se efetua em dois tempos: o primeiro na infância, na fase do complexo de Édipo e, depois, na puberdade, onde ocorre a configuração definitiva da vida sexual. Ele também menciona dois termos: o objeto sexual como a pessoa de quem provém à atração sexual e o alvo sexual que se refere à ação para a qual a pulsão impele.

O Complexo de Édipo é uma fase por onde passam todos os neuróticos, por volta de dois a cinco anos aproximadamente. Posteriormente, ele torna-se latente para depois reaparecer na puberdade, onde culmina na escolha sexual de objeto.

No artigo de 1910/2006 *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)*, Freud analisa a questão da escolha de objeto realizada pelos neuróticos e relata uma série do que ele chama de *condições necessárias ao amor*, aparentemente desconcertantes e ininteligíveis, mas que podemos explicar pelo contexto psicanalítico.

A primeira se refere ao fato de existir uma terceira pessoa prejudicada, no sentido de que um homem se interessa por uma mulher na medida em que esta mulher esteja envolvida com um outro, que pode ser o marido, noivo ou mesmo amigo.

A segunda condição diz respeito a amar uma mulher sexualmente de má reputação, cuja fidelidade e integridade estão expostas em dúvida. Esta condição pode ser grosseiramente

definida como um amor à prostituta. O ciúme encontra-se muito presente neste tipo de escolha amorosa.

Freud relata que no amor normal o valor de uma mulher pode ser aferido pela sua integridade sexual, mas, que o valor elevado dessas mulheres pode ser um desvio do normal também. Ele observa que há em alguns amantes uma ânsia de salvar a mulher amada, salvar para não abandoná-la. Portanto, Freud conclui que:

A escolha de objeto, que é tão estranhamente condicionada, e esta maneira extremamente singular de se comportar no amor, tem a mesma origem psíquica que encontramos nos amores de pessoas normais. Derivam da fixação infantil de seus sentimentos de ternura pela mãe e representam uma das consequências dessa fixação. No amor normal, apenas sobrevivem algumas características que revelam, de maneira inconfundível, o protótipo materno da escolha de objeto (FREUD, 2006, p. 174, v.XI).

A teoria freudiana, contudo, revela que as condições para amar e os comportamentos no amor decorrem da constelação psíquica relacionada à mãe. Mesmo quando a condição para amar uma mulher se relacione ao fato de ela se assemelhar a uma prostituta, Freud lembra o fato de que não existe opostos no inconsciente, pois a oposição que está consciente está no inconsciente como uma unidade. Até porque a mãe e a prostituta não são assim tão diferentes, tendo em vista que elas fazem a mesma coisa.

Freud cria a noção de *romance familiar* para abordar a questão da história pessoal de cada pessoa, especialmente o envolvimento com os pais. Segundo o autor, o *romance familiar* se refere “as várias ramificações dessa atividade imaginativa e a maneira pela qual elas se entrelaçam com os diversos interesses egoístas desse período da vida.” (FREUD, 2006, v. XI, p. 177).

Ressalta-se o fato de que há uma nota de rodapé nesse texto que está escrita que Freud usa pela primeira vez o termo *Complexo de Édipo*, apesar desse conceito já ser familiar na teoria freudiana.

No artigo *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II)* de 1912/2016, ele explica que é necessário uma união entre duas correntes para assegurar um comportamento amoroso normal, que são as correntes afetiva e a sensual ou sexual. A afetiva é a mais antiga, se constitui nos primeiros anos de infância e se dirige a quem cuida da criança. Pois, para a psicanálise, a criança é como um brinquedo erótico, onde os que cuidam dela possuem afeições que podem demonstrar uma natureza de prazer, pois é necessário um investimento libidinal para cuidar de uma criança.

Essas fixações afetivas das crianças persistem pela infância e, na puberdade, elas se ligam à poderosa corrente sexual. Há casos em que essa divisão fica evidente, pois há pessoas que “quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar,” (Freud, 2006, p. 188, v. XI). Portanto, amar e desejar são coisas diferentes. A questão é que, para Freud,

a principal medida protetora contra essa perturbação a que os homens recorrem nessa divisão de seu amor consiste na *depreciação* do objeto sexual, sendo reservada a supervalorização, que normalmente se liga ao objeto sexual para o objeto incestuoso e seus representantes. Logo que se consuma a condição de depreciação, a sensualidade pode se expressar livremente e podem se desenvolver importantes capacidades sexuais e alto grau de prazer. Há um outro fator que contribui para essa consequência. As pessoas nas quais não houve a confluência apropriada das correntes afetiva e sensual geralmente não demonstram muito refinamento nas suas formas de comportamento amoroso; elas retiveram suas finalidades sexuais perversas, cuja não-realização é sentida como uma grave perda de prazer e cuja realização, por outro lado, só parece possível com um objeto sexual depreciado e desprezado (FREUD, 2006, p. 189, v. XI).

A teoria de Freud revela que a questão da degradação da vida amorosa muitas vezes é necessária para que se possa exercer a atividade sexual, pois os homens depreciam as mulheres para que a corrente sensual possa fluir.

Lacan, no Seminário 5: *as formações do inconsciente*, apresenta a questão da degradação da vida amorosa como uma das descobertas freudianas mais essenciais e que decorre da base do Complexo de Édipo:

Freud nos apresenta o desejo da mãe como estando no princípio dessa degradação em alguns sujeitos sobre os quais nos é dito, precisamente, que não abandonaram o objeto incestuoso – enfim, que não o abandonaram bastante, pois, afinal, aprendemos que o sujeito nunca o abandona por completo. Deve haver, é claro, alguma coisa que corresponda a esse maior ou menor abandono, e nós a diagnosticamos – a fixação da mãe. (LACAN, 1999, p. 338-339).

Lacan também aponta para a dissociação entre o amor e o desejo que há em alguns casos relatados por Freud, onde um homem pode amar uma mulher e desejar outra:

esses sujeitos não conseguem pensar em abordar a mulher quando, para eles, ela goza de seu pleno *status* de um ser passível de ser amado, de um ser humano, de um ser no sentido acabado, de um ser que, como se costuma dizer, pode dar e pode se dar. O objeto está presente, dizem-nos, o que significa, é claro, que ele está presente sob uma máscara, porque não é à mãe que o sujeito se dirige, mas à mulher que a sucede, que toma o lugar dela. Aqui, portanto, não há desejo. Por outro lado, diz-nos Freud, esses sujeitos vão encontrar prazer com prostitutas. (LACAN, 1999, p. 339).

Freud também escreve que:

Pode-se verificar, facilmente, que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações. Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isso se aplica tanto aos indivíduos como às nações (FREUD, 2006, p. 193, v. XI).

A teoria freudiana se depara com um impasse, que já foi revelado no subcapítulo sobre a teoria das pulsões, pois não há satisfação completa da pulsão, o que existe são satisfações parciais e, como ela nunca se satisfaz completamente, ela nunca cessa, pelo contrário, a pulsão exerce uma força constante.

Portanto, Freud revela que a irrupção bifásica de escolha de objeto e da interposição da barreira do incesto, o objeto final da pulsão sexual não será mais o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo. Ele lembra que:

a psicanálise revelou-nos que quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência do recalque, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infundável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. (FREUD, 2006, p. 194, v. XI).

Sabendo que o objeto da pulsão é o que há de mais variável, por este objeto ser perdido desde sempre, Nadiá Paulo Ferreira explica em seu livro *O amor na literatura e na psicanálise*:

Ora, se qualquer coisa pode ser colocada no lugar do objeto, desde que satisfaça o alvo de uma pulsão, Lacan, em sua leitura do texto freudiano, chega à conclusão de que a origem do desejo está na falta do objeto. Se a pulsão não tem um objeto pré-determinado e se toda satisfação tem como marca indelével a incompletude, logo o parcial é o que faz parte tanto da satisfação quanto do objeto. Eis outra forma de introdução do real como impossível nas pulsões. Justamente por isso, Lacan afirma que em todo gozo se inscreve uma falha e inventa uma letra para nomear o objeto pulsional freudiano: objeto *a*, o objeto causa do desejo. (FERREIRA, p. 20, 2008).

Lacan, portanto, conceitualiza a questão do desejo na teoria psicanalítica. Ele descreve o desejo como o resultado da subtração da necessidade em relação à demanda de amor e cria a fórmula: $d=D-N$ (Lê-se: desejo igual demanda menos necessidade). O desejo surge da falta e se articula no inconsciente como desejo do Outro. Não há palavra para exprimir o que é o desejo, por isso ele diz que o desejo não é articulável.

No Seminário 5: *as formações do inconsciente*, ele define o desejo da seguinte forma:

ele está para além da necessidade, para além da articulação da necessidade à qual o sujeito é levado pela exigência de valorizá-la para o Outro, para além de qualquer satisfação da necessidade. Ele se apresenta em sua forma de condição absoluta e se produz na margem da demanda de satisfação da necessidade e a demanda de amor.

O desejo do homem, para ele, tem sempre de ser buscado no lugar do Outro como lugar da fala, o que faz com que o desejo seja um desejo estruturado nesse lugar do Outro. (LACAN, 1999, P. 454).

A questão é que Freud se depara com um furo: o real, o mistério do corpo falante, que aponta para o que é impossível de se dizer. O real é o mistério do inconsciente. E Nadiá Paulo Ferreira escreve em seu artigo *A verdade que não se quer saber apesar de...* que:

depois veio Lacan com seu projeto de ensino: retorno aos textos freudianos. Nesse retorno, Lacan insiste que Freud, ao descobrir a verdade sobre a sexualidade humana, deu de cara com o real. Isto é: esbarrou com algo da ordem do impossível, que não pára de reaparecer toda vez que topamos com a diferença entre os sexos e o gozo. O enigma sem decifração é o maldizer do sexo. Maldizer tanto no sentido de maldição, infortúnio e desgraça, como no sentido de dizer mal, porque dizer bem é impossível. (FERREIRA, 2008, p. 197).

No Seminário 5: *as formações do inconsciente*, Lacan revela que o amor é dar o que não se tem, ou seja, o falo, a um ser que não o é. O amor dá valor de signo de um ser ao amado. “Mesmo não tendo e não sendo o falo, conseqüentemente não podendo oferecer o que falta ao amante, o amado, como signo de um sujeito, oferece justamente aquilo que ele, por ser falante, não tem, ou seja, o seu ser.” (FERREIRA, 2013, p. 35-36). Segundo Lacan:

(...)não existe nenhum suporte do amor, já que, como eu lhes disse, dar amor é não dar nada que se tenha, pois é justamente por não se o ter que se trata de amor. Mas há uma discordância entre o que há de absoluto na subjetividade do Outro que dá ou não dá amor e o fato de que, para haver acesso a ele como objeto de desejo, é necessário que ele se faça totalmente objeto. É nesse desvio vertiginoso, nauseante, para chamá-lo por seu nome, que se situa a dificuldade de acesso na abordagem do desejo sexual. (LACAN, 1999, p. 397).

No Seminário 20 *Mais, ainda...*, Lacan diz que o amor faz signo e é recíproco, pois o amor demanda amor. Lacan escreve que quando a gente ama não se trata de sexo. O amor quer fazer Um, como uma totalidade, mas esse Um é marcado pela impossibilidade do significante, sempre barrado.

Portanto, a teoria lacaniana ressalta a idéia de que não existe relação sexual, embora haja o ato sexual. Isso quer dizer que não existe complementariedade entre os sexos, pois a relação sexual é dissimétrica, tornando a completude impossível. Lacan relata que todos os sujeitos inscrevem-se na função fálica para obviar a ausência da relação sexual, pois:

o não há relação sexual não implica que não haja relação com o sexo. É justamente isso que a castração demonstra, porém não mais: ou seja, que essa relação com o sexo não seja distinta em cada metade, pelo fato mesma de separá-las. (LACAN, 2003, p. 464).

Esta fórmula, a de que não há relação sexual, designa o real do sexo como o impossível do discurso inconsciente, pois a relação entre os sexos não pode se escrever.

O gozo sexual é marcado pela impossibilidade de fazer Um, pois, como explica Lacan, “o gozo é marcado por esse furo que não lhe deixa outra via senão a do gozo fálico.” (LACAN, 2008, p. 15).

Lacan diz que o gozo é o que não serve para nada e que o superego é o imperativo do gozo. É importante ressaltar que o gozo aqui não inclui somente o prazer, o gozo do qual trata a psicanálise é um gozo que tem também desprazer.

A realidade é abordada com o aparelho do gozo. Não há outro aparelho senão a linguagem, já que o inconsciente é estruturado como linguagem e Lacan escreve que onde o isso fala, isso goza. O pensamento é gozo, há gozo do ser. Mas, inversamente, o gozo mostra que algo está em falta. Portanto, não há gozo pleno.

Lacan se refere ao gozo sexual como fálico, que é o gozo do órgão, o gozo sexual. Para Lacan, o significante é a causa do gozo, ele (o significante) “se situa no nível da substância gozante”. (LACAN, 2008, p. 30)

Ele diz que o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega a gozar do corpo da mulher, pois o de que ele goza é do próprio órgão. Lacan também escreve que esse gozo tem a propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro. E esta outra parte também goza, agradando ou não o Outro, o fato é que ela não pode ficar indiferente.

Homens e mulheres têm acesso a esse gozo fálico. Mas há um gozo para além do falo, um gozo suplementar, interdito pelo significante, ou seja, um gozo para além das palavras, no qual nada se pode dizer dele. Esse gozo se refere a quem se encontra do lado feminino das fórmulas quânticas da sexuação, pois, Lacan, ao abordar as mulheres, introduz um mais-além do falo.

Se, para Freud, não existe inscrição no inconsciente da mulher, para Lacan, a mulher toda não existe, não existe A mulher. No seminário nº 20 *Mais, ainda*, Lacan disse que “não existe a mulher, a mulher não é toda.” (LACAN, 2008, p. 14). A mulher é não-toda na norma fálica. Por isso, não existe A mulher com esse artigo definido que designa um universal. A mulher só pode se escrever barrando-se esse A. Quando Lacan se refere à mulher, ele utiliza o \square para falar delas.

Por não estar toda submetida à norma fálica, quem circula pela posição feminina têm acesso a um outro gozo, um gozo indizível, assexuado. Como diz Catherine Millot, “se a mulher não é toda, é porque seu gozo é dual.” (MILLOT, 1989, p. 76). Ou seja, quem se

encontra na posição feminina para a psicanálise tem acesso ao gozo fálico e também pode experimentar o outro Gozo.

Pois quem está na posição feminina tem relação com o falo sim, mas não é toda na função fálica. Há algo a mais, e é aí que podemos situar o enigma da feminilidade, o continente negro da obra freudiana. Esse significante faltoso no inconsciente da mulher é que faz com que ela possa se relacionar com o gozo de outra forma além do fálico.

Lacan chama esse gozo de gozo do corpo. É um gozo próprio de quem se encontra na posição feminina, embora não aconteça a todas, e que não existe e não significa nada. Pois é um gozo que não se explica, só se experimenta, isso ela sabe. Pois, como enuncia o psicanalista: “o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo.” (LACAN, 2008, p. 14).

Como escreve o psicanalista Gérard Pommier em seu livro *A excessão feminina os impasses do gozo*, porque está inserida na linguagem, uma mulher pode experimentar como um homem o gozo fálico, pois este gozo tem como condição o acesso à palavra. Pois “as palavras são os instrumentos de um gozo que não conhece a diferença entre os sexos e se coloca de modo idêntico para todos os seres humanos.” (POMMIER, 1987, p. 55).

Pommier chama esse outro gozo de excesso, pois é um gozo desmesurado. Ele escreve que esse gozo não é uma necessidade de estrutura, ele pode apresentar-se regularmente, de vez em quando, ou nunca.

Portanto, desejo, amor e gozo são conceitos que se referem a três grandes vertentes que abarcam todas as manifestações da vida sexual do sujeito. É importante frisar que há diferença entre eles, como vimos, mas esses conceitos também se articulam:

ao contrário do amor, o desejo faz parte da estrutura do falante e tem como característica ser, ao mesmo tempo, indestrutível e invariante. Todo desejo é sempre o mesmo já que se articula à falta do objeto. Por não haver o que se deseja, o desejo está sempre se deslocando. Do ponto de vista do desejo não se trata disto e sim de outra coisa, mais outra, ainda outra, e assim sucessivamente... É porque o desejo faz parte da estrutura do ser falante que se pode usar o amor como álibi da verdade. O desejo visa sempre o objeto em função daquilo que falta e o amor se dirige ao outro não enquanto objeto, mas enquanto ser. A suposição de que haja um ser no outro dá origem ao amor. (FERREIRA, 2008, p. 11).

Por que o gozo fálico é falho, o desejo se relaciona à falta de objeto e a relação sexual é não-toda, podemos compreender porque o amor é o que vem em suplência à relação sexual que não existe. Enquanto o gozo, que se localiza no corpo, retorna sempre ao mesmo lugar e não é signo de amor. O gozo se refere ao objeto enquanto o amor se refere ao ser.

o lugar do gozo é o corpo. Um corpo vivo goza por inteiro. Mas, quando esse corpo se inscreve na linguagem, dimensão do simbólico, opera-se uma separação entre corpo e gozo. A partir daí, o ser falante tem como destino um gozo partido, um resto a gozar. Entre a experiência de um corpo que goza e o que falta a gozar se interpõe a palavra: fala-se do gozo e dessa fala nasce a suposição de um mais-gozar. Então, fala-se de amor, sofre-se por amor e se retira gozo do sofrer por amor. Da extração de um gozo pela dor de amor, o sujeito se petrifica, cedendo ao gozo e estancando o movimento do desejo, que não é outro, senão que está girando em torno do que ainda falta, do que sempre irá faltar. É nesse sentido que se pode falar da antinomia entre desejo e gozo. Entre eles, novamente o amor. Ama-se para se desejar, ama-se para gozar do sofrimento de amor (FERREIRA, 2008, p. 11).

Eis a questão: amor, desejo ou gozo? No próximo capítulo veremos como esses conceitos da psicanálise aparecem na literatura, a partir de uma leitura do teatro de Nelson Rodrigues.

3 O TEATRO DESAGRADÁVEL E A PSICANÁLISE

Nenhuma mulher trai por amor ou desamor. O que há é o apelo milenar, a nostalgia da prostituta, que existe ainda na mais pura.

Nelson Rodrigues

Para contextualizar a obra de Nelson Rodrigues, é importante lembrar que na época dele havia uma corrente de liberdade sexual tomando força, especialmente a feminina. E ele, que era um homem machista, pois não deixava sua esposa fazer nada, era contra essa corrente e alertava com as suas peças que o sexo é a maldição!

Eis o testemunho de Nelson sobre seu teatro:

Minhas peças têm um moralismo agressivo. Nos meus textos, o desejo é triste, a volúpia é trágica e o crime é o próprio inferno. O espectador vai para casa apavorado com todos os seus pecados passados, presentes e futuros. Numa época em que a maioria se comporta sexualmente como vira-latas, eu transformo um simples beijo numa abjeção eterna. (RODRIGUES, 1997, p. 109)

Ruy Castro, jornalista e escritor, autor da biografia intitulada *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*, destacou o fato de que o sexo e a morte foram as obsessões que sempre o acompanharam. (CASTRO, 1992, p. 25). Em suas próprias palavras:

Durante muitos anos, Nelson Rodrigues carregou fama de “tarado”. Em seus anos finais, a de “reacionário”. Ninguém foi mais perseguido: a direita, a esquerda, a censura, os críticos, os católicos (...), as plateias – todos, em alguma época, viram nele o anjo do mal, um câncer a ser extirpado da sociedade brasileira. E, olhe, quase conseguiram. (CASTRO, 1992, p.8).

Neste capítulo, faremos uma leitura comentada de algumas personagens do *Teatro Completo* de Nelson Rodrigues, a partir da peça *Álbum de Família*, que foi selecionada para ilustrar a intimidade do teatro rodrigueano com a psicanálise.

Essa peça foi escrita em 1945 e só estreada 22 anos depois, em 29 de julho de 1967, por causa da censura. O próprio Nelson disse que, a partir dessa peça, ele ingressou no que se poderia chamar de teatro desagradável “porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na plateia.” (RODRIGUES, 1993, p. 37).

Sábato Magaldi, no prefácio do *Teatro Completo*, escreve que embora a peça esteja situada em uma data concreta, a tragédia é atemporal e poderia transcorrer em qualquer outro lugar. Ele explica que:

(...) Na vida social, todos se amoldam a uma máscara, que revela e ao mesmo tempo esconde a verdadeira personalidade. Desinteressado de manter qualquer tipo de disfarce, Nelson propõe, em *Álbum de família*, um exercício de autenticidade absoluta. As personagens decidiram abolir a censura – engodo da conveniência que lhes permite o convívio –, para vomitar a sua natureza profunda, avessa a quaisquer padrões.

A peça põe em cena, por isso, personagens como que anteriores à história e à civilização. Desde que aceitas as regras do jogo social, o homem reprimiu anseios e criou tabus. A psicanálise, com Freud, Jung e outros teóricos, desvendou os mecanismos da mente, que explicam muito bem o procedimento de *Álbum*. Nelson, mesmo sem dominar em profundidade as lições psicanalíticas, tinha do assunto aquela informação genérica, acerca de todo cidadão de conhecimento mediano, que autorizava a tratar do incesto e dos laços familiares. Talento intuitivo, ele não recuaria ante os riscos do tema, preferindo emprestar-lhe a sua criatividade pessoal. (RODRIGUES, 1993, p. 38).

Essa peça conta a relação de uma família: Jonas é o pai e D. Senhorinha, a esposa. Eles têm quatro filhos: Edmundo é o filho mais novo, havia casado com Heloísa e sido expulso de casa; Glória tem 15 anos e está em um pensionato; Guilherme é o filho mais velho e é seminarista; e Nonô que é o filho louco que só grita e não aparece na peça. Também tem a irmã de D. Senhorinha, tia Rute que vive com a família e é muito cruel.

No início, aparece a personagem Glória fazendo um pacto com sua amiga, Teresa. As meninas aparentam ter 15 anos e juraram que não iriam casar nunca, que seriam fiel uma à outra até a morte e se beijam na boca.

Muda-se a cena para a fazenda de Jonas, onde estão Senhorinha e sua irmã Rute. Ouve-se um grito pavoroso vindo de fora que tia Rute identifica como o de Nonô, filho de Senhorinha que enlouqueceu e passou a andar nu pela mata como bicho.

Ouve-se também gemidos de uma mulher grávida, que parece estar sofrendo muito e que xinga e amaldiçoa Jonas durante a peça. A grávida é uma menina de 15 anos que Jonas engravidou e foi ter o bebê lá. Era preciso ser feita uma cesariana, coisa que não acontece, pois o médico havia viajado.

A família recebe um telegrama do colégio interno informando que Glorinha estava indo para casa. A família ficou muito preocupada com o que poderia ter havido com ela, pois acreditava que ela era a única pessoa boa e pura da família, especialmente Jonas que a achava um anjo.

Durante a peça, Edmundo termina o seu casamento e retorna à casa de seus pais. Guilherme abandona o seminário e volta para a casa. E Glorinha também retorna à família.

3.1 Degradação e devastação das mulheres

A tia Route, que diz abertamente que faz tudo para Jonas, leva meninas jovens e virgens para o cunhado:

Tia Route (*misteriosamente*) - Tenho outra. Você conhece
 Jonas (*interessado*) – Já veio aqui?
 Tia Route (*excitada*) – Veio sim – naquele dia! Até você olhou muito pra ela – eu notei!
 Jonas (*estica as pernas, sensualmente*) – Como é, mais ou menos?
 Tia Route – Os homens andam assim atrás dela – se você visse!... (*indicando o quarto da mulher grávida*) Só uma coisa: não é como essa estreita! Tem mais cadeiras, mas deixa – não faz mal. Se eu fosse homem, nem discutia. (*confidencial*) Vi tomando banho na lagoinha! (RODRIGUES, 1993, p. 525)
 (...)
 Tia Route: Claro! Todo mundo está de acordo – o avô – não tem mãe nem pai -, o noivo. (*abaixa a voz*) Prometi que você protegia a família. Ela me disse que você era homem – HOMEM! E depois, o orgulho, a vaidade. Sabe como é mulher!(RODRIGUES, 1993, p. 526)

Tia Route é uma mulher muito feia e tem raiva da irmã por ela ser bonita. Ela diz que desde menina tem inveja da beleza dela e que todo mundo tem um homem, menos ela. Mas teve um dia que Jonas estava bêbado e a desvirginou. Desde então, ela faz tudo para agradar o cunhado. Mas a tia também tinha uma questão edípica mal-resolvida com seus pais, pois achava que eles gostavam mais da Senhorinha do que dela.

Com Jonas, podemos ver que ocorre uma divisão entre o desejo pelas meninas e pela sua esposa, Senhorinha. Jonas, ao receber essas meninas dentro de sua própria casa, nos aponta para a degradação que ocorre com Senhorinha.

O conceito de degradação é uma contribuição freudiana para resolver a impotência sexual ocasionada por fixações infantis e a frustração da realidade através da intervenção da barreira contra o incesto. Segundo Freud:

(...) o homem quase sempre sente respeito pela mulher, que atua com restrição a sua atividade sexual, e só desenvolve potência completa quando se acha com um objeto sexual depreciado; e isto, por sua vez, é causado em parte, pela entrada de componentes perversos em seus objetivos sexuais, os quais não ousa satisfazer com a mulher que ele respeita. Assegura-se de prazer sexual completo apenas quando se

pode dedicar sem reserva a obter satisfação, o que, com sua mulher bem educada, por exemplo, não se atreve a realizar. (FREUD, 2006, p. 191, v. XI)

D. Senhorinha sabe de tudo que acontece na sua casa, atura isso e fica nesse lugar de degradação. Ela é a esposa e a mãe, fria sexualmente, enquanto Jonas procura meninas para transar.

É esta a origem de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, de uma mulher eticamente inferior, a quem não precise atribuir escrúpulos estéticos, que não o possa julgar. É a esta mulher que prefere dedicar sua potência sexual, mesmo quando toda sua afeição pertença a uma mulher de natureza superior. Também é possível que a tendência a escolher uma mulher de classe mais baixa para sua amante permanente ou mesmo para sua esposa, tão frequentemente observada nos homens nas classes mais altas da sociedade, nada mais seja que a consequência de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, a quem se vincule psicologicamente a possibilidade de completa satisfação sexual. (FREUD, 2006, p. 191, v. XI)

Para Lacan, no homem, a dialética da demanda e do desejo engendra efeitos dentro de uma degradação específica da vida amorosa. No Seminário 7, ele cita que a degradação visa, “quando se observa de perto, talvez menos a vida amorosa do que um certo cordão perdido, uma crise, que concerne ao objeto.” (LACAN, 2008, p. 122) E, no seu artigo que se chama *A significação do falo*, ele escreve que:

Se de fato sucede ao homem satisfazer sua demanda de amor na relação com a mulher, na medida em que o significante do falo realmente a constitui como dando no amor como aquilo que ela não tem, inversamente seu próprio desejo do falo faz surgir seu significante, em sua divergência remanescente, dirigido a “uma outra mulher”, que pode significar esse falo de diversas maneiras, quer como virgem, quer como prostituta. (LACAN, 1998, p. 702)

Nem por isso se deve acreditar que a espécie de infidelidade que aí se configuraria constitutiva da função masculina lhe seja própria. Pois, se olharmos de perto, veremos que o mesmo desdobramento é encontrado na mulher, expeto pelo fato de que o Outro do Amor como tal, isto é, enquanto privado daquilo que ele dá, é mal discernido no recuo onde vem substituir o ser do mesmo homem cujos atributos ela tanto estima (LACAN, 1998, p. 702)

Sônia Alberti no artigo *Sexo e devastação com Nelson Rodrigues*, escreve que a degradação do objeto “é manobra necessária para velar sua relação implícita com o objeto incestuoso, que Nelson desvela” (ALBERTI, 2000, p. 125) e que ela “está a serviço do gozo fálico no sentido de torná-lo possível.” (ALBERTI, 2000, p. 132)

Degrada-se uma mulher, rebaixando-a para um objeto sem valor para que se possa gozar dela sem a confundir com a mãe. No caso dessa peça, D. Senhorinha fica nesse lugar de degradada pois, pelo menos, ela tem um lugar ao lado de Jonas que dá à ela uma significação

fálica, ao contrário de sua irmã que não tem ninguém. O casamento lhe garante um lugar no gozo fálico e uma identificação simbólica ao lado desse marido.

Pois é através do amor, de que o homem lhe fale do amor, que uma mulher pode humanizar-se após ter servido de objeto. Portanto, é através da palavra que o homem pode situar uma mulher para ela não cair definitivamente como objeto. Pois, além da divisão que marca todo ser falante, a mulher apresenta uma outra divisão: ela é não-toda na norma fálica, há algo da mulher que escapa ao discurso. Como escreve Sônia Alberti,

a degradação, como sabemos, é um sintoma do homem, instrumentalizando-o para gozar de uma mulher. Se Lacan pode dizer que a mulher é um sintoma para um homem é porque ele procura vê-la com referência ao falo, enquanto que a mulher está sempre as voltas com o não-todo. (ALBERTI, 2000, p. 132)

Enquanto D. Senhorinha é uma personagem degradada, podemos conceber a mulher grávida, Totinha, como devastada. Portanto, a degradação é diferente da devastação, conceito este que surge a partir do termo catástrofe em Freud. “A devastação é uma coisa bem diferente. Ela determina que a mulher não seja, justamente, revestida desse valor fálico que a recupera para melhor servir. Ao contrário, na devastação ela é deixada só.” (ALBERTI, 2000, p. 132)

No Seminário 23: *O Sinthoma* (1975-1976), Lacan revela que “o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*. Vocês podem inclusive articular isso como lhes for conveniente. Trata-se mesmo de uma devastação.” (LACAN, 2007, p. 98)

Para entender o conceito lacaniano de devastação, é preciso voltar a Freud. Ele divide o complexo de Édipo em duas partes. Ele chama de pré-Édipo a fase onde a menina possui uma intensa ligação com a mãe, ou seja, ela é tida como objeto de desejo. E o complexo de Édipo que, a partir da castração, a menina abandona a mãe como objeto de desejo e volta-se para o seu pai. O Édipo será explicitado no próximo subtítulo deste capítulo.

A fase pré-edipiana, que é uma fase de exclusiva ligação com a mãe, tem importância muito maior nas mulheres. A menina tem que abandonar a mãe como objeto de desejo e a castração tem um papel muito importante nisso, pois quando a menina descobre que sua mãe é castrada, ela sofre grande depreciação a seus olhos. Segundo Freud,

Esse passo no desenvolvimento não envolve apenas uma simples troca de objeto. O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado,

posteriormente; geralmente uma parte dele é superada, ao passo que a parte restante persiste. (FREUD, 2006, p. 122, v. XXII).

Freud conclui que ambas as fases subsistem no futuro e que nenhuma delas é adequadamente superada no curso do desenvolvimento. O amor inicialmente dirigido à mãe pode ser transformado facilmente em ódio, que pode perdurar durante toda a vida. O afastamento da menina em relação à mãe, portanto, é sempre feito a partir de uma certa hostilidade, as meninas rivalizam com suas mães.

No Seminário 5 *As formações do inconsciente*, Lacan associa o campo pré-edípiano a perturbações patológicas nas quais o campo da realidade é profundamente perturbado por imagens e que reúnem a questão da perversão e da psicose. Ele escreve que:

A história da psicanálise nos atesta que é especialmente ao campo pré-edípiano que a experiência, a preocupação com a coerência e a maneira como a teoria é fabricada e se mantém de pé fizeram com que fossem atribuídas as perturbações, profundas, em alguns casos, do campo da realidade pela invasão do imaginário. O termo imaginário, aliás, parece render mais serviços do que o termo fantasia, que seria impróprio para falar das psicoses e perversões. Toda uma direção da análise enveredou pelo sentido da exploração do campo pré-edípiano, a ponto de até podermos dizer que foi nesse caminho que se fizeram todos os progressos essenciais de Freud. (LACAN, 1999, p. 169)

É notável a importância com que Lacan se refere ao campo pré-edípiano por se associar a perturbações graves. Por isso, também é nesse campo onde reinam as devastações. Malvine Zalcberg, no livro *A relação mãe e filha*, escreve que:

Daí Freud concluir que a ligação edípica da menina com o pai é uma formação secundária, pois antecedida de uma pré-história de uma ligação primária, fundamental e exclusiva com a mãe: uma relação pré-edípica. Freud focalizará a maioria de seus estudos posteriores a respeito da sexualidade feminina a partir da importância que essa relação pré-edípica tem no destino da filha. (ZALCBERG, 2003, p. 32)

Lacan, no seu artigo *A significação do falo*, acrescenta que, nem que seja por um momento, a menina se considera castrada primeiro por sua mãe e, em seguida, seu pai. E, no artigo *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*, ele reitera que “uma noção de carência afetiva, ligando sem intermediação às falhas reais dos cuidados maternos os distúrbios do desenvolvimento, é reforçada por uma dialética de fantasias das quais o corpo materno é o campo imaginário” (LACAN, 1998, p. 734).

No texto intitulado *O aturdido*, Lacan escreve:

Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que o pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação. (LACAN, 2003, p. 465)

Por isso, para Lacan, na devastação, o homem é sempre o segundo. Quando ocorre uma devastação de uma mulher por um homem, isso significa que antes, já havia uma relação de devastação entre ela e sua mãe. No início do artigo *A violência do amor materno*, Elizabeth da Rocha Miranda escreve que “A mãe enquanto Outro Primordial e Absoluto encarna a pura potência à qual o *infans* está *assujeitado*. A criança é objeto condensador de gozo para a mãe, o Outro Absoluto, cujo desejo é caprichoso, sem lei, legiferante.” (MIRANDA, 2016, p. 1)

No campo da devastação, a pulsão de morte é soberana. Como podemos visualizar na personagem Totinha que não aparece na peça, só ouvimos seus gritos. Ela fica dentro de um quarto, gritando as dores de um parto que a leva a morte, não tenta sair e nem buscar ajuda. Menina nova, estreita, quase sem bacia, não tinha condições de ter um filho por parto normal. Ela fica fora da peça, dentro do quarto, devastada, sem ninguém ligar para ela. A devastação se confirma no fato dessa personagem ir parir lá na casa de Jonas, no mesmo quarto onde foi deflorada, reafirmando a posição de objeto diante do Outro. “Com Nelson Rodrigues, a devastação que está justamente do lado do que não se inscreve na norma fálica, e muito menos a seu serviço, surge em toda sua crueza, para além das aparências.” (ALBERTI, 2000, p. 132). Segundo Lacan,

É mesmo por isso que se inventou o inconsciente – para se perceber que, o desejo do homem, é o desejo do Outro, e que o amor, se está aí uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda sua poja. Quando se olha para lá mais de perto, veem-se as devastações. (LACAN, 2008, p. 12)

A devastação também se expressa na personagem Dorotéia, na peça que leva seu próprio nome. Ela, que largou a família e virou prostituta, retorna para a casa de suas primas viúvas após o óbito de seu filho. As primas são D. Flavia, Carmelita e Maura. A casa não tem quartos e nem cama, somente sala, e as mulheres deitam no chão frio do assoalho. Elas também não dormem para que a alma e a carne não sonhem. A vergonha eterna é saber que temos um corpo nu embaixo da roupa. Ou seja, as mulheres da família recalavam qualquer desejo. Podemos notar que o sexo aparece na peça como pecado e o recalque sexual é tão grande que as personagens ou morrem ou apodrecem no fim em uma tentativa de fugir das pulsões.

Para ser aceita de volta na família, Dorotéia deve renegar sua beleza e ser feia como elas. Dorotéia diz a D. Flávia:

Só lhe digo que desejaria ser – horrível, juro... Ser bonita é pecado... Por causa do meu físico tenho tudo quanto é pensamento mau... sonho ruim... Já me vi tão desesperada que, uma vez, cheguei a desejar ter sardas... Eu que acho sardas uma coisa horrível... Talvez assim os homens não se engraçassem tanto comigo e eu pudesse ter um proceder condizente...

(...)

Eu mesmo acho que a família tem o direito de exigir! (*mais positiva*) E de humilhar... (*humilde*) Não pensem que eu estou contra a minha humilhação... Nunca! Até quero ser humilhada... Me desfeiteiem, se quiserem. (*misteriosa*) Estou desconfiada que a morte do meu filho já foi um aviso... (RODRIGUES, 1993, p. 639).

Dorotéia então recorre à Nepomuceno, que tem varíola e é leproso e que lhe dá muitas chagas pelo rosto e corpo para destruir sua beleza. A devastação se presentifica em Dorotéia a ponto de ela se transfigurar para ficar horrível como as mulheres da família. Nesse momento, destacamos a pregnância da pulsão de morte nas personagens. Dorotéia deve ficar feia para ser salva da maldição do sexo, pois sua beleza a condena a ter uma vida vulgar. Ela concorda e diz: “Ninguém melhor que uma mãe, com mais autoridade, para sufocar aquilo que ela mesma gerou... A mãe pode pegar uma filha e lhe abrir o rosto ao meio, sendo que um perfil para cada lado...” (RODRIGUES, 1993, p. 663). Também podemos notar a devastação pelo fato de que Dorotéia fica no lugar de objeto em relação ao Outro.

Na peça, D. Flávia tem uma filha que se chama Das Dores, que nasceu morta de 5 meses. Ela estava noiva e se casou com Eusébio de Abadias (representado por um par de botinas desamarradas). Mas Das Dores não sente a náusea na sua noite de núpcias e diz à mãe: “Eu tive um aviso, mãe... e sei que não vou ter a náusea” (RODRIGUES, 1993, p. 659). Ela diz que precisa ficar com o noivo. A mãe, então, revela à filha que ela nasceu morta, no que podemos identificar como uma recurso para barrar qualquer resquício de desejo. Das Dores retorna ao útero materno. A mãe destrói a filha simbolicamente quando ela não segue seus passos, uma característica forte nas mães que aparecem nas peças de Nelson.

Podemos observar que as mulheres aparecem na escrita de Nelson como santas ou putas e os homens como canalhas ou vítimas. As mulheres que embarcam no gozo sexual são consideradas prostitutas e perdidas como Dorotéia, que sente vergonha e se arrepende. A degradação aparece como forma de expiar a culpa e se livrar do pecado que é o sexo.

3.2 Complexo de Édipo e Nome-do-Pai

Na peça *Álbum de Família*, Nonô, Edumundo e Guilherme odeiam o pai e adoram a mãe enquanto Glorinha ama o pai e odeia a mãe. Portanto, podemos compreender muitos aspectos do mito formulado por Freud, o Complexo de Édipo, nessa família.

Edumundo, que havia sido expulso de casa por seu pai pois os dois não se toleravam, retorna à casa. Ele termina seu casamento com Heloísa, um casamento de 3 anos que nunca se concretizou porque Edumundo só ama uma mulher na vida dele e essa mulher não era sua esposa. Ele se considera frio sexualmente como Guilherme, que estava no seminário.

Guilherme larga o seminário e volta à família também. Ele havia feito uma mutilação no seu órgão genital para se livrar da sexualidade. Glorinha, após a cena de jura de amor com sua amiga, é expulsa do pensionato e também retorna.

É fundamental entendermos o Complexo de Édipo, pois é o núcleo das neuroses como define Freud no seu artigo *Sexualidade feminina*. Ressalta-se que esse Complexo é uma experiência individual fadada a variações cronológicas e subjetivas. E, no caso dessa dissertação, veremos como o Édipo se desenrola nas peças de Nelson, lembrando que o drama edípico está sempre presente na obra desse autor. Afinal, para ele “a família é o inferno de todos nós”. (RODRIGUES, 1997, p. 61)

Como já foi mencionado no subcapítulo anterior, Freud divide o complexo de Édipo em duas partes: ele chama de pré-Édipo a fase onde a menina possui uma intensa ligação com a mãe, ou seja, ela é tida como objeto de desejo e o Complexo de Édipo, que explicaremos aqui.

A entrada no Édipo é diferente entre as crianças dos sexos feminino e masculino e ocorre pela castração. Enquanto as meninas encaram a castração como algo consumado, os meninos temem a possibilidade de sua ocorrência. No texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud declara que “enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (FREUD, 2006, p. 285, v.XIX).

Quando os meninos voltam seu interesse para o seu órgão sexual, eles o manipulam, sendo que os adultos não gostam disso. Frequentemente, os adultos lhes fazem a ameaça de que o órgão lhes pode ser retirado. Em princípio, os meninos não acreditam e não ligam para isso. Mas a visão do órgão feminino faz com que o medo de perder o seu tome força e a ameaça de castração se presentifique. Os órgãos femininos são vistos como que mutilados, despertando essa lembrança da ameaça de castração.

A mãe é o primeiro objeto de amor de todos, é o objeto por excelência. No caso do Édipo do menino, ele tem sua mãe como objeto de amor e rivaliza com o pai. Ele abandona a mãe para o pai não lhe castrar. Essa ameaça de castração vem do narcisismo do órgão, um deslumbramento que o menino possui com o seu órgão do corpo. Freud esclarece que, no início, as crianças acreditam que a castração surge a partir de uma punição.

Enquanto no desenrolar do Édipo a menina possui duas tarefas: abandonar a mãe como objeto de amor e mudar de zona erógena do clitóris para a vagina. A menina, em princípio, acha que só ela não tem pênis e fantasia que vai crescer. Posteriormente, ela verá que alguns têm e outros não têm. Freud escreve que a menina tem inveja do pênis: *Penisneid*. Lacan se refere ao *Penisneid* como reinvidicação do pênis e lembra que o sufixo *neid* não quer dizer somente um anseio, “mas significa que isso me deixa literalmente enfurecido” (LACAN, 1999, p. 465). Pois,

elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notadamente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis. (FREUD, 2006, p. 280, v. XIX)

Como escreve Freud no seu artigo *A organização genital infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade)* [1923], “a falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (FREUD, 2006, p. 159, v. XIX).

Quando a menina descobre que a mãe não tem esse órgão, ela se voltará para o pai em busca de quem o tem, ela troca o objeto de amor que é a mãe pelo pai. Ou seja, quando a menina percebe a sua castração, ela vai procurar o órgão que lhe falta em quem o possui, ou seja, o seu pai.

Para Freud, o complexo de Édipo feminino culmina no desejo de uma menina ter um filho de seu pai. Nesse sentido, o pênis faltante vai deslizar para um filho por ambos serem representados como falo. Ele também escreve que a mulher nunca sai verdadeiramente do Édipo, pois ninguém abandona o falo. Ela troca o *penisneid* pelo *peniswunsch*, ou seja, a inveja do pênis pelo desejo de pênis. Freud diz que talvez devêssemos identificar esse desejo de pênis como um desejo feminino. E Lacan acrescenta:

chega-se a posição feminina na medida em que a decepção consegue, mediante uma série de transformações e equivalências, fazer brotar do sujeito uma demanda, dirigida ao personagem paterno, de que lhe seja dada alguma coisa que realize seu desejo. (LACAN, 1999, P. 295)

Para Freud, quanto aos meninos, sob a ameaça de castração, eles abandonam o complexo de Édipo e o reprimem, podendo ocorrer uma completa destruição deste. As meninas permanecem no complexo de Édipo por tempo indeterminado e o abandonam tardiamente, de modo incompleto.

Destacamos o complexo de Édipo feminino com a personagem Glorinha que demonstra um deslumbramento para com o seu pai e um desprezo com sua mãe. Em um diálogo com seu irmão Guilherme, ela diz:

Eu nunca disse a ninguém, sempre escondi, mas agora vou dizer: não gosto de mamãe. Não está em mim – ela é má, sinto que ela é capaz de matar uma pessoa. Sempre tive medo de ficar sozinha com ela! Medo que ela me matasse! (RODRIGUES, 1993, p. 549)

Glorinha mostra uma grande hostilidade em relação à sua mãe e o medo de ficar só com ela, medo da mãe que é vista como Outro Absoluto. Senhorinha sabe que Glória não gosta dela. A relação mãe-filha se constitui com a hostilidade com a qual Freud nos alertou. É a própria D. Senhorinha quem diz a Edmundo:

(...) Isso aqui agora vai ficar pior – Glória vem aí... (*num lamento*) Ela nunca me tolerou, nunca! (*num terceiro tom*) Quando nasceu e disseram – MENINA – eu tive o pressentimento de que ia ser minha inimiga. (*com angústia*) Acertei! (RODRIGUES, 1993, p. 554)

Glorinha conta a seu irmão que só começou a gostar de estudar catecismo quando viu um retrato do Nosso Senhor e ficou impressionado com a semelhança com seu pai. Ela diz: “É uma coisa tão pura, tão bonita, o que eu sinto por papai, que a irmã nunca compreenderia. Nem você, nem mamãe, nem ninguém!” (RODRIGUES, 1993, p. 549)

Jonas, como pai, aparece como fálico para a filha, que mesmo ao saber o que seu pai faz desvirginando moças em sua casa e que ele havia matado uma muda que tinha engravidado, ela diz: “É mesmo que tudo seja verdade... Que papai tenha pisado a mulher... Que faça isso ou aquilo com mamãe... Que seja o demônio em pessoa. (*declina sua excitação; doce, outra vez*) Mesmo assim, eu gosto dele, adoro!” (RODRIGUES, 1993, p. 550)

Existem casos em que a filha fica intensamente ligada ao pai, pois ele tem um papel importante no desenvolvimento feminino, pois, no desenrolar edípico, as meninas vão buscar o pênis no lado do pai. No artido *O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III)*, “O marido é, quase sempre, por assim dizer, apenas um substituto, nunca o homem certo; é outro homem – nos casos típicos o pai- que primeiro tem direito ao amor da mulher, o marido quando muito ocupa o segundo lugar.” (FREUD, 2006, p. 210, v. XI)

Como escreve Lacan em *O aturdido*, o Édipo é o que se diz, não o que se crê; E, para Glorinha, Jonas se assemelha à Jesus Cristo, ele é o pai fálico. Ela é adolescente e está revivendo intensamente seu Édipo. Enquanto para Freud, o que está em jogo no Édipo e na castração é o pênis enquanto simulacro, Lacan introduz o conceito de falo nos três registros: real, simbólico e imaginário.

Guilherme diz à Glória que foi ser padre e renunciou o mundo por causa dela, ou seja, ele deslizou o impulso incestuoso de sua mãe para sua irmã. Mas o fato de ir para o seminário não deu conta de apaziguar as pulsões sexuais e incestuosas e ele, então, se auto-mutilou para se livrar do pecado e da culpa de sua sexualidade. Ele chama sua irmã para fugir com ele e também para morrerem juntos, assim como a amiga dela queria. Mas Glória só tem olhos para o pai, então Guilherme diz que ela não será dele nunca, puxa o revólver e atira em sua irmã duas vezes. E, depois, entende-se que ele se suicidou.

Glória (*contorcendo-se de dor*) – Quando eu era menina... pensava que mamãe podia morrer... Ou, então, que papai podia fugir comigo... (*revira-se*) QUE DOR AQUI!
(Glória morre.) (RODRIGUES, 1993, p. 551).

Lacan, no Seminário 5 *As formações do inconsciente* (1957-1958), escreve que:

A função do pai tem seu lugar, um lugar bastante grande, na história da análise. Está no centro da questão do Édipo, e é aí que vocês a veem presentificada. Freud introduziu-a logo de início, uma vez que o complexo de Édipo aparece desde *A ciência dos sonhos*. O que o inconsciente revela, no princípio, é, acima de tudo, o complexo de Édipo. A importância da revelação do inconsciente é a amnésia infantil, que incide sobre o quê? Sobre a existência dos desejos infantis pela mãe e sobre o fato de esses desejos serem recalçados. E não apenas eles são reprimidos, como se esquece que esses desejos são primordiais. E não são apenas primordiais, como estão sempre presentes. Foi daí que partiu a análise e é a partir daí que se articula um certo número de indagações clínicas. (LACAN, 1999, p. 166-167)

Neste mesmo seminário, Lacan diz que o Édipo é a base de nossa cultura e é dividido em três tempos, que será explicado abaixo.

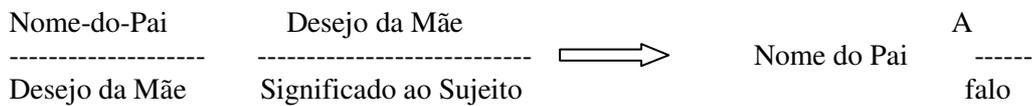
No primeiro tempo do Édipo, a criança é identificada ao objeto de desejo da mãe, é o falo da mãe, a partir da equação simbólica proposta por Freud bebê=falo. A mãe é o Outro absoluto. O sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto de desejo de sua mãe.

O segundo tempo corresponde à inauguração da simbolização, marca a entrada da criança na linguagem e no simbólico. No processo de simbolização, existe uma mediação, é necessário que entre um terceiro para introduzir a interdição, a lei. É aí que aparece o Nome-

do-Pai, que é uma função simbólica que vem metaforizar o lugar da mãe. O Nome-do-Pai barra o Outro onipotente e absoluto, no caso, a mãe. O pai intervém efetivamente como privador da mãe.

E o terceiro tempo do Édipo refere-se ao declínio deste. O pai pode dar à mãe o que ela deseja, pois ele aparece como aquele que tem (o falo) e como potente. A inclusão do Nome-do-Pai marca a entrada do sujeito no simbólico, inaugurando a cadeia significante no inconsciente, implicando as questões de sexo e de existência.

Lacan resume o Édipo na sua fórmula da metáfora paterna, uma equação de substituição de significantes:



É na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado da metáfora. E a identificação com a instância paterna se realiza nesses três tempos, qual seja: o menino se identificar com o pai como o possuidor do pênis e a menina reconhecer o homem como aquele que o possui.

A função do Édipo se traduz, essencialmente, em virilidade e feminização. “Há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes às coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assuma um certo tipo feminino.” (LACAN, 1999, p. 171).

Portanto, a teoria lacaniana ressalta a ideia de que não existe Édipo sem existir o pai e que falar do Édipo é introduzir a questão do pai. E é preciso esclarecer que a função paterna é uma metáfora, ou seja, o pai é um significante que substitui o primeiro significante na simbolização: o significante materno. E que é preciso fazer uma distinção entre o pai como normativo e o pai como normal. Quanto a essa questão, Lacan explica que:

O pai pode, é claro, ser muito desnormalizador, na medida em que ele mesmo não seja normal, mas isso é rejeitar a questão para o nível da estrutura – neurótica, psicótica – do pai. Logo, a normalidade do pai é uma questão, e a de sua posição normal na família é outra. (LACAN, 1999, P. 175)

E Lacan segue dizendo no Seminário 5:

Para começar, o pai terrível. Apesar de tudo, a imagem resume alguma coisa muito mais complexa, como indica o nome. O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo,

e é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. É o pai, recordamos, que fica encarregado de representar essa proibição. Às vezes, tem de manifestá-la de maneira direta, quando a criança se deixa levar por suas expansões, manifestações e pendores, mas é para além disso que se exerce esse papel. É por toda sua presença, por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição da mãe. (LACAN, 1999, p. 174-175).

Podemos ver como Jonas aparece para seus filhos como um pai terrível. Percebemos que Nonô e Edmundo estão fixados no amor pela mãe e rivalizam com o pai. Jonas, mesmo sendo um pai desnormalizador na sua família, sabe de sua importância como pai. O pai em Nelson Rodrigues aparece, muitas vezes, como canalha.

Jonas (*gritando*) – Mas ELES estão enganados comigo. Eu sou o PAI! O pai é sagrado, o pai é o SENHOR! (*fora de si*) Agora eu vou ler a bíblia, todos os dias, antes de jantar, principalmente os versículos que falam da família! (RODRIGUES, 1993, p. 535)

Podemos perceber esses sentimentos incestuosos nessa família também em Edmundo, que ama sua mãe declaradamente e sempre a defende contra Jonas. Ele exclama: “Seria tudo melhor se em cada família alguém matasse o pai!” (RODRIGUES, 1993, p. 537)

Quando Jonas expulsa seu filho Edmundo de casa e diz que ele não é homem, ele está numa relação de rivalidade direta com seu filho e entram em uma disputa fálica pelo amor da mesma mulher.

Jonas – Vou avisar a todo mundo que se um dia eu aparecer morto, já sabe: não foi acidente, não foi doença – FOI MEU FILHO QUE ME MATOU. (*sem transição quase*) Mas você tem medo de mim – medo e ódio. Porém o medo é maior. (*com perigosa doçura*) Não é Edmundo, o medo não é maior? (RODRIGUES, 1993, p. 535)

Jonas provoca o filho, ele é o pai e é ele quem possui D. Senhorinha como mulher. No fim do primeiro ato, Edmundo pede à bênção paterna e beija a mão suada de seu pai. Este ato faz um apontamento para a presença da função Nome-do-Pai. O pai entra em jogo como portador da lei, como proibidor do objeto que é a mãe.

A criança funciona como um substituto fálico da mãe. Nesse caso, Senhorinha se apega aos seus filhos homens demonstrando a significação fálica que eles possuem para ela, ao mesmo tempo em que demonstra desprezo pela sua única filha mulher. Desgostosa do marido, Senhorinha só tem amor para seus filhos homens.

Na necessidade materna de encontrar um substituto fálico para sua falta que nada mais é do que imaginária, a criança encontra também uma realização: ela encontra

uma primeira forma, por rudimentar que seja, de ser: ser o que satisfaz a mãe. É nessa ânsia de ser que reside o motivo pelo qual a criança de ambos os sexos dirige sua sexualidade ativa para mãe. (ZALCBERG, 2003, p. 27)

D. Senhorinha diz a Jonas no fim da peça que só tem amor para seus filhos e que não tem medo como Edmundo que se casou e Nonô que enlouqueceu: “Eu não quis esquecer; eu não quis fugir; eu não tive medo, nem vergonha de nada. (*possessa*) Não botei meus filhos no mundo para dar a outra mulher!” (RODRIGUES, 1993, p. 569).

Edmundo está fixado nesse período inicial do desenvolvimento onde a criança é fálica para a mãe. Ele diz à sua mãe:

Mãe, às vezes eu sinto como se o mundo estivesse vazio, e ninguém mais existisse, a não ser nós, quer dizer, você, papai eu e meus irmãos. Como se a nossa família fosse a única e primeira. (*numa espécie de histeria*) Então, o amor e o ódio teriam de nascer entre nós. (*caindo em si*) Mas não, não! (*mudando de tom*) Eu acho que o homem não devia sair nunca do útero materno. Devia ficar lá, toda a vida, encolhidinho, de cabeça para baixo, ou para cima, de nádega, não sei. (...)
O céu, não depois da morte; o céu, antes do nascimento – foi teu útero... (RODRIGUES, 1993, p. 557).

Lacan, no Seminário 5: *as formações do inconsciente* escreve o seguinte: “Observemos esse desejo do Outro, que é o desejo da mãe e que comporta um para-além. Só que para atingir esse para-além é necessária uma mediação, e essa mediação é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica.” (LACAN, 1999, p. 190) Pois o pai entra em função como privador da mãe, como aquele que castra a mãe da relação dela com seu objeto de desejo.

Neste mesmo Seminário, Lacan escreve que o complexo de castração é o móbil do complexo de Édipo e, no artigo *O artudito*, que “a castração de fato dá prosseguimento, como vínculo com o pai, ao que é conotado em todo discurso como virilidade.” (LACAN, 2003, p. 460).

A teoria lacaniana, portanto, trás a concepção de que o princípio simbólico representado pelo Nome-do-Pai exerce uma presença velada e que se desvela por uma intervenção decisiva na medida em que ele é o elemento proibidor. O termo pai é o significante mediante o qual o próprio significante se instaura como tal, por isso Lacan se refere ao pai como criador. Ele explica que:

Nessa espécie de busca tateante do sujeito, que, sem tal intervenção, acabaria – e acaba, em alguns casos – numa relação exclusiva com a mãe. Essa relação exclusiva não é uma pura e simples dependência, mas se manifesta em toda sorte de perversões por uma certa relação essencial com o falo, quer o sujeito o assuma sob

diversas formas, quer faça dele seu fetiche, que, ainda, encontremo-nos, nesse ponto, no nível do que podemos chamar de raiz primitiva da relação perversa com a mãe. (LACAN, 1999, p. 236)

Podemos visualizar em *Álbum de Família* que Edmundo se encontra nesse ponto primitivo de ligação com a mãe. Ele se casou para tentar fugir dessa relação, o que não deu certo, pois ele nunca conseguiu ter relações sexuais com a sua mulher. Na medida em que ele não renuncia o seu objeto primordial, seu desejo não consegue se satisfazer. Quando seu pai o expulsa de casa, pode-se notar também uma outra tentativa frustrada de barrar a relação incestuosa com a sua mãe.

Edmundo se mata na frente de sua mãe quando ela conta o segredo de que havia se deitado com outro homem, o grande segredo de toda a família. Por isso, Jonas havia enviado Glória ao pensionato e também havia matado um homem, Teotônio, o que se deitou com sua esposa. E foi, a partir disso, que ele começou a transar com as meninas em sua casa. Nesse momento, a mãe, que era vista como santa agora é rebaixada como uma qualquer.

Edmundo não suporta o fato de não ser amado pelo seu objeto de amor, ou seja, a sua mãe e prefere morrer do que viver sem ela. D. Senhorinha então chama Heloísa (a esposa) para informar a morte do filho. Heloísa revela à Senhorinha que Edmundo havia dito que se casou com ela para fugir de uma fulana e confessa que ele nunca havia tocado nela. Heloísa diz:

Heloísa (*desprendendo-se como uma sonâmbula*) – Quando queria, e me procurava, a lembrança da “outra” IMPEDIA! Então ele me dizia: “Heloísa, ‘Ela’ não deixa!” Me lembro de uma vez, eu fiz tudo...

D. Senhorinha – Tudo como?

Heloísa – Tudo o que uma mulher pode fazer, as coisas mais incríveis!

D. Senhorinha (*devorada pela curiosidade*) - Fez... então?

Heloísa (*veemente*) Perdi inteiramente a vergonha, não sei. Também, eu estava! A princípio, ele ficou assim. Mas depois a lembrança da “outra”... Me senti tão humilhada – mas tão! Engraçado é que ele achava o meu corpo bonito!

D. Senhorinha (*numa febre, sem se poder conter*) - O da “outra” podia ser mais!

Heloísa – Eu perguntei se era. Mas ele respondeu que não se tratava disso, não era questão de corpo.

D. Senhorinha – Corpo influi muito, mas muito!

Heloísa – Me disse que tinha nascido para amar essa mulher, só ela. Que não podia, nem queria desejar outra. (RODRIGUES, 1993, p. 563)

(...)

Heloísa (*evocativa*) – Uma vez, Edmundo me disse: “só poderei me realizar sexualmente com essa mulher”. Até achei interessante a maneira de dizer “... realizar sexualmente”.

D. Senhorinha (*nostálgica*) – Ele tinha uns termos assim!

Heloísa (*exaltando-se progressivamente*) – Uma noite, não pôde mais: me contou o segredo, o nome da mulher, tudo!

D. Senhorinha (*exaltando-se também*) – Mentira – isso ele não podia contar! (*vacilante na escolha dos termos*) Era SEGREDO.

Heloísa (*rápida e cruel*) – SEGREDO DE FAMÍLIA!

D. Senhorinha (*recuando com medo*) – Não! Não!
 Heloísa (*exultante*) – Eu não existia para ele. Edmundo só podia amar e odiar pessoas da própria família. Não sabia amar, nem odiar mais ninguém! (RODRIGUES, 1993, p. 564).

3.3 Desejo

Jonas é casado com Senhorinha mas gosta de desvirginar meninas em sua própria casa, como vimos. Ele diz:

Gosto de menina sem-vergonha. Mulher não: menina. De quatorze, quinze anos. Desbocada. (com angústia) Aliás, não sei por que mulher não pode dizer nome feio como nós, por que, ora essa? (com absoluta dignidade, quase com sofrimento) Numa conversa, durante a refeição; a ceia do Senhor, pendurada na parede, e a dona de casa dizendo palavrões! (...)
 Eu queria uma garota de quinze anos, pura que nunca tivesse desejado! Que nunca tivesse dito um nome feio! (RODRIGUES, 1993, p. 528)

O pior é que eu não encontro... Tenho vontade de bater, até de estrangular! São umas porcas e eu também! (RODRIGUES, 1993, p. 533)

Nelson Rodrigues escreve que “o desejo não tem nada a ver com alegria e nada a ver com a multidão. O desejo é triste e exige o pudor, o segredo, o mistério, a exclusividade do casal.” (RODRIGUES, 1997, p. 49). O desejo é desconhecido e surge da falta. Veremos como este conceito é compreendido pela teoria psicanalítica.

O conceito de desejo surge a partir do termo *Wunsch* que Freud articulou no texto *A interpretação de sonhos* (1900), inaugurando a psicanálise, quando escreve que todo sonho expressa um *Wunsch*. Isto que dizer que todo o sonho expressa um desejo inconsciente.

Neste texto, Freud escreve que os sonhos são fenômenos complexos, são realizações de desejos recalcados e infantis. Os sonhos possuem um sentido, uma intencionalidade, mas que, muitas vezes, é barrado pela censura por esse material não ser aceito pela consciência. Então, o sonho tenta driblar essa censura, modificando seu conteúdo. Por isso os sonhos parecem tão absurdos e sem nexos. Nesse texto, *Wunsch* é utilizado para se referir ao desejo ora como aspirações pré-conscientes, desejo de dormir e também desejo inconsciente. Ele utiliza a mesma palavra para designar esses três significados.

Freud também se refere ao desejo como um movimento. Ele diz que o desejo é tipo de corrente partindo do desprazer e apontando para o prazer e, com isso, ele põe o aparelho

anímico em movimento. Então o desejo é essa corrente no interior do aparelho anímico e que ocasiona um movimento deste.

O desejo se origina da primeira experiência de satisfação que ocorre quando um recém-nascido está com fome, que é uma necessidade somática, chora e, com isso, a mãe oferece o seio para que o bebê se alimente. Essa primeira vivência de satisfação ocorre quando a mãe põe fim a esse desconforto, a essa sensação desagradável. Essa primeira experiência de satisfação é acompanhada de uma percepção que deixa traços mnêmicos. Segundo Freud:

um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez que essa necessidade for despertada, surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. (Freud, 2006, p. 595, v. V)

A partir daí, o bebê vai continuar procurando essa satisfação, mas ele nunca mais vai achá-la, pois ela não existe, ela foi alucinada.

A teoria de Lacan destaca o desejo inconsciente da demanda e da necessidade. Foi Lacan quem desenvolveu o binômio Demanda e Desejo. A demanda, segundo o autor, refere-se a aspirações pré-conscientes, votos, pedidos. A demanda é um pedido de restituição do status quo, que aparece em cada fala. E o desejo, que é inconsciente, diz respeito à verdade do sujeito, por isso é tão importante para a análise essa questão do desejo. Pode-se dizer que no sonho há um atendimento da demanda e uma presentificação do desejo inconsciente.

Para Lacan, o desejo surge a partir da falta e é articulado no inconsciente mas não é articulável, pois não pode ser formulado em palavras. Portanto, através das frases ditas por Jonas que estão citadas acima, percebemos que ele está insatisfeito. A cada menina que ele transa, ele se sente que não era bem aquilo que estava procurando. Afinal, o desejo é sempre de outra coisa.

Lacan explica que o desejo é irreduzível e impossível de formular mas que ele é articulado na medida em que está ligado à presença do significante no homem. E que o desejo articula-se necessariamente na demanda, pois nos aproximamos dele na demanda. Lembrando que “a demanda está ligada, antes de mais nada, a algo que está nas próprias premissas da linguagem.” (LACAN, 1999, p. 342)

Para Lacan, no Seminário 5: *as formações do inconsciente*,

O desejo é definido por uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações. (LACAN, 1999, p. 96)

O desejo surge a partir da relação com o Outro, no que ele é o fiador da linguagem, ou seja, o que Lacan chama de tesouro do significante. O Outro aparece como sede do código e é aí que se produz a refração do desejo pelo significante. Lacan escreve que:

Verifica-se que qualquer satisfação possível do desejo humano vai depender da concordância entre o sistema significante, tal como articulado na fala do sujeito, e (...) do sistema significante como assentado no código, isto é, no nível do Outro como lugar e sede do código. (LACAN, 1999, P. 155)

No nível da demanda, há entre o sujeito e o Outro uma situação de reciprocidade. O desejo do sujeito depende de sua demanda ao Outro e o que o Outro demanda também depende do sujeito. “O sujeito reconhece um desejo para além da demanda, um desejo como não adulterado pela demanda, e o encontra, situa-o no para-além do primeiro Outro a quem dirigia sua demanda – (...) a mãe.” (LACAN, 1999, p. 371)

Por isso, o que tem que ser introduzido é o para-além daquilo que o sujeito demanda e além do que o Outro demanda do sujeito, deve haver a presença e a dimensão do que o Outro deseja. No caso de Jonas, a demanda passa pelo fato de constantemente desvirgir meninas enquanto nos aponta para o desejo inominável. Lacan explica:

Nessa dialética, colocamos o desejo como aquilo que, no pequeno móbile, encontra-se além da demanda. Por que é preciso um para além da demanda? É preciso um além da demanda na medida em que a demanda, por suas exigências articulatórias, desvia, modifica, transpõe a necessidade. Há, pois, a possibilidade de um resíduo. (LACAN, 1999, p. 393)

O desejo como tal sempre ultrapassa qualquer tipo de resposta que esteja no nível da satisfação e se organiza no intervalo entre o plano da demanda e o plano significante. Por isso, o Outro se torna um intermediário na medida em que é o lugar da fala e também o lugar onde deve ser descoberto o desejo.

A demanda coloca expressamente o Outro como presença ou ausência mas Lacan frisa que a demanda é, no fundo, sempre uma demanda de amor. É no espaço virtual entre o apelo da satisfação e a demanda de amor que o desejo se organiza. Para Lacan:

O desejo, seja ele qual for, em estado de desejo puro, é algo que, arrancado do terreno das necessidades, ganha uma força de condição absoluta em relação ao Outro. Ele é a margem, o resultado da subtração, por assim dizer, da exigência da necessidade em relação à demanda de amor. Inversamente, o desejo apresenta-se como aquilo que, na demanda de amor, é rebelde a qualquer redução a uma necessidade, porque, na realidade, não satisfaz a nada senão ele mesmo, ou seja, ao desejo como condição absoluta. (LACAN, 1999, p. 395)

Por isso, o desejo sexual se apresenta no sujeito como problemático no plano das necessidades, como foi elaborado por Freud e apresentado nessa dissertação no capítulo anterior, e quando o Outro entra em jogo a partir do momento que o desejo sexual entra em causa sob a forma de instrumento do desejo, pois o outro se torna totalmente objeto. Lacan escreve que:

Há, por um lado, a posição do Outro como Outro, como lugar da fala, aquele a quem é endereçada a demanda, aquele cuja irredutibilidade radical manifesta-se por ele poder dar amor, isto é, alguma coisa que é tão mais totalmente gratuita na medida em que não existe suporte do amor, já que, como eu lhes disse, dar amor é não dar nada que se tenha, pois é justamente por não se o ter que se trata de amor. Mas há uma discordância entre o que há de absoluto na subjetividade do Outro que dá ou não dá amor e o fato de que, para haver acesso a ele como objeto de desejo, é necessário que ele se faça totalmente objeto. É nesse desvio vertiginoso, nauseante, para chamá-lo por seu nome, que se situa a dificuldade de acesso na abordagem do desejo sexual. (LACAN, 1999, p. 397)

Portanto, o desejo é sempre buscado no lugar do Outro como fala por isso diz-se que o desejo é o desejo do Outro e encontra-se na margem entre a demanda de satisfação da necessidade e a demanda de amor. Lacan cria a fórmula $\$ \diamond a$ (lê-se: sujeito barrado punção pequeno a) como correspondente do desejo, pois o sujeito é sempre barrado em relação ao objeto. Ele escreve que:

É com a ajuda dessa relação fantasística que o homem se encontra e se situa seu desejo. Daí a importância das fantasias. Daí a raridade do termo instinto em Freud – trata-se sempre de pulsão, *Trieb*, termo técnico dado a esse desejo na medida em que o isola, fragmenta-o e o coloca na relação problemática e desarticulada com seu objetivo à qual chamamos direção da tendência, cujo objeto, por outro lado, está submetido à substituição e ao deslocamento, ou a todas as formas de transformação e equivalência, bem como oferecido ao amor, que faz dele sujeito da fala. (LACAN, 1999, p. 455)

No Seminário 7: *A Ética da psicanálise*, Lacan escreve que “é na função imaginária, muito especialmente, aquela a propósito da qual a simbolização da fantasia ($\$ \diamond a$) nos servirá, que é a forma na qual o desejo do sujeito se apóia.” (LACAN, 2008, p. 123). Neste seminário, Lacan escreve que:

O fato de o homem ser apreendido no campo do inconsciente tem um caráter primitivo, fundamental. Ora, esse campo, dado que já está logicamente organizado, comporta uma *Spaltung* que se mantém em toda a sequência do desenvolvimento, e é em relação a essa *Spaltung* que deve ser articulado, em sua função, o desejo como tal. Esse desejo apresenta assim certas arestas, um certo ponto de obstáculo, e é precisamente nisso que ocorre que a experiência freudiana complica a direção dada ao homem de sua própria integração. (LACAN, 2008, p. 250-251)

Lacan se refere à teoria psicanalítica como ética em relação ao desejo e ressalta que a culpa é sempre, na raiz, de ter cedido de seu desejo. Ele esclarece que “no horizonte da culpa, uma vez que ela ocupa o campo do desejo, existem as cadeias de contabilidade permanente” (LACAN, 2008, p. 372). Lembrando o caso de Guilherme que foi ser seminarista para apaziguar a culpa do seu desejo incestuoso, se auto-mutilou como uma punição e, por fim, se matou.

É preciso fazer o bem mas a questão que Lacan coloca é pelo bem de quem, pois fazer as coisas pelo bem do outro abriga a culpa e todo tipo de catástrofes interiores. Ele escreve que o bem é negado por Freud na própria origem do seu pensamento na noção de princípio do prazer como tendência e da teoria das pulsões. Nesse momento, Lacan afasta a questão da ética em psicanálise da questão do Bem e do Mal articulada anteriormente na filosofia. Pois não há nenhum Bem Supremo a alcançar.

A psicanalista Dóris Rinaldi escreve no seu livro *A ética da diferença* que, na ética psicanalítica, o que é universal é a diferença. E que a questão da verdade permeia essa discussão ética por se referir à verdade do desejo, imperioso e irreduzível. Lembrando que a ética não deve ser confundida com a moral. A moral diz respeito a “um conjunto de regras e normas que funcionam como um sistema de coação social”. (RINALDI, 1996, p. 67). E a ética da psicanálise aponta para o desejo do sujeito, sempre singular e parcial. Lacan explica que:

O que chamo de ceder de seu desejo acompanha-se sempre no destino do sujeito – observarão isso em cada caso, reparem em sua dimensão – de alguma traição. Ou o sujeito trai sua via, se trai a si mesmo, e é sensível para si mesmo. Ou, mais simplesmente, tolera que alguém com quem ele se dedicou mais ou menos a alguma coisa tenha traído sua expectativa, não tenha feito com respeito a ele o que o pacto comportava, qualquer que seja o pacto, fausto ou nefasto, precário, de pouco alcance, ou até mesmo de revolta, ou mesmo de fuga, pouco importa. (LACAN, 2008, p. 375)

No Seminário 10: *A angústia* (1962-1963), Lacan desenvolve o aforisma de que o desejo do homem é o desejo do Outro. Isso quer dizer que o desejo do homem incide sobre

um desejo e não sobre coisa. E esse desejo é um reconhecimento do desejo do Outro, é como o Outro que ele deseja. E a falta é que não há Outro do Outro.

O desejo do Outro mostra para o sujeito a dimensão do seu próprio desejo. Mas há um enigma sobre o desejo do Outro, uma questão: *Che vuoi?* (Que queres?) O desejo aparece como uma questão, um enigma. Como não sabemos o que o Outro quer, criamos a fantasia para dar conta desse enigma: $\$ \diamond a$.

No artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo* que se encontra no livro *Escritos*, Lacan explica: “Eis por que a pergunta do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como “*Che vuoi?* – que quer você?” é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo.” (LACAN, 1998, p. 829)

A teoria lacaniana ressalta a idéia de que o sujeito tem que se constituir no lugar do Outro, sob a forma primária do significante, com base no tesouro significante que ele tem de se situar. Como o Outro é inconsistente, há algo que resta de irredutível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro que é o *objeto a*.

O objeto *a* tem esse nome por ser a primeira letra do alfabeto e a denominação mínima estabelecida por Lacan, pois é difícil falar dele. Esse objeto se refere a um resto que cai da relação do sujeito com o Outro, é o objeto da fantasia e suporte do desejo. No seminário 10, Lacan concebe o objeto *a* como causa de desejo:

(...) o objeto *a* não é a finalidade, a meta do desejo, mas sim sua causa. Ele é causa do desejo na medida em que o próprio desejo é algo não efetivo, uma espécie de efeito baseado e constituído no lugar da falta, que só aparece como efeito ali onde se situa a ideia de causa, isto é, apenas no nível da cadeia significante, à qual o desejo confere a coerência pela qual o sujeito de constitui essencialmente como metonímia (LACAN, 2005, p. 343).

A partir da concepção de que não há relação sexual nos falantes, há um resto subjetivo que aparece no plano da copulação que é simbolizado pelo $(-\phi)$. A copulação está em toda a parte, mas só une ao faltar e a função do objeto *a* no nível do desejo genital é simbolizada por esse furo que se produz no lugar da falta de objeto.

No artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, Lacan explica que, no neurótico, o $-\phi$ insinua-se sob o $\$$ da fantasia, favorecendo a imaginação do eu. Ele escreve:

A passagem do $(-\phi)$ (phi minúsculo) da imagem fálica de um lado ao outro da equação do imaginário e do simbólico, positiva-o, de qualquer modo, ainda que ele venha preencher uma falta. Por mais que seja suporte do (-1) , ali ele se transforma em ϕ , o falo simbólico impossível de negativizar, significante do gozo. (LACAN, 1998, p. 838)

Voltando ao Seminário 10, Lacan descreve o desejo como ilusão, pois:

Ilusão, aqui, só pode ser uma referência ao registro da verdade. A verdade de que se trata não pode ser uma verdade última, pois, ao lado da ilusão, resta apreciar a função do ser. Dizer que o desejo é ilusão é dizer que ele não tem sustentação, não tem escoadouro, sequer tem ambição em relação à nada. (LACAN, 2005, p. 245)

Segundo Malvine Zalcberg no seu livro *A relação mãe e filha*:

A fórmula da falta é encarada tanto por Freud como por Lacan como propiciadora do desenvolvimento do psiquismo da criança. Para Freud, trata-se de uma falta causada pelo objeto perdido, o da primeira experiência de satisfação. O encontro com o objeto é, de fato, um reencontro, pois o objeto é perdido desde sempre. Lacan, seguindo a linha de pensamento freudiano, diz que a mãe se introduz como falta no desmame, momento em que a criança é privada dela.

Para sempre, o ser humano buscará objetos substitutivos para esse objeto definitivamente perdido. É essa busca do objeto perdido que está na origem do desejo – desejo que se formula como um lamento, um anseio, causado pela falta de objeto. Se a falta é dita propiciadora do desenvolvimento psíquico, é porque causa o desejo. (ZALCBERG, 2003, p. 59)

O sintoma vai na via do reconhecimento do desejo. O desejo de Jonas se frustra com a posse das meninas porque o verdadeiro desejo é recalcado e incestuoso. Ele fala que “Desde que Glória começou a crescer, deu-se uma coisa interessante: quando eu beijava uma mulher, fechava os olhos, via o rosto dela” (RODRIGUES, 1945, p. 567).

A angústia que Jonas manifesta revela a divisão do sujeito que, quanto mais se aproxima do seu desejo, mais é afastado dele. Como desenvolve Lacan, no Seminário 10, angústia é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, é a falta de apoio dada pela falta. A angústia ocupa o lugar do $(-\phi)$, ela se manifesta nesse vazio constituído entre o sujeito e o Outro. Ela é sinal do real e tem ligação com o objeto *a* pois sua função é ser o resto do sujeito. Lacan diz que a angústia é o afeto que não engana porque todo e qualquer objeto lhe escapa e, por isso, a certeza da angústia é fundamentada, não ambígua.

No artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo* de Lacan, encontramos a seguinte frase:

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia).

Diante do caixão de Glória, Jonas e Senhorinha discutem; e ele, com cara de quem perdeu tudo na vida, diz, já no fim da peça, para sua esposa: “Minha filha morreu. (*lento*)

PARA MIM ACABOU-SE O DESEJO NO MUNDO! ” (RODRIGUES, 1945, P. 569). Quando sua filha morre, também morre o desejo de Jonas. Ele dá o revólver que deveria matar Guilherme para Senhorinha matá-lo. Ela, mesmo apavorada, atira nele que cai mortalmente ferido.

3.4 Gozo

Podemos notar uma forte corrente incestuosa de D. Glorinha com seus filhos, especialmente Nonô, o filho que enlouqueceu, tirou a roupa e foi viver no mato. Ele grita sempre perto da casa da mãe. No primeiro ato da peça, D. Senhorinha fala com sua irmã:

O meu consolo é que ele não esquece da família. Quase todos os dias vem gritar por aqui, como se chamasse alguém... (...)
 Nonô, quando era bom, gostava de mim, só de mim – de mais ninguém!(...)
 D. Senhorinha – Seria tão bom que fosse saudade, de mim, só de mim – de mais ninguém! (RODRIGUES, 1993, p. 244)

Para entender como Nonô enlouqueceu, primeiramente, o *speaker* da peça (um narrador que funciona como uma espécie de opinião pública e que, às vezes, transmite informações erradas) diz que: “Um ladrão entrou no quarto de Senhorinha, de madrugada e, devido ao natural abalo, Nonô ficou com o juízo obliterado.” (RODRIGUES, 1993, p. 551)

Depois, D. Senhorinha conta que seu marido nunca lhe teve amor e que ela teve um amante: ela dormiu com Teotônio, um jornalista. Jonas havia saído de casa e retornado de surpresa e viu um vulto sair de seu quarto. Ele bateu nela, que confessou isso à ele no dia seguinte, então Jonas matou o sujeito e, desde então, não tocou mais em sua esposa e foi transar com meninas.

Mas, no terceiro ato, aparece o grande segredo da peça: Senhorinha havia se deitado com seu filho Nonô e não Teotônio. Ela conta isso a seu outro filho Edmundo, que pensava que sua mãe era uma santa e que, ao saber de tudo, se suicida na frente dela. Edmundo é o terceiro filho que morre na peça. Ela diz à Jonas no fim da peça:

Contei a Edmundo quem tinha sido. Ele, quando soube, me amaldiçoou... (crispando-se) Me disse um nome pensando que me ofendia, mas eu gostei de ser chamada assim por ele!(...)
 Ele, então, se matou na minha frente!(...)

Eu me senti tão feliz, quando você matou Teotônio. Respirei: Nonô estava salvo! (doce) Ele enlouqueceu de felicidade, não aguentou tanta felicidade! (RODRIGUES, 1945, p. 568)

Podemos perceber, em Nonô, a presença de um gozo desmedido, em excesso, que ultrapassa a referência fálica e o leva a loucura. Esse gozo, que não se refere ao gozo fálico, pode ser encontrando em sujeitos que estão na posição feminina da teoria lacaniana das fórmulas quânticas da sexualização. Lacan escreve que “a mulher se revela-se superior no campo do gozo, uma vez que seu vínculo com o nó do desejo é bem mais frouxo.” (LACAN, 2005, p. 202) E, no artigo *O aturdido*, Lacan escreve que:

Dizer que uma mulher não é toda é o que nos indica o mito por ela ser a única ultrapassada por seu gozo, o gozo que se produz pelo coito. É também por isso que é como única que ela quer ser reconhecida pela outra parte: isso é mais do que sabido. Mas é também nisso que se apreende o que há por aprender, isto é, que, mesmo que se satisfaça a exigência do amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira. (LACAN, 2003, p. 467)

Por isso esse gozo se refere a um mistério, um enigma, pois não há palavras para descrevê-lo. “O gozo feminino, esse que seria o gozo d’□ mulher, o gozo do corpo do Outro sexo (J □), só pode comparecer como enigma, tanto para as mulheres como para os homens.” (FERREIRA, 2013, p. 36).

No Seminário 7: *A ética da psicanálise*, Lacan articula o conceito de gozo com o de desejo. Ele escreve que o desejo possui um nó estreito com a Lei, pois ele surge a partir do estabelecimento da Lei e se constitui com base na falta. E que “todo exercício de gozo comporta algo que se inscreve no livro da dívida, na Lei.” (LACAN, 2008, p. 212) Pois, para aceder a esse gozo é necessário a transgressão. “A transgressão no sentido do gozo só se efetiva apoiando-se no princípio contrário, sob as formas da Lei.” (LACAN, 2008, p. 212)

No Seminário 10: *A Angústia*, Lacan escreve que o gozo não conhece o Outro senão através desse resto, *a*. O gozo se refere ao objeto e acrescenta complexidade ao desejo. Ele escreve que:

(...) O *a* vem assumir a função de metáfora do sujeito do gozo. Isso só seria correto se o *a* fosse assimilável a um significante. Ora, ele é justamente o que resiste a qualquer assimilação à função significante, sempre se apresenta como perdido, como o que se perde para a “significantização”. Ora, é justamente esse dejetivo, essa queda, o que resiste à “significantização”, que vem a se mostrar constitutivo do fundamento como tal do sujeito desejanse – não mais o sujeito do gozo, porém o sujeito como aquele que está no caminho de sua busca, a qual não é a busca de seu gozo. Mas é ao querer fazer esse gozo entrar no lugar do Outro, como lugar do significante, que o sujeito se precipita, antecipa-se como desejanse (...) (LACAN, 2005, p. 193).

Para Nelson Rodrigues, “não há solidão mais vil do que a do sexo sem amor.” (RODRIGUES, 1997, p. 155). A partir da teoria psicanalítica, podemos fazer um apontamento na frase de Nelson para o fato de não haver relação sexual e que só o amor consegue fazer suplência nessa relação não-toda, como veremos a seguir. E que o gozo sexual, como gozo do corpo, visa o outro enquanto objeto. O Outro Gozo, situado fora do corpo e fora da linguagem, divide o sujeito e aponta para o vazio de significação, levando a solidão.

3.5 Amor

Segundo o Freud, excluído o temor da castração nas meninas, o motivo para o estabelecimento do superego e a interrupção da organização genital infantil também se esvaece. Mas o medo de perder o amor é que surge como uma grande ameaça para as meninas. Enquanto Nelson Rodrigues acredita que: “A causa de todas as doenças, sejam físicas, sejam psíquicas, é a importância de sentimento. Desde o câncer no seio até a brotoeja, tudo é falta de amor.” (RODRIGUES, 1997, p. 15)

Portanto, essa parte da dissertação trata desse conceito tão importante, já que, como revela o psicanalista Coutinho Jorge no seu livro *Fundamentos da psicanálise vol. 2* (2010): a fantasia neurótica é uma fantasia de completude amorosa. Pois as pessoas visam encontrar um parceiro que as complete como duas metades que se juntam e formam uma unidade: o Um do amor.

Nos Seminários 5 e 8, Lacan descreve o amor como um sentimento cômico. Para ele, “quando é o amor mais autenticamente amor que se declara e se manifesta, o amor é cômico” (LACAN, 1999, P. 144). Mas, nas peças de Nelson Rodrigues, o amor aparece como salvação, a única salvação possível para o homem, e, a falta dele, leva à tragédia. Ele possui inúmeras frases conhecidas sobre o amor, como “Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor”. (RODRIGUES, 1997, p. 15)

Em *Álbum de Família*, por exemplo, destacamos o caráter de impossibilidade do amor. D. Senhorinha, diz, no início da peça, que acha que o amor com uma pessoa louca é o único puro. Guilherme, o filho que se mutilou no seminário, diz ao pai:

Fazes bem em humilhar mamãe. Ela precisa EXPIAR, porque desejou o amor, casou-se. E a mulher que amou uma vez – marido ou não – não deveria nunca sair

do quarto. Deveria ficar lá, como num túmulo. Fosse ou não casada. Adeus! (RODRIGUES, 1993, p.544)

Jonas, no fim da peça, lembra e concorda com Guilherme, ele diz a Senhorinha:

Eu podia mandar buscar Glória no colégio, mas ia adiando, tinha medo. Quando se ama deve-se possuir e matar a mulher. (*com sofrimento*) Guilherme tinha razão: a mulher não deve sair viva do quarto; nem a mulher – nem o homem. (RODRIGUES, 1993, p. 569)

A teoria de Lacan resalta que o amor é recíproco porque demanda amor e ele vem em suplência à relação sexual que não existe. Ele visa o Um, ou seja, constituir um a partir de dois, pois o amor surge para dar sentido ao real da sexualidade e visa preencher a falta.

Para Lacan, no Seminário 20 *Mais, ainda*, o homem (aquele que se coloca no lado masculino da teoria da sexuação) que aborda a mulher,

só que, o que ele aborda, é a causa de seu desejo, que eu designei pelo objeto *a*. Aí está o ato de amor. Fazer amor como o nome o indica, é poesia. Mas há um mundo entre a poesia e o ato. O ato de amor é a perversão polimorfa do macho, isto entre os seres falantes. Não há nada mais seguro, de mais coerente, de mais estrito quanto ao discurso freudiano. (LACAN, 2008, p. 78)

Ainda no mesmo seminário, páginas depois, encontramos o seguinte parágrafo:

o que se viu, mas apenas do lado do homem, foi que aquilo com o que ele tem a ver é com o objeto *a*, e que toda a sua realização quanto à relação sexual termina em fantasia. Viu-se isto muito bem a propósito dos neuróticos. Como é que os neuróticos fazem amor? Foi daí que se partiu. Não se pode deixar de perceber que havia correlação com as perversões – o que vem em apoio do meu *a*, pois o *a* é aquilo que, quaisquer que sejam as ditas perversões, está lá como causa delas. (LACAN, 2008, p. 92-93)

Pois o homem se relaciona com o objeto *a* e toda sua realização quanto à relação sexual termina em fantasia. Isso tem haver com as perversões, pois o *a* está como causa delas também. Por isso Lacan diz que o ato de amor é a perversão polimorfa do macho, embora ele explique também que os neuróticos não possuem características de perversos, eles simplesmente sonham com isso. E que a amoralidade dos perversos está ligada a uma subversão da conduta apoiada num saber fazer, ao saber sobre as coisas e sobre a sexualidade.

A psicanalista Nadiá Paulo Ferreira escreve que:

(...) em toda súplica de amor, o que está em jogo é o desejo. É nesse sentido que Lacan diz que toda demanda de amor é uma metáfora do desejante. O mecanismo da metáfora não é o da substituição? O amante quer se colocar no lugar do amado ,

porque o que ele verdadeiramente ama é o que há de desejante no amado. (FERREIRA, 2013, p. 38)

Por isso, Lacan escreve no Seminário 10: *A Angústia* que o amor é sublimação do desejo. Também no amor, em relação à posição fálica, o amante se coloca na posição feminina, lado da falta, e o amado na posição masculina, lado do ter.

É o amor com valor de signo que irá determinar os lugares do masculino (amado) e do feminino (amante), fazendo com que esses lugares possam ser trocados, no que diz respeito à relação de sujeito e objeto. E quando isso se realiza, estamos diante não só do amor como metáfora, mas também como acontecimento. É em nome desse amor que o amante comete o que se poderia chamar de verdadeira coragem, ou seja, atos de loucura ou de desvario. (FERREIRA, 2013, p. 45).

No Seminário 10, Lacan apresenta alguns aforismos sobre o amor como só o amor permite ao gozo condescender ao desejo. A psicanalista Denise Maurano nos ajuda a compreender essa frase no seu artigo *A perspectiva “musicante” da voz na psicanálise ou notas sobre o ditirambo psicanalítico*, onde ela explica que o amor coloca em função a dimensão imaginária da relação de objeto, mas também sua relação com a falta, mostrando a dimensão do Real intangível que vigora no seio dessa mesma relação. E, na medida em que nenhum objeto pode responder à existência do sujeito, nenhum objeto pode autenticá-la. Portanto, o amor pode servir como via de reconciliação com a atividade desejante, impondo limites ao gozo.

Para a psicanálise, a paixão é uma alienação do desejo num objeto. Segundo Marco Antônio:

A paixão amorosa, por sua vez, exarceba esse sentimento inerente ao amor, de que se trata de uma complementaridade entre dois sujeitos. Por isso, a paixão não correspondida tem muitas vezes, no seu horizonte, o crime passionai – o assassinato – que, para Lacan, é a única maneira de atingir, ilusoriamente, A relação sexual, com a eliminação radical da diferença do desejo do Outro, o qual sempre introduz, naturalmente, em toda relação, alguma forma de castração. (JORGE, 2011, p. 149)

Como diz o ditado popular: *a paixão é cega*. E acrescentamos o fato de levar as personagens rodrigueanas à morte. Como escreve Nadiá no seu livro cujo título é *Malditos, obscenos e trágicos*, “se o amor tem como marca a ambivalência, ele não só inclui o ódio, mas também se alimenta da fantasia que desata os limites entre sujeito e objeto.” (FERREIRA, 2013, p. 88). A barreira entre sujeito e objeto se esvai, e a morte, no caso das personagens rodrigueanas, se transforma em assassinatos e suicídios em nome do amor.

Marco Antônio explica em seu livro *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan (vol. 1)*, que a lógica do encontro amoroso pode ser esquematizada a partir da articulação entre o objeto *a* e os registros do real, imaginário e simbólico. Pois, de saída, o sujeito se acha desprovido de objeto sexual, condição primordial da espécie humana e que nos remete à condição de real originário da sexualidade como impossível. O encontro com o parceiro se dá através do regime do simbólico, ou seja, através do discurso do Outro e pela contingência simbólica na qual o sujeito se inscreve. E, nesse ponto, entra em jogo o registro do imaginário para estabilizar de modo definitivo a escolha objetual.

Por isso, em relação a essa tripla inscrição do objeto do desejo, a teoria lacaniana ressalta a categoria do real como impossível e que *não cessa de não se escrever*; o simbólico como contingencial e que *cessa de não se escrever*; e, o imaginário como necessário e que *não cessa de se escrever*. Marco Antônio escreve que:

O amor se atém à passagem do que *cessa de não se escrever* para o que *não cessa de se escrever*. É nessa região de interseção entre os regimes simbólico e imaginário que o amor se inscreve e, sendo assim, o amor é essencialmente **produção de sentido**. Por isso, o amor é não só produtor de um discurso fragmentado, porque infinitizado, como também constitui um legítimo estilo literário, a *correspondência amorosa*: o amor exige reciprocidade, exige “correspondência”, o que leva Lacan a afirmar que “amar é querer ser amado”. (JORGE, 2011, p. 146)

Portanto, o amor é uma produção de sentido que elide o não-senso inerente ao real. Nesse ponto, entra em cena o amor que visa transformar a referência objetual instável e contingencial em algo da ordem do necessário. “Se o encontro entre os parceiros se dá sempre pelas vias da contingência, por outro lado, o amor pretende proporcionar uma estabilidade na referência a um determinado objeto exclusivo.” (JORGE, 2011, p. 148)

O amor também está muito presente na obra de Nelson como na peça *Anti-Nelson Rodrigues* (1973), que aparece a promessa do amor eterno e um final feliz diferente da maioria das outras peças. Por isso o próprio autor a define como a mais Nelson Rodrigues de todas, apesar desse título curioso. Nesse peça, selecionamos apenas as personagens principais: Oswaldinho, um típico playboy, filho de pai milionário e que usa as mulheres para seu desfrute; seu pai, Gastão, um milionário infeliz e canalha; e Tereza, a mãe, que é uma mulher frustrada, não gosta do marido e apega-se ao amor do filho. Para esse casal, reina o pessimismo das personagens rodrigueanas, revelando a visão trágica da existência.

Mas existe um outro casal na peça que Sábato Magaldi considera uma convincente história de amor brasileiro, despida da inverossimilhança dessas narrativas. Joice, moça de classe média, mora com o pai, é virgem, adventista e tem um noivo. Ela começa a trabalhar na

empresa de Gastão e quando Oswaldinho a conhece, ele fica impressionado. Ele diz a seu parceiro Leleco, que também trabalha na empresa: “Na saída do elevador, ela passou na frente, e eu olhei o perfil do rabo. Sabe por que eu não gosto da grã-fina? Porque tem bunda chata. Leleco, nunca senti por mulher nenhuma o que senti por essa garota. Incrível. Eu quero sair hoje com ela.” (RODRIGUES, 1993, p. 485).

Leleco, que namora uma amiga de Joice, o adverte que ela é de família e que com ela só casando, no que Oswaldinho retruca que teve, pela primeira vez, taquicardia com uma mulher, que ele estava besta porque o seu coração tinha disparado. Ele a coloca como sua secretária particular e o pai da moça, Salim Salomão, percebe sua segunda intenção. Ele diz à sua filha que “quando se trata de mulher, qualquer homem é um canalha!” (RODRIGUES, 1993, p. 494) e que, quando ele era mais novo, não havia pímulas, então ele confessa os dezoito abortos que ele mandou as meninas que engravidava fazer. Ele continua:

Tua mãe, quando você fez quinze anos, veio me dizer: “*o perigo é o beijo na boca. Nenhuma mulher resiste ao beijo na boca.*” Tua mãe tinha medo que um beijo na boca te perdesse.(...)

Quero te lembrar: os formidáveis como eu fazem o que eu fiz. Quero que você não se esqueça: *o sexo é uma selva de epiléticos.* Mas não é isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que “*o sexo nunca fez um santo. O sexo só faz canalhas.*” (RODRIGUES, 1993, p. 495)

Oswaldinho, que teve todas as mulheres que quis, tenta realmente comprá-la mas Joice não se vende de jeito nenhum. Ele faz uma proposta a ela para passar uma hora num apartamento com ele e passa um xequê num valor alto para dar à Joice. No último ato da peça, ela pega o xequê, rasga em pedacinhos, atira o papel picado no rosto dele, ainda o esbofeteia e diz: “Seu idiota, não quero seu dinheiro, quero teu amor.” Eles se beijam na boca como nos filmes antigos e ele responde: “minha, minha, para sempre” (RODRIGUES, 1993, P. 516)

Assim termina essa peça, com a vitória desse amor romântico, com a ilusão de completude. Joice já havia falado na peça a Oswaldinho que “desde pequena, que eu espero por um amor. (...) Um amor que continuasse para além da vida e para além da morte.” (RODRIGUES, 1993, p. 514). Podemos compreender como o amor aparece aqui como uma tentativa de tamponar a falta ôntica do sujeito, numa tentativa de completude que obtura o real da sexualidade e a própria morte.

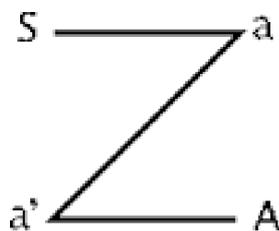
A partir desse trecho dessa peça, também podemos visualizar a sexualidade que leva a um fim trágico expressa pela personagem de Salim Salomão, que, mesmo sendo um bom pai e um bom sujeito, é arrastado pela força pulsional constante que o leva à sucumbir a sexualidade. A sexualidade que impera nas personagens rodrigueanas aparece ligada a uma

maldição, uma sexualidade desenfreada e sem limites com um desfecho trágico, como os dezoito abortos praticados por esse personagem. Enquanto o amor salva e regenera Oswaldinho, o sexo degrada Salim Salomão, uma característica marcante que está presente em toda obra de Nelson Rodrigues.

3.6 Rivalidade imaginária e delírio de ciúmes

Nas peças de Nelson Rodrigues, podemos observar que aparecem, muitas vezes, personagens ciumentas. É notável o ciúme excessivo dessas personagens e isso nos leva a indagar se existe um delírio de ciúmes perpassando em toda obra desse autor. Como exemplo destacamos a frase de Nelson que diz que “Num casal, há fatalmente um infiel. A existência de uma vítima é inevitável. É preciso trair para não ser traído” (RODRIGUES, 1997, p. 38). Como a questão do ciúme e da traição é muito presente em seus escritos, para finalizar esta dissertação, mostraremos como esse ciúme se revela nas personagens associando a uma rivalidade imaginária a partir do esquema R da teoria de Lacan.

O esquema R foi construído para pensar a neurose. É uma continuidade do esquema L, mediado pelo esquema Z e foi construído juntamente com o grafo do desejo. No momento, não estudaremos todo o esquema, destacaremos somente a parte que nos interessa que se refere o eixo imaginário a-a'. Para uma melhor compreensão, primeiramente visualizaremos o esquema L:



Lacan aborda o esquema L no artigo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*, onde ele explica que significa que o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A, articulado como um discurso. O sujeito é parte integrante do discurso, onde a questão de sua existência coloca-se para o sujeito como uma pergunta articulada *quem sou eu nisso?*

No artigo *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, Lacan explica que pode haver uma fixação nos sujeitos nessa imagem, nesse eixo imaginário do ideal do eu. Nesse caso, o eu se articula a uma função de domínio e rivalidade. É nesse eixo que identificamos a rivalidade imaginária que aparecem nas personagens ciumentas do teatro de Nelson, pois elas apresentam um delírio obsessivo que se assemelha a uma paranóia.

Além de diversas frases ditas pelo Nelson Rodrigues descritas nessa dissertação sobre ciúmes e rivalidade entre o eu e o outro, também existem inúmeras personagens apresentando uma forte agressividade com o outro como em *Vestido de Noiva*, peça já citada no capítulo 1 deste texto.

Nessa peça, aparecem cenas de assassinatos por causa de ciúmes. As personagens não medem esforços para dominar o objeto. Enquanto Lúcia aniquila a sua rival, que é a sua irmã, e se casa com o homem amado; o adolescente, que não se contenta em não possuir o objeto amado, assassina a sua amante (a prostituta) e se mata por não suportar o fato de viver sem sua amada.

A peça se inicia com a personagem Alaíde atordoada e sem memória, que foi se lembrando aos poucos o que aconteceu, a partir de uma conversa com a prostituta Clessi e se passa em três planos: alucinação, memória e realidade. Alaíde se recorda de uma conversa que teve com uma mulher de véu que não se lembrava quem era inicialmente:

Mulher de Véu (*patética*) – Pelo menos, nunca me casei com os seus namorados! Nunca fiz o que você fez comigo: tirar o único homem que eu amei! (*com a possível dignidade dramática*) O único!

Alaíde – Não tenho nada com isso! Ele me preferiu a você – pronto!

Mulher de véu – Preferiu o quê? Você se aproveitou daquele mês que eu fiquei de cama, andou atrás dele, deu em cima. Uma vergonha!

Alaíde (*sardônica*) – Por que você não fez a mesma coisa?

Mulher de véu – Eu estava doente!

Alaíde – Por que então não fez depois? Tenho nada que você não saiba conquistar ou... reconquistar um homem? Que não seja mais mulher – tenho?

Mulher de Véu (*agressiva*) – O que me faltou foi seu impudor.

Alaíde (*rápida*) – E quem é que tem pudor quando gosta?

Mulher de véu (*saturada*) - Bem, não adianta discutir.

Alaíde (*agressiva*) – Não adianta mesmo!

Mulher de véu – Mas uma coisa só eu quero que você saiba. Você a vida toda me tirou todos os namorados, um por um.

Alaíde (*irônica*) – Mania de perseguição! (RODRIGUES, 1993, p. 368)

Depois, Alaíde se recorda que a Mulher de véu na verdade é sua irmã, Lúcia. Citamos essas personagens para mostrar a rivalidade imaginária entre duas irmãs, que brigam sempre pelos mesmos namorados, apresentando uma agressividade nessa relação.

As personagens da peça Alaíde e Lúcia podem ser pensadas a partir do eixo imaginário *a-a'* no esquema R citado acima, pois, este eixo, que se refere ao narcisismo e a imagem especular, possui efeitos de sedução e captura e é onde encontramos a agressividade. Lúcia trama a morte de sua irmã com Pedro que era seu amante. Alaíde acaba sendo atropelada e Lúcia então se casa com Pedro no fim da peça. Novamente, a morte aparece como desfecho para a personagem dessa peça de Nelson. Para Alaíde, que roubou todos os namorados da irmã, a morte, que põe fim às irrefreáveis pulsões sexuais.

CONCLUSÃO

Essa dissertação abordou o tema da sexualidade na psicanálise, partindo da teoria de Freud, o criador da psicanálise e Lacan, seu seguidor. Essa pesquisa bibliográfica culminou em uma articulação dos pressupostos psicanalíticos com uma leitura das peças de Nelson Rodrigues, com a pretensão de abordar esse campo polêmico que é o campo da sexualidade.

Vimos no capítulo 1 que a vida pessoal do célebre autor Nelson Rodrigues foi marcada por acontecimentos e tragédias, além das dificuldades financeiras. Em 1941, com sua primeira esposa, Elsa, grávida do primeiro filho, ele começou a escrever peças para conseguir um dinheiro extra. O auto-intitulado *Anjo pornográfico* possui dezessete peças escritas, que estão listadas em 3 grandes blocos chamados Peças Psicológicas, Peças Místicas e Tragédias Cariocas.

Muitas peças de Nelson foram censuradas, pois ele provocava polêmicas a cada peça lançada. Os críticos se dividiam entre os que o admiravam e os que o odiavam. Acusavam-no de imoral, tarado, maldito... Podemos perceber também que a tragédia quando não está explícita, está implícita em sua vida. A estética rodrigueana vai do belo ao horror de forma exagerada, do cômico à tragédia. E o desfecho trágico das personagens nos revelou o drama que elas passam com a força da sexualidade.

No capítulo 2, abordamos a teoria da sexualidade na psicanálise. Segundo Freud, a sexualidade é infantil e perverso-polimorfa. Freud, ao tratar da sexualidade humana, escreve que certas transgressões ditas perversas estão presentes na vida de todas as pessoas e que essa universalidade mostra o quão é impróprio o uso da palavra perversão. Muitas pessoas consideradas normais podem colocar-se como doentes apenas no campo sexual, sob o domínio irrefreável das pulsões. E a psicanálise nos alerta para essa tênue divisão entre o dito normal e o sujeito neuroticamente adoecido.

O autor elucida de forma sistemática a sua teoria da sexualidade pela primeira vez no seu texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em 1905, em que faz um tratado sobre a teoria das pulsões, pois, para a psicanálise, a sexualidade é da ordem pulsional.

Ressaltamos também o caráter de parcialidade da pulsão, pois a satisfação pulsional é sempre parcial, ela nunca se satisfaz completamente e nunca cessa. Ela é uma força constante e o seu objeto é contingencial. Também explicamos os mecanismos do recalque e do sintoma como destino para a pulsão, pois vimos que a severidade das exigências da civilização

prejudica a satisfação pulsional dos sujeitos, que são obrigados a renunciarem a força das pulsões sexuais. E fizemos um recorte sobre os conceitos de amor, desejo e gozo, pois estes conceitos são considerados as três grandes vertentes da sexualidade na psicanálise.

E, por último, mas não menos importante, no terceiro capítulo, articulamos a teoria da sexualidade com diálogos de personagens das peças de Nelson Rodrigues. Vimos como aparecem mulheres degradadas e devastadas e como o complexo de Édipo se desenrola em *Álbum de Família*. Nas personagens de Nelson, as mulheres aparecem como santas e intocáveis ou como prostitutas e degradadas.

Vimos, no teatro de Nelson, que o amor visa a completude e salva as personagens de um desfecho trágico enquanto o desejo ronda em torno da falta de objeto. E, para finalizar, apresentamos o esquema R de Lacan com a finalidade de pinçar o eixo imaginário e associar com a rivalidade e ciúmes que perpassam por toda a obra do autor.

Destacamos durante toda a dissertação frases ditas por Nelson Rodrigues para ilustrar esses pressupostos psicanalíticos que elucidamos durante o texto. Também utilizamos o teatro de Nelson para fazer uma interação desses conceitos com falas, características e atitudes dessas personagens.

Com isso, pretendemos ter ilustrado como a sexualidade é abordada na psicanálise e por Nelson. A força constante das pulsões se revelam nas personagens rodrigueanas levando a um desfecho trágico. Enquanto, na escrita de Nelson, o amor aparece para salvar as personagens, o sexo é a maldição. Como diz o próprio Nelson, “a nossa tragédia começa quando separamos o sexo do amor. Vejam as doenças da carne e da alma, do câncer no seio às angústias sem consolo. Os nossos males têm, quase sempre, esta origem fatal: - o sexo sem amor.” (RODRIGUES, 1997, p. 15)

E a psicanálise traz a concepção de que a relação sexual é impossível, pois ela é não-toda na linguagem e o significante é sempre barrado. O amor acontece em suplência à impossibilidade dessa relação.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sônia. Sexo e devastação, com Nelson Rodrigues. *Estudos em teoria psicanalítica*. Revista *Ágora*, Rio de Janeiro, v. III, n. 1, 2000.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo, Companhia das letras, 1992.
- ELIA, Luciano. *Corpo e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.
- _____. O conceito de sujeito. In: _____. *Psicanálise passo-a-passo 50*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- FERREIRA, Nadiá. *Amor, ódio e ignorância: literatura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005.
- _____. A verdade que não se quer saber apesar de. In: _____. *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: CAPES, 2008.
- _____. *O amor na literatura e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. Disponível em <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/o.amor.nadia.pdf>. Acesso em: 13/05/2016.
- _____. *Malditos, obscenos e trágicos*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2013.
- FREUD, Sigmund. Interpretação de sonhos (Parte II). [1900]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. V
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. [1905]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. VII.
- _____. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. [1908]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. IX.
- _____. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. [1910]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XI.
- _____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). [1910]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XI.
- _____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). [1912]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XI.

_____. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). (1918[1917]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XI.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico. [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. [1914]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

_____. A pulsão e suas vicissitudes. [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

_____. Recalque [1915]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

_____. Além do princípio de prazer [1920]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XVIII.

_____. A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade [1923]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIX.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIX.

_____. Conferência XXXIII Feminilidade (1933[1932]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXII.

_____. Por que a guerra? (1933[1932]) (Eisten e Freud In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXII.

_____. Esboço de Psicanálise (1940[1938]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXIII.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXIII.

HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2011.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v.2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

KAUFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

_____. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

_____. O aturdido. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

_____. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

_____. Introdução à questão das psicoses. In: _____. *O Seminário livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

_____. *O Seminário livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

_____. *O Seminário livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

_____. *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

_____. *O Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

_____. *O Seminário livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Ed Martins Fontes, 2001.

MAURANO, Denise. A perspectiva “musicante” da voz na psicanálise ou notas sobre o ditirambo psicanalítico. In: *A voz na experiência psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni Ed., 2015.

MILLOT, Catherine. Do “todo” ao “não todo”: os quantificadores da sexuação. In: _____. *Nobodaddy a histeria no século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 71-78, 1989.

MIRANDA, Elizabeth da Rocha. Do sintoma ao sinthome: o que não faz sintoma. In: _____. *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: CAPES, 2008.

_____. *A violência do amor materno*. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/a_violencia_do_amor_materno.pdf>. Acesso em: 01/09/2016.

POMMIER, Gérard. *A excessão feminina os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

RINALDI, Dóris. Lacan e a ética In: _____. *A ética da diferença: Um debate entre a psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ Zahar, 1996.

RODRIGUES, N. *Teatro Completo*. Sábato Magaldi (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

_____. *Flor de obsessão: as 100 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Ruy Castro (Org.). São Paulo: Companhia das letras, 1997.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.